



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL

Dinâmicas e Padrões Territoriais do Continente Português



Edição 2000



**INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
PORTUGAL**

Dinâmicas **e Padrões** **Territoriais** do Continente Português

Edição 2000

Catálogo recomendada

DINÂMICAS E PADRÕES DO CONTINENTE

PORTUGUÊS. Porto, 2000-

Dinâmicas e padrões do continente português / ed. Instituto Nacional de Estatística, Direcção Regional do Norte. - 1981/1991-
- Porto : I.N.E.- D.R.N., 2000- . - 30 cm

Periodicidade irregular

ISSN 0874-9787

ISBN 972-673-436-3

Director

Presidente do Conselho de Administração
C. Corrêa Gago

Editor

Instituto Nacional de Estatística
Direcção Regional do Norte
Edifício Scala, Rua do Vilar, 235 - 9º
4050-626 PORTO
Telefone: 22 607 20 00
Fax: 22 607 20 05
e-mail: drn@ine.pt

Composição Gráfica

Isabel Guedes - NPEI • DRN

Impressão

SOARTES

Tiragem

1000 exemplares

Depósito legal n.º. 154930/00

Preço: 2 000\$00 (IVA incluído)
9,98 €

O I N E N A I N T E R N E T

www.ine.pt

Nota Introdutória

Os Recenseamentos da População e da Habitação proporcionam um vasto conjunto de informação representativa a vários níveis de detalhe geográfico. O carácter de exaustividade que lhes está associado proporciona uma intensa utilização destes dados, permitindo a observação e interpretação da ocupação do território segundo perspectivas que os diversos paradigmas procuram sustentar.

Em vésperas da realização dos Censos de 2001, o Instituto Nacional de Estatística coloca à disposição dos utilizadores um conjunto de informação, desagregada ao nível de freguesia, decorrente dos dois últimos recenseamentos organizada sob a forma de cartogramas. Esta forma de apresentação da informação propicia várias imagens da expressão no território do Continente Português de variáveis associadas a características da população residente e habitação. Trata-se de um contributo para a leitura dos diferentes territórios que a informação permite configurar, mas também uma oportunidade de confirmar ou questionar a imagem que fomos construindo sobre a forma, necessariamente complexa, de organização do espaço continental.

Esta publicação, também resultado de uma parte do trabalho desenvolvido em sede de preparação da tese de doutoramento da Dra. Teresa Sá Marques – colaboradora do INE - confere uma abordagem complementar a tantas outras já efectuadas, mas que introduz um quadro de referência inovador na forma e detalhe de apresentação da informação que, cremos, contribuirá para um maior conhecimento do espaço que partilhamos.

Dinâmicas e padrões territoriais¹

1. Urbanização e despovoamento: novas dinâmicas e novos problemas

Os processos de urbanização desenvolveram-se sob diversas formas, nas últimas décadas. Estes processos tomaram dimensões e formas diferentes de país para país. A França, a Itália do Norte, a Áustria e a Espanha juntaram-se ao grupo constituído pelo Reino Unido, a Bélgica, a Alemanha e os Países Baixos – países que registaram uma urbanização mais antiga e sentiram um processo intenso de urbanização e de formação de grandes regiões urbanas. Em Portugal, tal como no sul da Itália, na Irlanda, na Grécia e na Suécia, atravessa-se, ainda, um intenso processo de suburbanização embora um vasto território nacional esteja a sofrer um intenso processo de despovoamento.

As metrópoles e as cidades estenderam-se. Os espaços de residência alargaram-se, as distâncias percorridas são cada vez maiores e novas morfologias urbanas apareceram. O tecido urbano perdeu continuidade e ficou mais fragmentado, as habitações misturaram-se com as actividades industriais e comerciais e estenderam-se pelas áreas rurais. Os limites entre as cidades e os campos diluíram-se, novas centralidades periféricas apareceram, a cidade perdeu a sua centralidade radial e o urbano estendeu-se.

Nas áreas mais urbanizadas, este processo fez com que as metrópoles, as cidades e mesmo os pequenos centros urbanos se integrassem num sistema policêntrico aparente, no qual a vida quotidiana se interliga, onde se pode residir, trabalhar, educar os filhos e passar os tempos de lazer em ambientes urbanos muito diversificados. Ligados a estes processos de extensão, de descontinuidade, de heterogeneidade e de multipolariedade, novas morfologias e novas funcionalidades emergiram.

A cidade tradicional densa, de contornos nítidos e com um centro de gravidade, permanece mas em articulação com novos espaços urbanizados, de maior ou menor extensão, polarizados ou não por outros pequenos centros. Neste contexto de forte urbanização, misturam-se, por vezes, modelos tradicionais de povoamento difuso que, aparentemente, parecem estar a ser integrados ou assimilados pelos processos em curso.

A mobilidade facilita e contribui para esta aparente dispersão. A oferta vai-se diversificando na criação de novas centralidades e os indivíduos frequentam diferentes centros, em função das circunstâncias e das opções que podem fazer. Cria-se uma espécie de rede relacional, mais articulada e mais extensa. Com estas novas mobilidades, novos centros emergem, novas funções urbanas surgem e constroem-se novas conjugações territoriais.

¹ Trabalho elaborado sob a coordenação técnica de **Teresa Sá Marques** (Assistente convidada do Departamento de Geografia da FLUP), baseando-se o texto apresentado numa versão preliminar de uma parte da tese de doutoramento, em preparação, a apresentar à FLUP. A investigação em curso é subordinada à temática "Dinâmicas territoriais e sistema urbano nacional". Este texto sintetiza algumas conclusões que estão ainda em fase de aprofundamento.

Entretanto, o restante território continental sofre, na década de oitenta, um intenso processo de despovoamento e aparente imersão. Algumas pequenas cidades e pequenos centros resistem e mostram algum dinamismo e capacidade para atrair a população que abandona os espaços envolventes. As pequenas cidades crescem cada vez menos, pois o campo tem cada vez menos massa demográfica e, também por isso, menos capacidade para alimentar o crescimento urbano. Assim, algumas pequenas cidades médias e pequenos centros urbanos começaram a mostrar alguma incapacidade para travar os processos de despovoamento em curso e começaram também a perder população residente.

Em vésperas de se realizar um novo Recenseamento da População faz sentido retratar os Recenseamentos da População de 1981 e de 1991. A imagem que o novo Recenseamento vai proporcionar foi construída sobretudo ao longo das últimas décadas.

Será que se tem na memória a imagem correcta do país que somos e que estamos a construir?

A imagem de um território marcado pela dicotomia litoral e interior será verdadeira?

A extensão de uma mancha urbanizada, entre Setúbal e Viana do Castelo, será precisa?

A análise elaborada demonstra uma complexidade territorial que ainda está a ser decifrada. Partimos desde já com as seguintes ideias:

- A imagem de um território marcado pela dicotomia litoral e interior é simplista.
- A extensão da urbanização, entre Setúbal e Viana do Castelo, também não é uma evidência clara.
- O despovoamento está a estender-se e a urbanização está a concentrar-se.
- A extensa mancha despovoada está salpicada de pequenas concentrações urbanas.
- Uma bolsa demográfica, urbana e social emerge sempre no noroeste, em torno do Porto, com uma forma clara e constante.
- No Algarve, afirma-se e estende-se a estrutura urbana linear ao longo da costa.
- Restam as metrópoles, também elas diferentes: Lisboa num processo de metropolização de carácter concentrado e o Porto num processo de urbanização difuso.

A pesquisa elaborada procura identificar uma imagem do território português assente na identificação de sistemas territoriais locais, que tente incorporar um novo modo de habitar e usar o território. As categorias habituais de "cidade" e "campo" ou "centro" e "periferia" estão a tornar-se obsoletas perante uma complexidade de estruturas, funções, movimentos, enfim novas morfologias e urbanidades. Na verdade, trata-se de uma análise ainda em aprofundamento, que confronta com uma realidade em rápida transformação e ainda pouco conhecida, na qual a cidade está a transformar-se e o rural está a urbanizar-se.

Procura-se encontrar uma imagem dinâmica, constituída através de múltiplas famílias de representações territoriais, sobretudo através do cruzamento entre morfologias de povoamento e morfologias económico-sociais e ainda “figuras de transformações” que procuram restituir ou retratar a direcção dos processos em acção. É deste cruzamento que esperamos compreender algo mais sobre as transformações em curso, onde as formas das cidades e as formas de vida dos habitantes se envolvem de um modo imprevisível e, no entanto, nunca se associando de uma forma determinista.

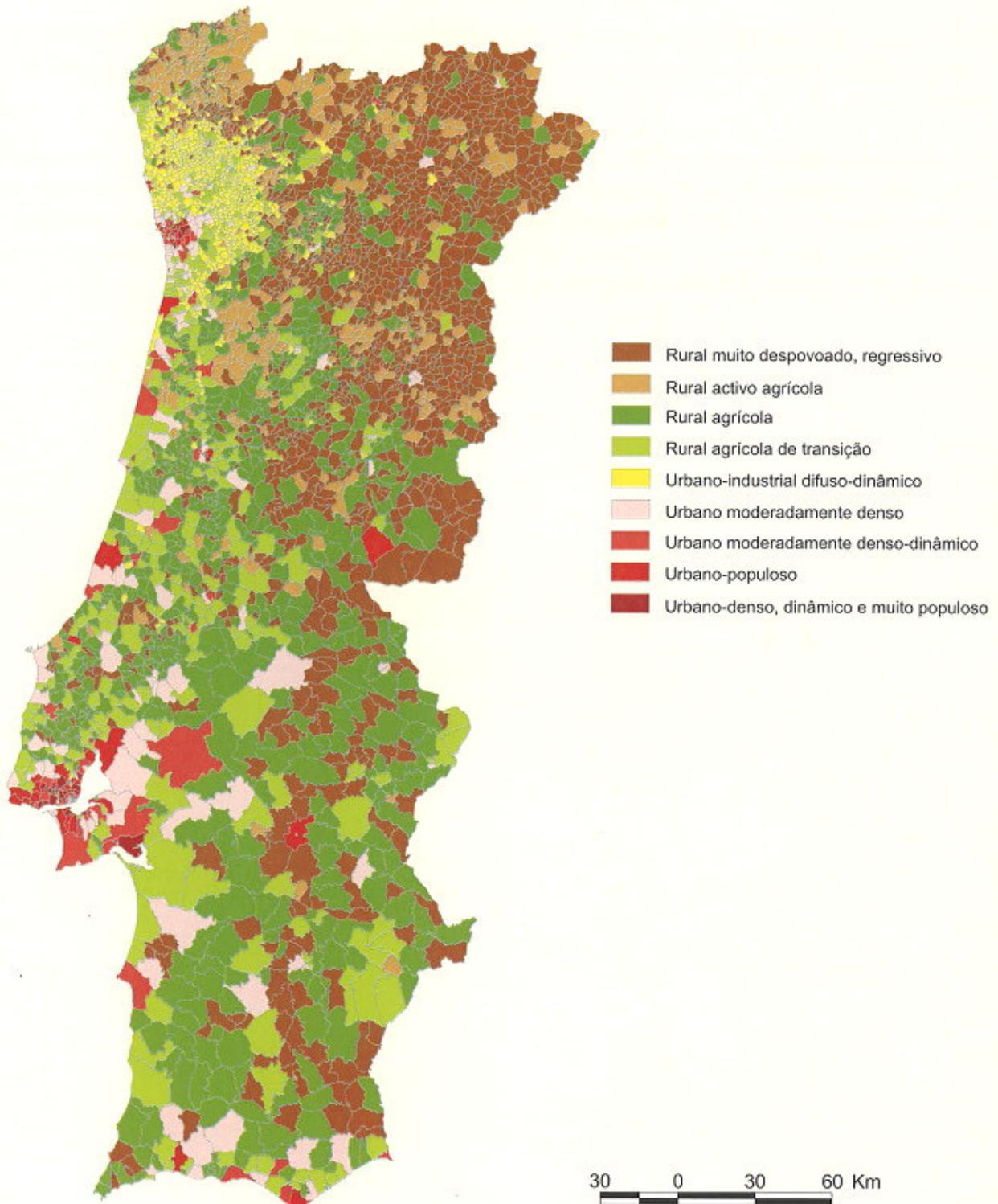
Foram construídas imagens de conjunto a partir dos dados censitários de 1981 e 1991. Trata-se de mapas inéditos, ainda em afinação, que visualizam com eficácia o impressionante processo em curso.

A análise apresentada baseia-se num conjunto de vinte e quatro variáveis demográficas construídas a partir dos Recenseamentos da População². As lógicas de localização do emprego, as mobilidades e as centralidades de comércio e serviços não serão tratadas nas sínteses aqui apresentadas. Concluindo, as imagens territoriais tentam nesta apresentação só retratar lógicas e características inerentes à população residente por freguesias.

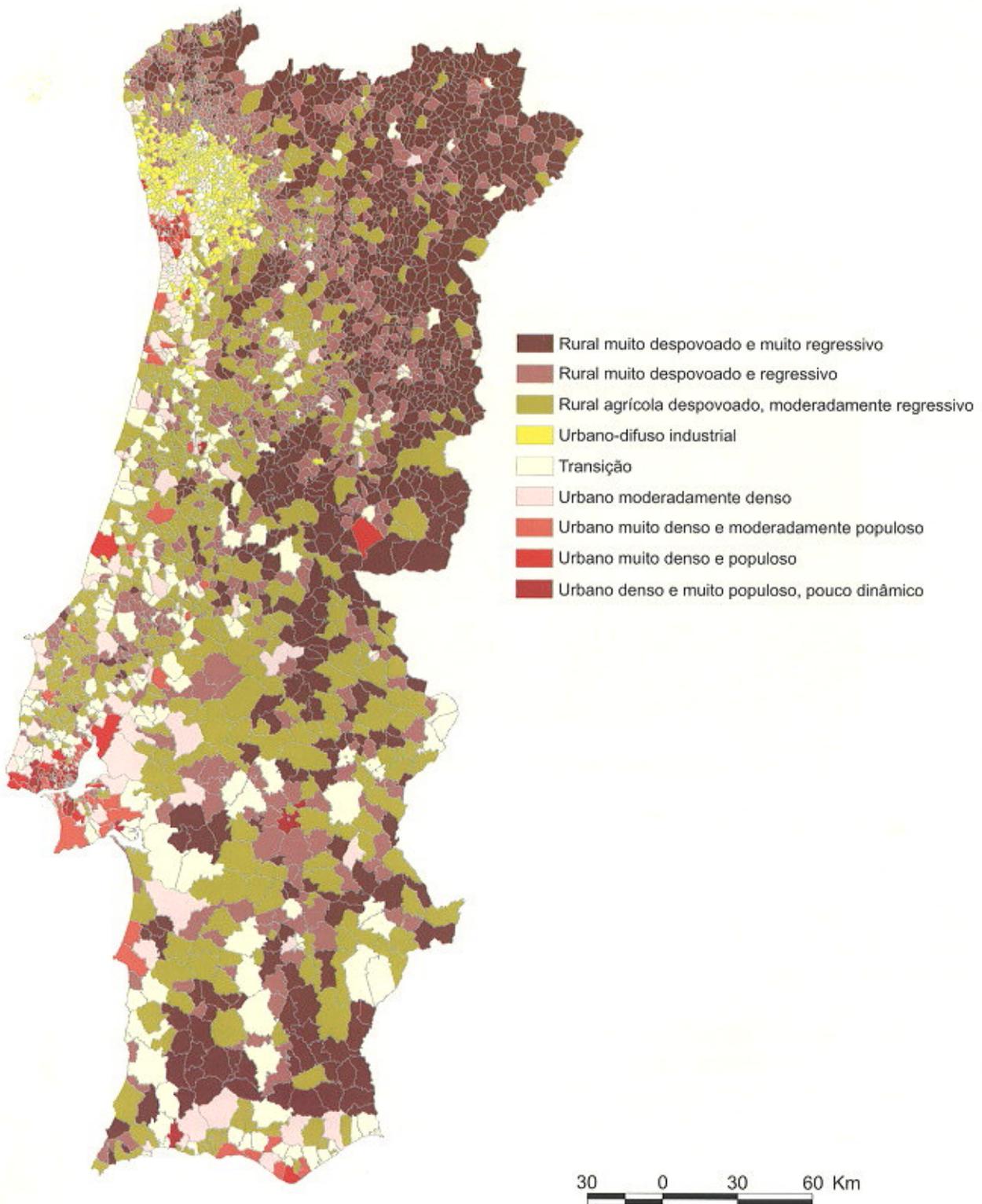
² Ver Nota Metodológica

2. Padrões e dinâmicas territoriais – Síntese Global

Síntese Global, 1981



Síntese Global, 1991



Procurando sistematizar e simplificar o que à partida é complexo, podemos em termos globais considerar três grandes tipos de territórios. Por sua vez, estas três classes subdividem-se de forma a expressar a própria heterogeneidade e diversidade territorial.

Os territórios do Rural

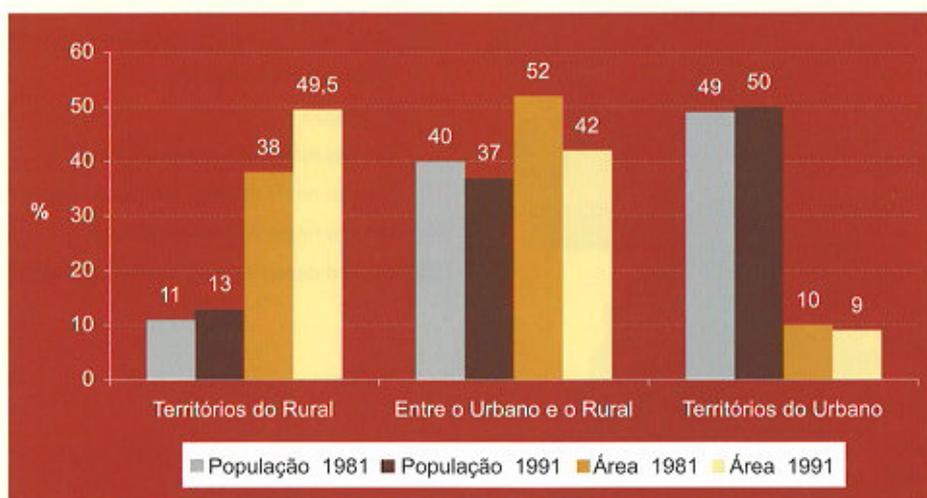
- Rural despovoado e muito regressivo
- Rural despovoado e regressivo

Os territórios entre o Rural e o Urbano

- Urbano-industrial
- Rural agrícola despovoado
- Os territórios de transição

Os territórios Urbanos

- Urbano, jovem e muito populoso
- Urbano populoso
- Urbano moderadamente populoso
- Urbano moderadamente denso



2.1. Os territórios do Rural

Metade do país faz parte deste padrão territorial que em 1991, ocupa 49,5% da área do Continente e que concentra só 13% da população residente em 55% das freguesias. Em 1991, podemos considerar dois subtipos ou padrões diferenciadores: o "rural despovoado e muito regressivo" e o "rural despovoado regressivo".

Em 1981, havia um padrão territorial denominado "rural activo agrícola", onde se evidenciava a importância da população residente activa no sector primário e os níveis de actividade, designadamente no sector feminino. Na década de oitenta, estes territórios sentiram processos muito intensos de regressão demográfica e de abandono da actividade agrícola. Nesta mesma década, o rural despovoou-se e perdeu residentes activos na agricultura; aumentando a sua área de implantação (de 38% da área do Continente passou para 49,5%; de 11% da população passou só para 13%; de 47,5% das freguesias para 55%).

Rural despovoado e muito regressivo

São territórios escassamente povoados, pouco densos, regressivos em termos demográficos e com estruturas etárias envelhecidas. A população residente activa não tem expressão nacional; as percentagens de empregados na população residente não são muito baixas e as mulheres também não têm expressão significativa na estrutura da população residente activa. Em termos sectoriais, nenhuma actividade tem expressão nacional e, ao nível da estrutura de residentes de activos da freguesia, só o sector primário se evidencia. É a classe do esvaziamento geral onde os processos de inversão poderão estar comprometidos.

Em 1981, a classe correspondente (a classe mais despovoada e regressiva) apresentava os indicadores ligeiramente menos desanimadores. Os valores pioraram de 1981 para 1991 e os níveis de envelhecimento ficaram claramente mais expressivos. Em termos de actividades, o sector primário subiu de classe (de elevado para muito elevado) na estrutura da freguesia, o que demonstra que é esta a actividade de uma população envelhecida e em pequeno número.

Neste padrão territorial reside 5% da população do Continente, ocupando 32% da área, em 27,5% das freguesias (1991).

Rural despovoado e regressivo

Esta classe apresenta-se ligeiramente em melhor situação que a anterior. Ainda que menos intensos, os processos em curso são regressivos e caminha-se em direcção aos altos níveis de esvaziamento demográfico da classe anterior. Os centros das cidades aproximam-se desta tipologia pelo seu carácter regressivo em termos populacionais (variações da população residente negativas) e pelo fraco peso populacional.

Neste padrão territorial reside 8% da população do Continente, ocupando 18% da área e 27% das freguesias. Em 1981, neste padrão, com 7% da área do Continente residiam 3% da população. Assim, na década de oitenta, reforçou-se muito este padrão, o que resulta dos processos de despovoamento e de envelhecimento em curso; territórios que aparentavam uma situação razoável em termos demográficos (típica dos padrões territoriais seguintes) viram o seu posicionamento agravar-se.

2.2. Os territórios entre o Rural e o Urbano

Estes territórios ocupavam, em 1991, 42% da área do Continente e concentravam 37% da população residente em 37% das freguesias. De 1981 para 1991, esta grande classe perdeu área de implantação (de 52% para 42% do território) e perdeu ainda alguma representatividade populacional (de 40% para 37%).

Em 1991, podemos considerar três tipos ou padrões diferenciadores: o "urbano-difuso industrial"; o "rural-agrícola despovoado" e a "transição". Em 1981, o panorama era diferente. Entre 1981 e 1991, o "urbano industrial" perdeu alguma área e alguma representatividade nacional, mas de forma pouco significativa, e afinou as suas características. Em contrapartida, o "rural agrícola" perdeu área e população e modificou claramente as suas características. Houve uma perda clara da população residente activa no primário e uma espécie de deslocamentos em dois sentidos: em algumas freguesias, perdeu-se a importância da população activa agrícola e regrediu-se demograficamente dando origem ao "rural despovoado, moderadamente regressivo"; noutras áreas, perdeu-se também activos no primário mas ganhou-se população e activos noutros sectores, originando uma classe de "transição".

Urbano - difuso industrial

É um território com uma população predominantemente jovem, com uma estrutura de actividades onde se evidencia claramente o sector secundário, de fraca densidade populacional e onde a dimensão das famílias é mais elevada. A densidade intermédia conjuga-se com um baixo índice de alojamentos por edifícios e uma variação populacional razoável. Em termos de actividades, registam-se taxas elevadas, uma forte participação da mulher no mercado de trabalho, um sector secundário dominante contrastando com um sector primário e terciário fraco. A população mais idosa é muito pouco expressiva, mas os mais jovens (0 - 14 anos e 15 - 24 anos) evidenciam-se.

Neste padrão territorial reside 8% da população do Continente, ocupando 2% da área, em 12% das freguesias. Em 1981, representavam 9,6% da população em 3% da área. Mas as alterações são sobretudo a outro nível. Naquele ano, este padrão apresentava-se relativamente próximo dos territórios rurais onde a agricultura tem ainda importância na estrutura de residentes activos, sendo que, em 1991, este padrão afasta-se e individualiza-se de uma forma mais clara. Percebe-se que aumentou de densidade, perdeu alguma dinâmica populacional, aumentou os níveis de actividade, designadamente feminina, reforçou o peso do sector secundário no Continente e nas freguesias e reforçou o peso dos mais jovens. Em termos de área de implantação manteve, grosso modo, o mesmo desenho.

Rural agrícola despovoado

Este mosaico apresenta ingredientes bastante interessantes. Trata-se de territórios com fraca expressão demográfica, com variações da população negativas, mas não tão reduzidas como as anteriores, de baixa densidade e onde se evidencia a importância nacional dos residentes activos do sector primário. Aqui, os residentes activos do sector primário tinham, em 1991, uma expressividade evidente. Enquanto que, nas classes anteriores, o primário só tinha representatividade na estrutura local (na freguesia), nesta classe, aquele sector emerge claramente nos indicadores de peso relativo no Continente. São territórios menos despovoados que os descritos anteriormente e onde aparentemente, em 1991, ainda havia recursos demográficos capazes de travar processos de esvaziamento mais graves.

Neste padrão territorial reside 14% da população do Continente, ocupando 27% da área e 17% das freguesias. Entre 81 e 91, verificou-se uma diminuição da área de implantação (de 34%, em 1981, passou para 27%, com idêntica população) e implicitamente da perda demográfica. Em 1991, todos os escalões etários têm baixa representatividade no Continente.

Os territórios de transição

É o padrão dos índices fracos e intermédios inferiores. São territórios aparentemente de transição. Demarcam-se dos outros pelo seu contributo no contexto do Continente (nem muito nem pouco, apenas um pouco abaixo do razoável). Assim, têm um peso relativamente fraco de população residente (jovens, adultos e idosos), um terciário social e económico pouco significativo a nível nacional e um secundário ligeiramente um pouco mais alto. A variação da população é também intermédia.

Neste padrão territorial reside 15% da população do Continente, ocupando 12% da área e 9% das freguesias. Esta classe, com as características de 1991, não existia em 1981. O processo de regressão das actividades agrícolas e de industrialização e terciarização da economia explicam esta grande mutação. Assim, em 1981, a classe mais próxima tinha uma estrutura de residentes com o sector primário mais pronunciado e os residentes do sector terciário ainda pouco representados.

2.3. Os territórios Urbanos

Esta importante classe compreende uma grande diversidade de matrizes territoriais numa pequena extensão territorial: o “urbano denso, muito populoso e pouco dinâmico”, o “urbano populoso” e “urbano moderadamente populoso”. Estes territórios ocupam 9% da área do Continente e 8% das freguesias, concentrando 50% da população residente.

São os indicadores de estrutura etária e de actividades que melhor definem os quatro padrões territoriais desta grande classe. Em 1981, havia mais ao menos as mesmas classes, mas com características ligeiramente diferentes. É de realçar que o índice de concentração (alojamentos/edifícios) ganhou importância na definição da tipologia e o indicador variação populacional não é o indicador com mais peso na diferenciação interna. Em termos globais, de 81 para 91, o peso populacional destas categorias ganhou importância no contexto do Continente. Se, em 1981, só se evidenciavam os escalões dos 15 – 24 e dos 25 – 64 anos, em 1991, todos os escalões ganham representatividade no contexto nacional. É nestes padrões que reside a maioria dos portugueses.

De 1981 para 1991 reforçou-se a complexidade do mosaico metropolitano. Em 1981 este grande grupo estava mais circunscrito às áreas metropolitanas. Em 1991, o puzzle metropolitano fragmenta-se e aparecem diversas coroas ou anéis. Os centros tradicionais em perda de representatividade demográfica emergem dramaticamente e as diferentes freguesias adjacentes vão apresentando dinâmicas e características inerentes aos processos metropolitanos em curso (dinâmicas imobiliárias, novas centralidades de comércio e serviços, estagnação industrial, etc.).

Urbano, jovem e muito populoso

Aqui encontramos uma importante franja de população nacional, designadamente de residentes activos. É a classe dos índices elevados e muito elevados. Assim, é elevado ou muito elevado o peso da população residente (jovens, adultos e idosos), dos activos do sector terciário económico e social e do secundário e dos níveis de participação no mercado de trabalho. A densidade populacional é também elevada e a variação populacional razoável (classe intermédia inferior). De 81 para 91 evidenciou-se a importância das camadas etárias mais jovens (0 aos 14 anos e 15 aos 24 anos).

Neste padrão territorial reside, em 1991, 15% da população do Continente, ocupando 0,5% da área e 1% das freguesias. Em 1981, esta classe ocupava menos área (0,22%) e implicitamente menos população (9%). Hoje em dia esta classe desenha um anel metropolitano em Lisboa e outro no Porto e pontualmente emerge no restante território, designadamente nas cidades de Coimbra, Évora, Setúbal e Portimão.

Urbano populoso

É a matriz dos índices altos e elevados. São territórios com um índice de alojamentos por edifícios muito alto e um peso populacional no contexto nacional muito significativo (alto índice de jovens, adultos e idosos). Em termos de actividades, residem populações activas no sector terciário e secundário (peso elevado no contexto do Continente). Na estrutura das freguesias, domina o terciário económico e social e a população com idade entre os 25 e os 64 anos.

Neste padrão territorial reside 10% da população do Continente, ocupando 1% da área e 1% das freguesias. Desenha um anel nas áreas metropolitanas e emerge ligeiramente em algumas cidades, designadamente Braga, Vila do Conde/Póvoa do Varzim, S. João da Madeira, Castelo Branco, Faro e Marinha Grande. Em 1981, ocupava um pouco mais de área (1,5%) e concentrava muito mais população (18%). De 1981 para 1991, algumas freguesias (20 freguesias) passaram para os territórios anteriormente tratados e outras (16 freguesias) aproximaram-se do próximo tipo ("urbano moderadamente populoso"). Nas áreas metropolitanas este padrão perde representatividade nos centros tradicionais que entram em processos de perda demográfica. Em 1981, algumas cidades também se realçam (Portimão, Faro, Évora, Castelo Branco, Marinha Grande, Coimbra, Ovar, Póvoa do Varzim – algumas delas transitam para a tipologia anterior em 1991).

Em 1991, o "urbano populoso" e "urbano muito populoso" concentram 25% da população em 1,5% da área. São sobretudo as coroas residenciais dos activos metropolitanos e algumas freguesias mais populosas de algumas pequenas cidades médias.

Urbano moderadamente populoso

É a matriz dos índices intermédios e altos. No entanto, tem um índice de alojamentos por edifício muito elevado e densidades populacionais por freguesia muito variáveis. Em termos populacionais são territórios moderadamente populosos (pesos populacionais razoáveis nas várias franjas etárias) e aqui reside uma massa significativa de activos do terciário e do secundário (índices altos). Na estrutura da freguesia, domina o terciário económico e a população com idade entre os 25 e os 64 anos.

Neste padrão territorial reside 12% da população do Continente, ocupando 2% da área e 2% das freguesias. Em 1981, a classe correspondente tinha 9,5% da população e ocupava 3% de área. Houve um processo de reforço demográfico e o indicador alojamentos por edifícios ganha definição. É também um padrão predominantemente metropolitano.

Urbano moderadamente denso

São territórios de transição. As classes intermédias dominam nos indicadores. O peso populacional é razoável (classe intermédia inferior) em todas as franjas etárias e, em termos de actividades, evidencia-se um peso razoável (superior) dos residentes activos no terciário económico e social e no secundário e altas taxas de actividade. As densidades populacionais são razoáveis.

Neste padrão territorial reside 13% da população do Continente, ocupando 5% da área e 4% das freguesias. Em 1981 os valores eram aproximadamente iguais (13% de população em 6% de área). Ao contrário dos padrões anteriores, este não é exclusivo das áreas metropolitanas. Se, por um lado, é o rebordo exterior das mesmas, por outro, evidencia-se pontualmente por todo o território do Continente, fazendo emergir o urbano moderadamente denso.

2.4. O centro das metrópoles

Em termos finais, os centros das metrópoles merecem um enfoque especial. Os processos de despovoamento e de envelhecimento da população foram tão intensos, sobretudo em Lisboa, que as suas características são muito semelhantes às verificadas nos Territórios Rurais. Nos centros das metrópoles residem cada vez menos indivíduos e os que ficaram são os mais velhos e já não activos. As dinâmicas populacionais são regressivas. Só o indicador "alojamentos por edifícios" é naturalmente e significativamente diferente dos Territórios Rurais. Esta aproximação nos comportamentos dos demais indicadores determinou que os Territórios Rurais e o Centro das duas metrópoles ficassem na mesma categoria territorial, como já referimos. De 1981 para 1991, a população residente diminuiu e a área de "crise" aumentou.

Conclusão:

De 1981 para 1991, o território nacional ficou aparentemente mais rural em termos de área e mais urbano em termos populacionais.

3. Sínteses Temáticas

De forma a sustentar e desenvolver algumas das afirmações apresentadas anteriormente, serão apresentadas três sínteses territoriais, materializando três domínios analíticos³:

- urbanidade
- demografia
- actividades

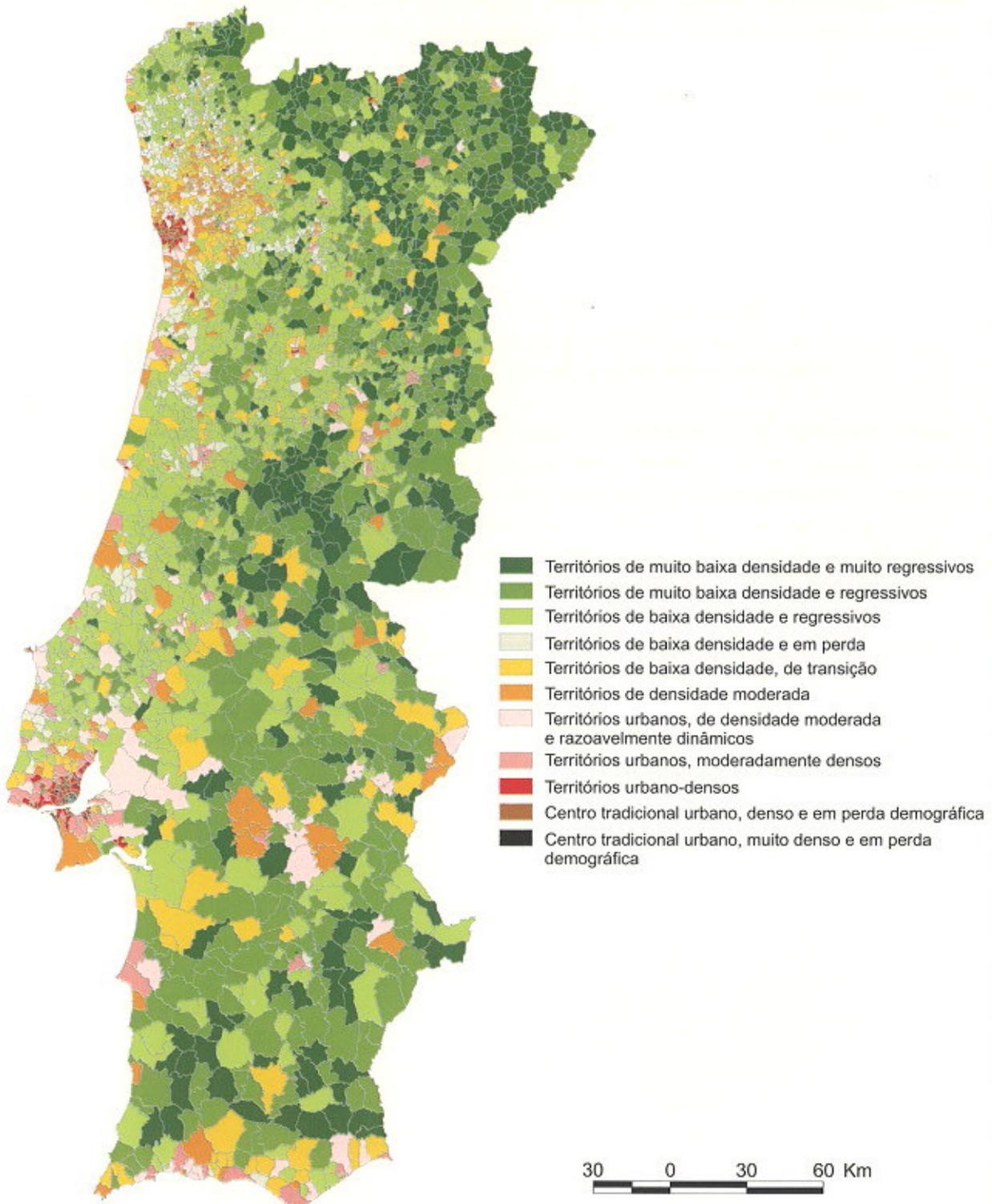
³ Ver Nota Metodológica - páginas 27 e 28.

3.1. Processos de urbanização em curso

Síntese Urbanidade, 1981



Síntese Urbanidade, 1991



“Cidade” e “Campo” constituem uma terminologia histórica mas ainda com um forte simbolismo do ponto de vista económico, urbanístico e social. O binómio cidade e campo aparece muitas vezes substituído pelo “urbano” e o “rural”, mas cada vez mais emergem uma complexidade de formas, funcionalidades, cruzamentos que procuram exprimir uma realidade complexa e multiforme. Em termos urbanísticos, na década de oitenta, o território continental sentiu dois processos em simultâneo, sendo um, em parte, a consequência do outro, mas divergentes nos resultados. Por um lado, numa parcela do território continental o “urbano” intensificou-se e estendeu-se, por outro lado, o despovoamento e o envelhecimento da população vieram marcar o restante território.

Nesta abordagem foram considerados três indicadores. A densidade populacional e os alojamentos por edifícios, de forma a retratar a urbanidade física, o nível de concentração e densificação territorial, e a variação da população como indicador de dinamismo populacional.

Com base nas análises elaboradas podem ser definidas três *classes* ou *padrões territoriais*⁴ no Continente português:

- 1 - os territórios mais urbanizados,
- 2 - os territórios razoavelmente urbanos,
- 3 - os territórios menos urbanizados.

De 1981 para 1991, a classe intermédia perde expressão territorial (área) e população residente, enquanto que os territórios menos urbanizados ganham expressão populacional e área territorial. Entretanto, os territórios urbanizados intensificam a concentração de população residente do Continente. Assim, é a classe intermédia que perde a sua representatividade, o território reforçou o seu desequilíbrio urbanístico e intensificaram-se os processos de dualização. O urbano ganha sobretudo em população e o rural aumenta a sua área de implantação.

Relativamente às duas metrópoles, Lisboa apresenta um processo de metropolização de carácter concentrado, mais denso, com uma urbanização mais intensiva e concentrada, com um centro tradicional em clara perda demográfica e uma periferia muito populosa e cada vez mais densa. O Porto apresenta um processo de urbanização menos intensivo e com um centro tradicional a registar perdas demográficas menos alarmantes.

⁴ Ver Nota Metodológica - páginas 27 e 28.

Apoio à leitura dos mapas - Síntese Urbanidade, 1981 e 1991

O Despovoamento estende-se e intensifica-se

- Os intensos processos de despovoamento verificados na década de oitenta intensificaram aparentemente a dicotomia entre o urbano e o rural. O rural estendeu-se e despovoou-se (mapa 1 – manchas a verde) e o urbano intensificou e aumentou a sua área de implantação.
- Os territórios onde os processos de regressão demográfica se intensificaram, arrastaram uma diminuição generalizada da densidade populacional e do número de alojamentos por edifícios. Foi uma perda generalizada dos escassos recursos humanos existentes. No entanto, nesses territórios as cidades médias resistiram, pontuando e emergindo na extensa mancha verde. Os centros urbanos, uns mais dinâmicos e outros mais modestos, mostraram assim alguma capacidade para resistir ao despovoamento. Estes pequenos centros densificaram e viram também as áreas periurbanas estenderem-se. Assim, o processo de urbanização e crescimento das periferias não os excluiu. Pelo contrário, os pequenos centros demonstram já alguma incapacidade de resistência à força do despovoamento.
- O norte interior parece demonstrar alguma fragilidade urbana e aparece salpicado de pequenos centros. O centro resiste com alguma dificuldade, mas emerge uma estrutura urbana policêntrica, com especial destaque para as cidades médias, como Aveiro, Viseu, Marinha Grande/Leiria, Coimbra e Covilhã/Fundão. Estas pequenas cidades expandiram-se e aumentaram de dimensão populacional. O Alentejo⁵ cresce sobretudo em torno de Évora, Sines/Santiago do Cacém e Campo Maior/Elvas/Vila Viçosa.

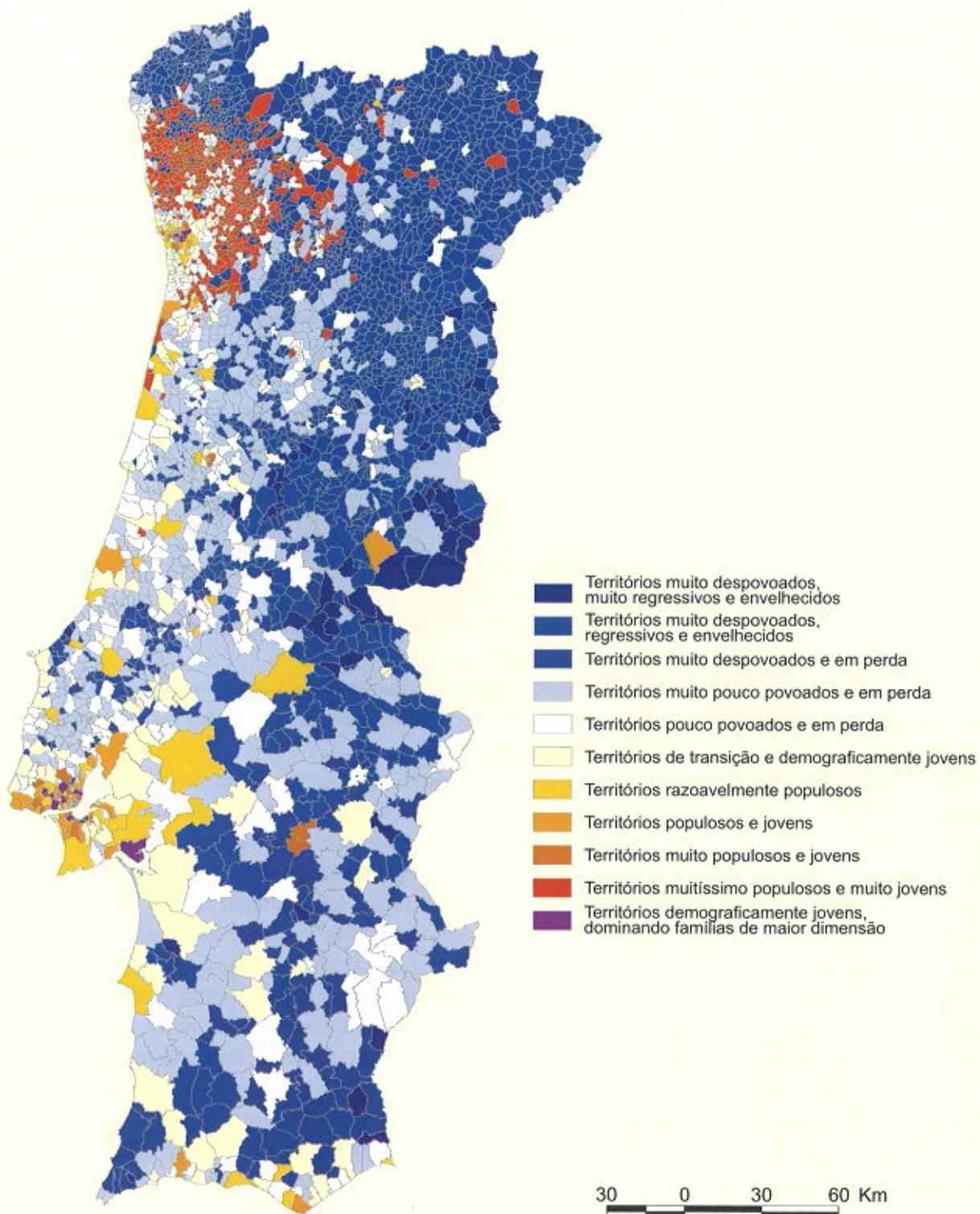
A Urbanização intensifica-se

- As áreas metropolitanas estenderam os seus territórios de urbanização, os processos de densificação intensificaram-se e a fragmentação urbana instalou-se.
- Nas metrópoles as áreas de urbanização tradicional aumentaram a sua área de implantação e novas centralidades emergiram. Entretanto, os centros tradicionais sentiram também um processo de despovoamento e de crise, com maior incidência em Lisboa.
- Na metrópole de Lisboa a expansão urbana é radial, muito intensa e com um elevado dinamismo, espalhando-se com níveis de concentração bastante significativos. No Porto a dinâmica populacional é mais modesta e a mancha urbana estende-se em “mancha de óleo” mas muito fragmentada e com menor índice de concentração (densidade populacional e alojamentos por edifício).
- Na metrópole do Porto, a expansão da mancha urbana entra em contacto com a expansão da mancha urbana-difusa da área envolvente, não se sabendo onde inicia uma e acaba a outra. A mancha urbana fragmentada da metrópole dilui-se na mancha urbana de baixa densidade. Assim, a metrópole cresce por coalescência criando uma mancha urbana estruturada por um sistema policêntrico de pequenas centralidades, mas fragmentada e difusa. Desenha-se, assim, uma extensa mancha urbana desde Vila do Conde/Póvoa do Varzim, integrando a norte Barcelos, Braga, Guimarães e Fafe e descendo por Amarante, Paredes, Penafiel e Marco e emagrecendo para sul em direcção a S. João da Madeira, Oliveira de Azeméis e Vale de Cambra e Aveiro.
- No Algarve desenha-se um urbanização linear, dinâmica e também ela fragmentada, que se estende por toda a faixa litoral. De 1981 para 1991, esta faixa afirmou-se e estendeu-se.

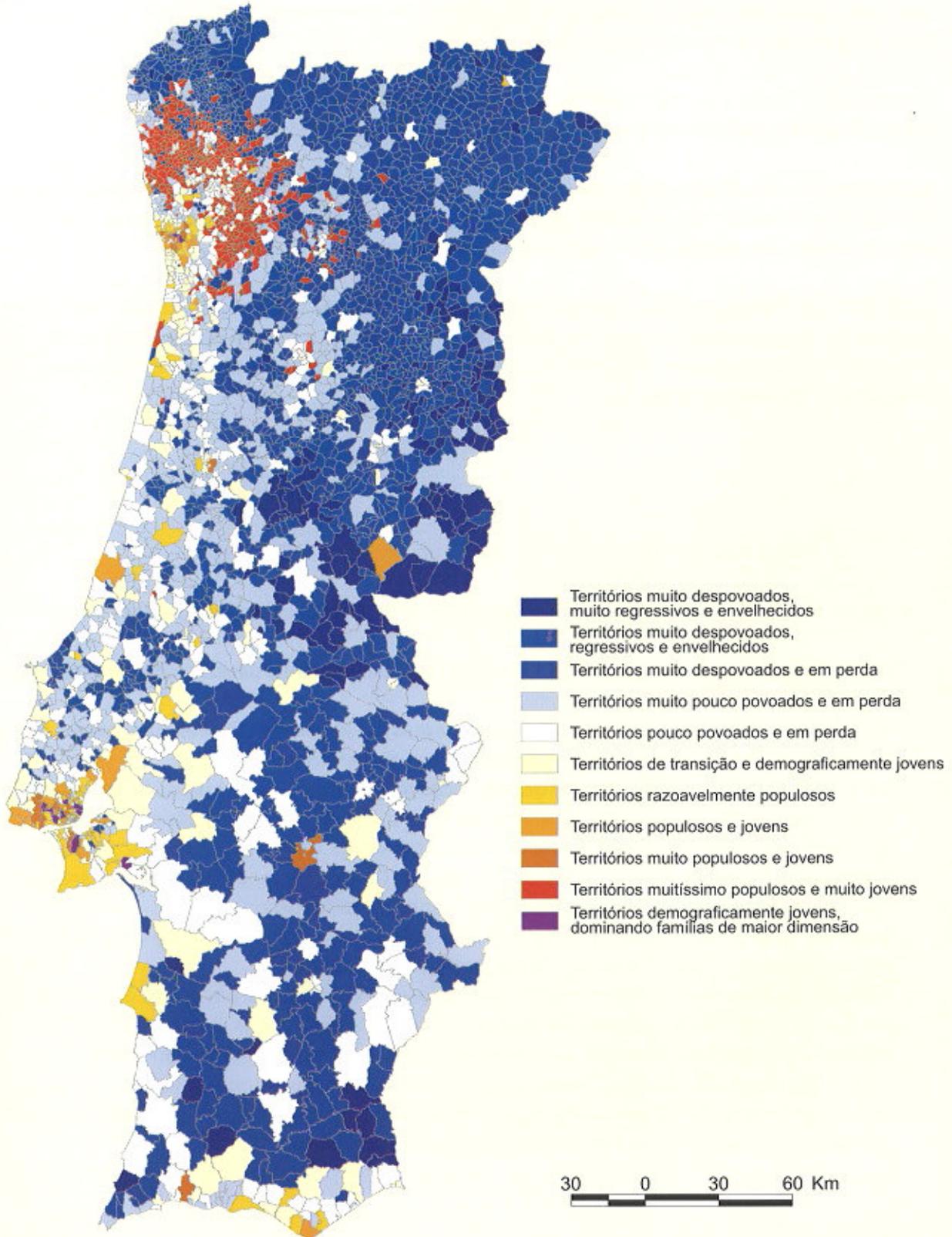
⁵ As freguesias do Alentejo, quando comparadas com as do Norte e do Centro, têm uma dimensão superior o que dificulta as comparações e, por vezes, dá uma evidência exagerada aos processos em curso.

3.2. A imagem demográfica dos anos noventa⁶

Síntese Demografia, 1981



Síntese Demografia, 1991



Na década de oitenta, as áreas despovoadas e regressivas de 1981 perderam ainda mais população e envelheceram, enquanto que as áreas dinâmicas e densamente povoadas de 1981 rejuvenesceram e continuaram a aumentar o número de residentes. Os centros tradicionais das metrópoles acentuaram a perda de população residente e o abandono alastrou-se às freguesias circundantes, enquanto as coroas periféricas ganharam população. Lisboa iniciou o processo regressivo do centro tradicional mais cedo e com uma maior expressão, mas a metrópole no seu conjunto aparenta um dinamismo mais intenso e mais concentrado que o Porto.

No noroeste, é claramente visível uma mancha muito característica e bem desenhada, expressando a força demográfica deste território e a sua juventude no contexto nacional.

Aparentemente, a dicotomia urbanística referida anteriormente acompanha naturalmente a dicotomia demográfica. As áreas mais povoadas acentuaram o seu peso demográfico e as menos populosas viram-se ainda mais privadas dos escassos recursos humanos.

No entanto, em termos globais, a imagem demográfica de 1981 não se alterou muito para 1991, só se acentuaram as imagens recolhidas: nas áreas mais despovoadas, a população residente está ainda mais envelhecida, o número de residentes diminuiu e a capacidade de inverter os processos de esvaziamento vai escasseando.

Apoio à leitura dos mapas – Síntese Demografia, 1981 e 1991

Em termos meramente exemplificativos, pode-se referir algumas conclusões a registar:

- as duas classes mais regressivas de 1981 para 1991 estenderam e passaram de uma área total de 25% para 36% em 1991;
- entretanto a população residente nessas duas classes praticamente não se alterou, passando de 5% (em 1981) para os escassos 6% da população residente total (em 1991);
- em sentido oposto, em 1981, metade da população residia em 12,6% da área do Continente e em 1991 bastava 9,3% da área para concentrar a mesmo quantitativo de população residente;
- em 1991, as áreas demograficamente mais regressivas representavam 88% da área do Continente, onde residiam 43% da população do Continente, e as áreas mais dinâmicas representavam uns escassos 12% da área e concentravam 57% da população;
- tanto em 1981 e 1991, realçam-se no território despovoado duas áreas pela intensidade da regressão demográfica, a Serra Algarvia e a Região Centro interior;
- o Alentejo já ultrapassou aparentemente o seu limiar mínimo e atenuou os processos regressivos porque quase já não tem população residente para perder (os processos naturais explicam as perdas). No entanto, alguns centros urbanos exprimem uma nova vitalidade demográfica;
- Trás-os-Montes e Alto Douro também imergiram e continuam em perda populacional, enquanto que os centros urbanos perderam algum dinamismo que aparentavam em 1981, tudo isto contribuindo para o reforço da debilidade demográfica desta área.

3.3. Perfis residenciais da população activa

Os centros tradicionais deixam de ser os espaços residenciais das populações residentes activas. As coroas metropolitanas concentram os maiores níveis de população residente activa do sector secundário e terciário e podem-se reconhecer diferentes anéis metropolitanos em função das actividades dominantes dos residentes activos.

Os espaços rurais intensificaram as perdas de activos residentes, diminuíram a representatividade nacional e a agricultura perdeu importância na estrutura de actividades das freguesias. Por outro lado, o terciário social invadiu alguns desses territórios. O rural agrícola perde território.

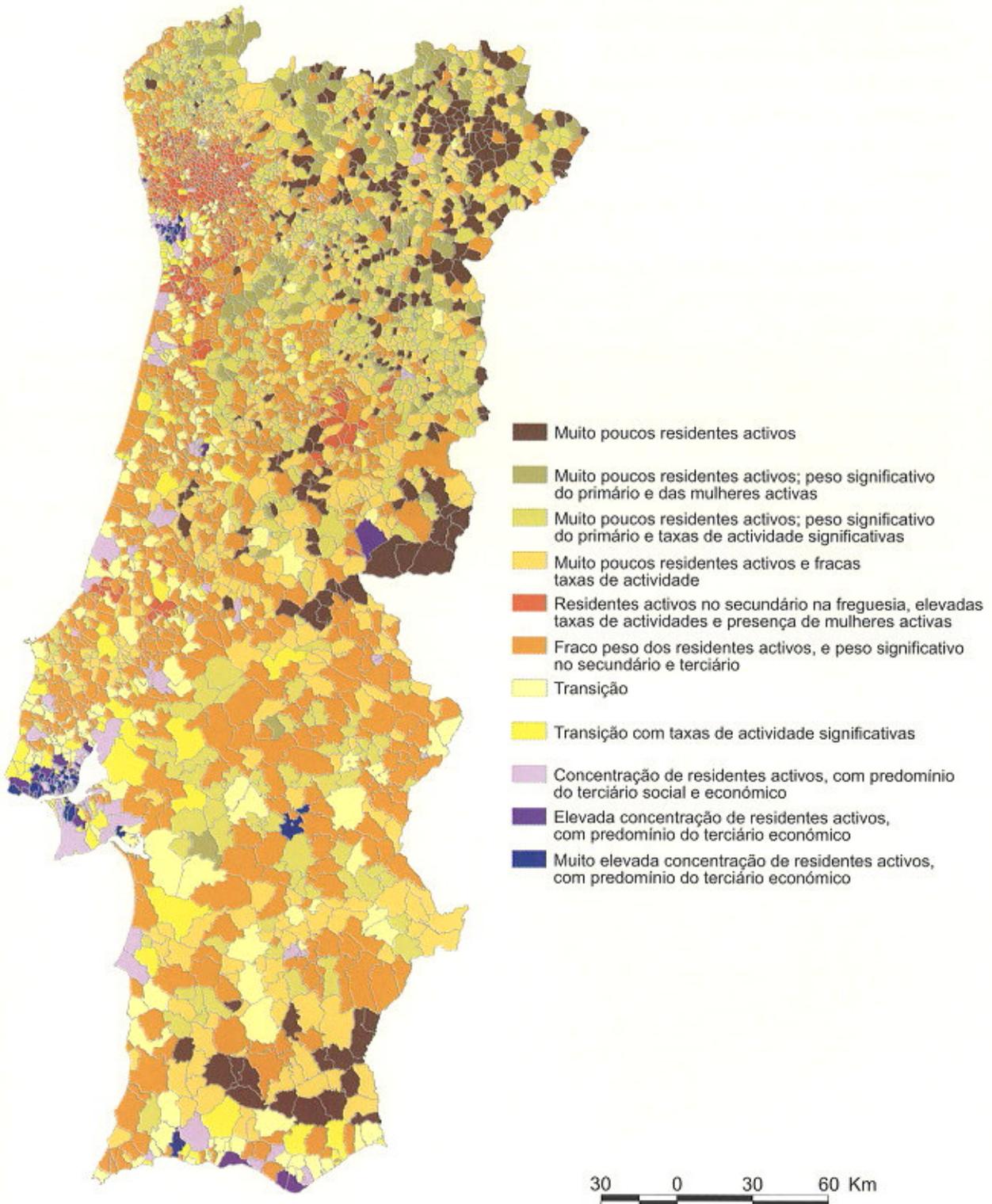
No entanto, houve uma generalizada terciarização com implicações na imagem global do Continente. Um novo padrão territorial impõe-se em 1991 no Continente: o rural perdeu activos agrícolas e ganhou terciário social; as actividades industriais ganharam por todo o lado alguns activos, as taxas de actividade aumentaram e a mulher passou a participar mais no mercado de trabalho.

Concluindo, em 1981, o sector secundário (classe a rosa no mapa) e o sector primário (castanhos e verdes no mapa) marcam as características dominantes do mosaico territorial de actividades e, em 1991, o terciário vem dar uma nova cor (alaranjado e roxo) às estruturas de actividades. A indústria faz também evidenciar alguns sistemas locais.

Síntese Actividades Económicas, 1981



Síntese Actividades Económicas, 1991



Apoio à leitura dos mapas – Síntese Actividades, 1981 e 1991

Em termos meramente exemplificativos, pode-se referir algumas conclusões a registar:

- as coroas metropolitanas são os principais espaços residenciais de população residente activa do sector terciário e secundário do Continente. Desenham-se três coroas em torno do centro das metrópoles, expressando níveis de concentração diferenciais: um anel com níveis muito elevados de população residente activa sobretudo no terciário económico e no secundário e ainda no terciário de carácter social; um anel com valores elevados nos mesmos indicadores, com especial destaque para o terciário económico; e um terceiro anel com valores altos nos três indicadores referidos;
- de 81 para 91, emergiu uma classe perfeitamente desenhada com um peso significativo do sector secundário. Esta mancha apresenta uma elevada taxa de actividade, uma forte participação da mulher no mercado de trabalho e uma forte representatividade do sector secundário na freguesia. Esta estrutura evidencia-se em 1991 no noroeste (Ave, Cávado, Sousa e Entre Douro e Vouga) e em torno da Covilhã.
- as áreas rurais perderam população residente activa e expressão sectorial a nível do Continente. Houve uma espécie de deslizamento negativo, isto é, as classes já rarefeitas de activos em 1981 aparentam em 91 níveis mais baixos de representatividade nacional. Entretanto, os residentes activos do sector terciário de carácter social ganham alguma expressão em alguns *clusters* territoriais e o sector primário perde força.
- as transformações registadas de 81 para 91 são fortemente influenciadas pelo reforço da mulher no mercado de trabalho e pelas alterações verificadas nas estruturas de actividades.

Nota metodológica

Na análise apresentada foram utilizadas 24 indicadores construídos a partir dos Recenseamentos Gerais da População e da Habitação de 1981 e 1991. A base construída refere-se simplesmente a indicadores referentes à problemática residencial, isto é, caracterizadores da população residente e habitação.

As variáveis foram cartografadas com base numa classificação (*natural break*) em 8 classes (presente neste volume nas próximas páginas). Posteriormente a tabela de dados foi reconstruída com base nessa classificação e os valores quantitativos foram substituídos por uma classificação de 1 a 8: 1 – muito elevado; 2 – elevado; 3 – alto; 4 – intermédio superior; 5 – intermédio inferior; 6 – fraco; 7 – baixo; 8 – muito baixo.

Posteriormente recorreu-se à Análise Factorial de Correspondências Múltiplas e em face dos resultados a um método de classificação, construindo-se uma árvore de ligação para cada síntese temática e para a síntese global. Após a análise das “árvores de ligação” conclui-se que deviam ser seleccionadas onze classes para as sínteses parciais (as temáticas) e nove classes para a Síntese Global.

De forma a aprofundar a observação dos processos em curso foram elaboradas várias sínteses temáticas.

Em primeiro lugar, uma tipologia territorial, denominada “Síntese Urbanidade” baseada em três indicadores de concentração e de dinâmica residencial:

Indicadores - (unidades; nº casas decimais)

Alojamentos por edifício, por freguesia, (Alojamento/ Edifício; 1)

Densidade populacional, por freguesia, (Habitantes/ Km²; 0)

Varição da população residente, por freguesia, no período de 1970/ 1981 ou 1981/91 (%; 1)

Daqui resultaram dois cartogramas de síntese, um referente a 1981 e outro a 1991.

Em segundo lugar, uma tipologia territorial, denominada “Síntese Demografia”, baseada em cinco indicadores de peso no Continente em função das idades e quatro referentes à estrutura de idades por freguesia:

Indicadores - (unidades; nº casas decimais)

Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, por freguesia, (%; 1)

Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, do total do Continente, por freguesia, (%; 3)

Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, por freguesia, (%; 1)

Peso da população residente dos 15 aos 24 anos (%), do total do Continente, por freguesia, (%; 3)

Peso da população residentes dos 25 aos 64 anos, por freguesia, (%; 1)

Peso da população residentes dos 25 aos 64 anos (%), do total do Continente, por freguesia, (%; 3)

Peso da população residente com mais de 65 anos, por freguesia, (%; 1)

Peso da população residente com mais de 65 anos (%), do total do Continente, por freguesia, (%; 3)

Peso da população residente relativamente ao total do Continente, por freguesia, (%; 3)

Varição da população residente, por freguesia, no período de 1970/ 1981 ou 1981/1991 (%; 1)

Dimensão média das famílias clássicas, por freguesia, em 1981 (Habitantes/ Família; 1)

Daqui resultaram também dois cartogramas de síntese, um referente a 1981 e outro a 1991.

Em terceiro lugar, um padrão territorial, denominado "Síntese Activos" e baseado em quatro indicadores de peso no Continente, a partir do sector de actividade dos residentes activos, quatro indicadores referentes à estrutura dos sectores por freguesia e três relativos à taxa de actividade e à participação da mulher no trabalho.

Indicadores - (unidades; nº casas decimais)

População em pregada relativamente à população residente total, por freguesia, (%;1)

Peso das mulheres residentes empregadas relativamente ao total mulheres residentes, por freguesia, (%; 1)

Peso das mulheres residentes empregadas relativamente ao total de população residente empregada, por freguesia, (%; 1)

Peso da população residente empregada no sector primário, no total Continente, por freguesia, (%; 3)

Peso da população residente empregada no sector primário, por freguesia, (%; 1)

Peso da população residente empregada no sector secundário, no total Continente, por freguesia, (%; 3)

Peso da população residente empregada no sector secundário, por freguesia, (%;1)

Peso da população residente empregada no sector terciário - serviços de natureza social, no total Continente, por freguesia, em (%; 3)

Peso da população residente empregada no sector terciário - serviços de natureza social, por freguesia, (%; 1)

Peso da população residente empregada no sector terciário - serviços relacionados com a actividade económica, no total Continente, por freguesia, (%; 3)

Peso da população residente empregada no sector terciário - serviços relacionados com a actividade económica, por freguesia, em (%; 1)

Daqui resultaram também dois cartogramas de síntese, um referente a 1981 e outro a 1991.

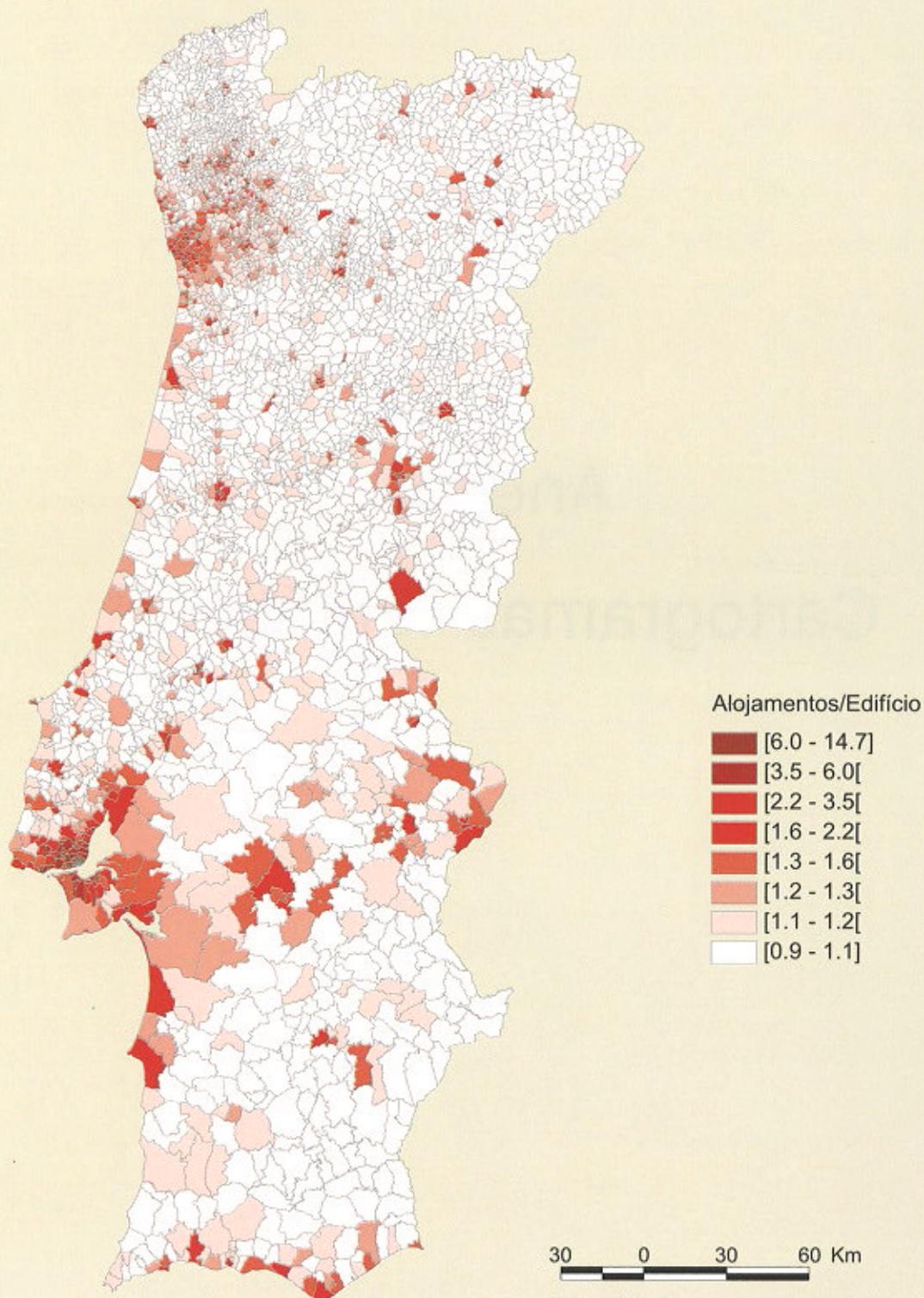
Por fim, aplicando-se a análise factorial de correspondências a toda a base de indicadores elaborou-se a Síntese Territorial – Global.

Daqui resultaram dois cartogramas, um referente a 1981 e outro a 1991.

As Síntese elaboradas foram cartografadas e as cores aplicadas às classes correspondem a uma análise cuidada do conteúdo de cada classe. Para isso, na análise factorial de correspondências múltiplas seleccionaram-se as variáveis com os "Valores Teste" superiores a dez e ainda as "Modalidade/Classe" superiores a quarenta sempre que o "Valor Teste" é inferior a dez. Procurou-se que as cores seleccionadas retratassem uma realidade estatística e contribuíssem para uma melhor leitura dos resultados obtidos.

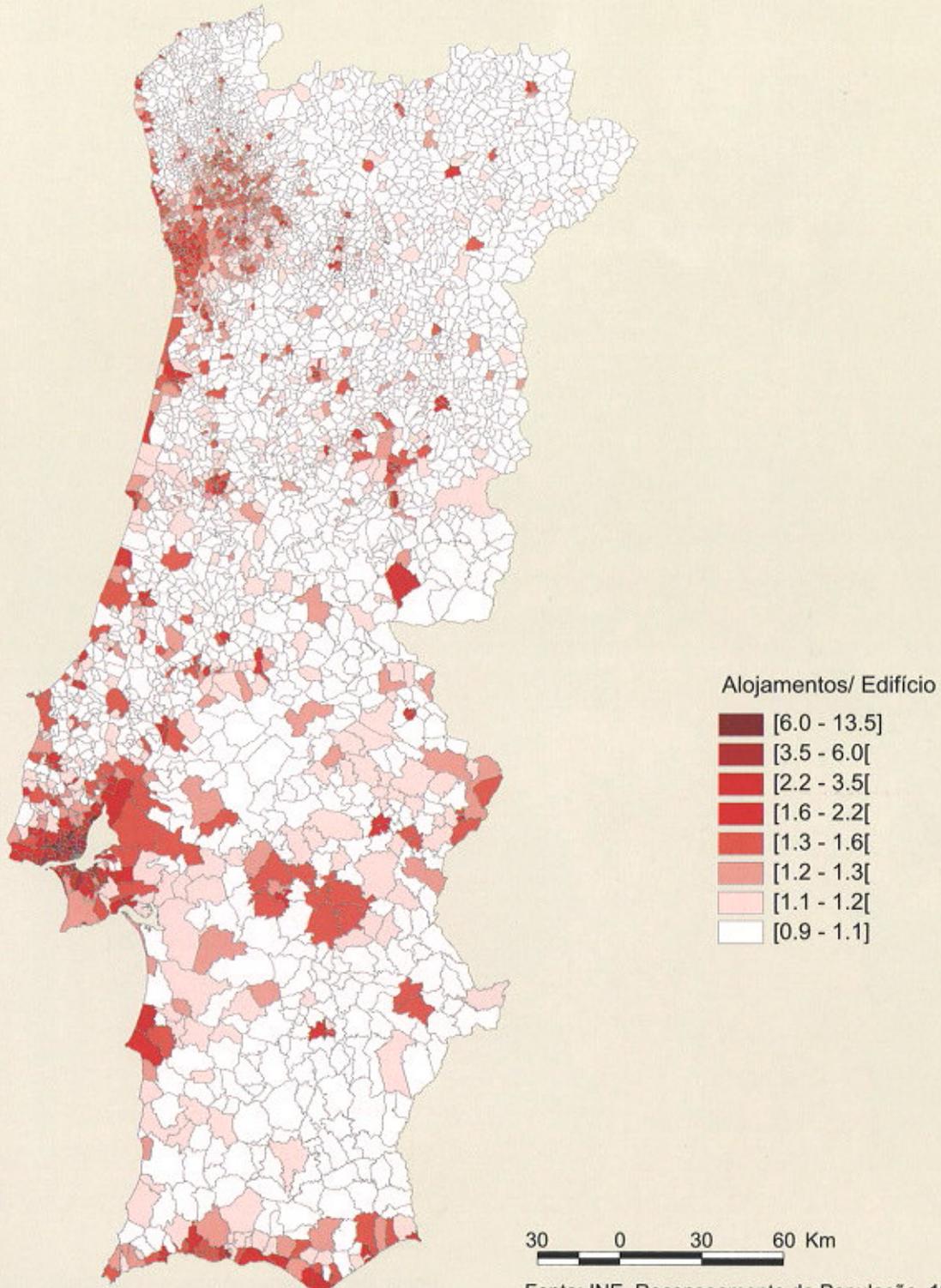
Anexo:
Cartogramas Temáticos

Alojamentos por Edifício, por freguesia, em 1981



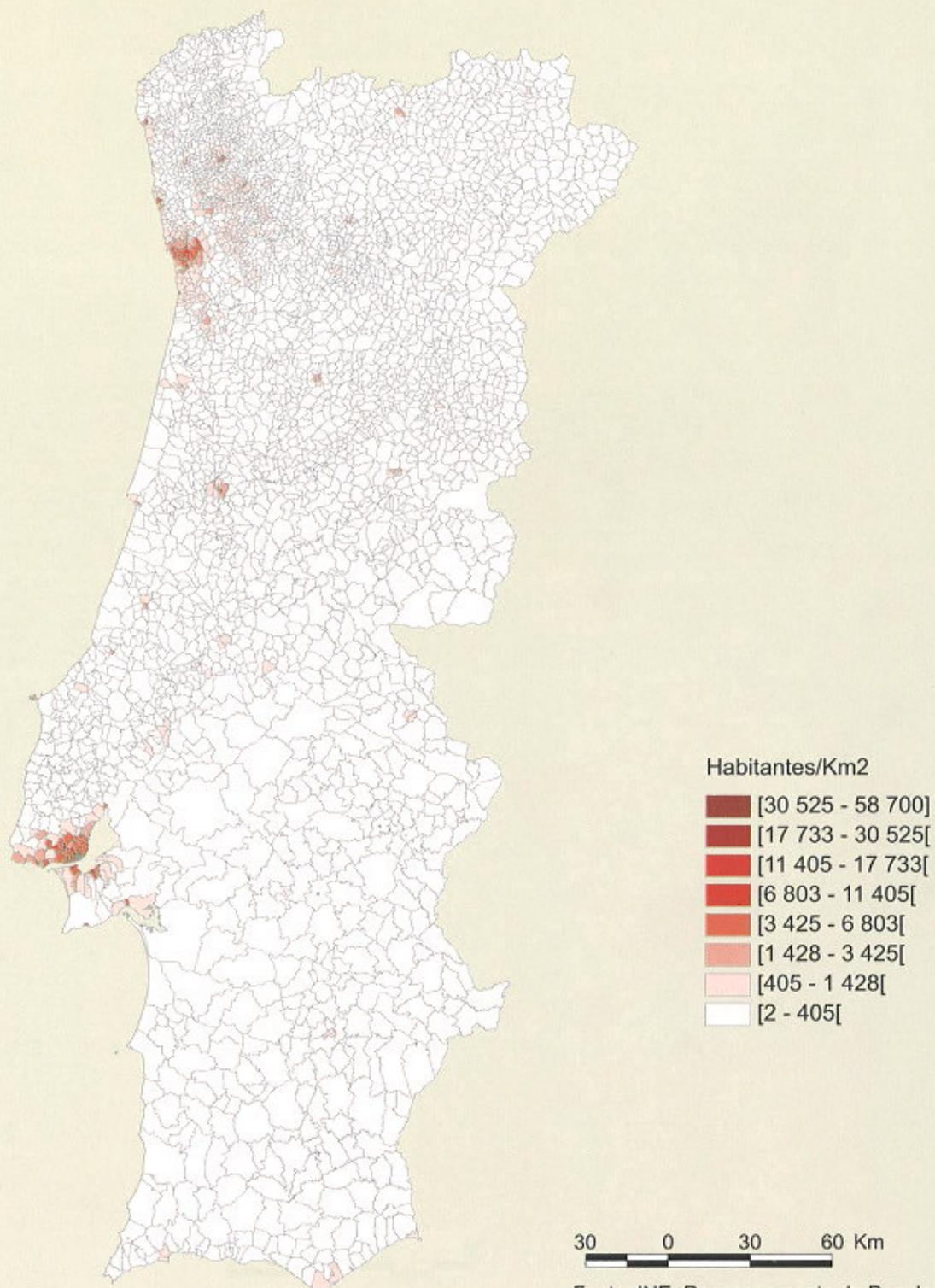
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

Alojamentos por Edifício, por freguesia, em 1991

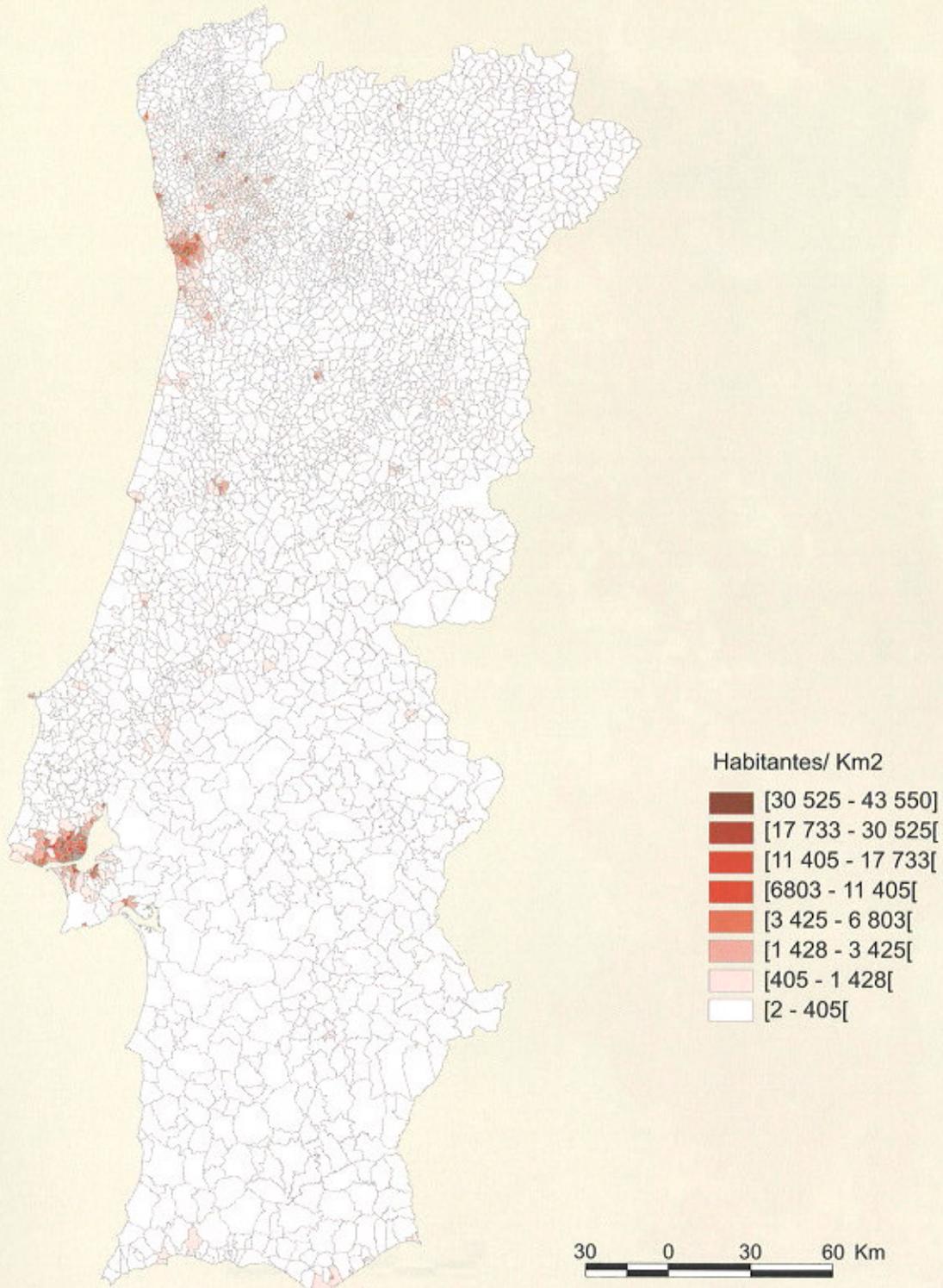


Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Densidade Populacional, por freguesia, em 1981

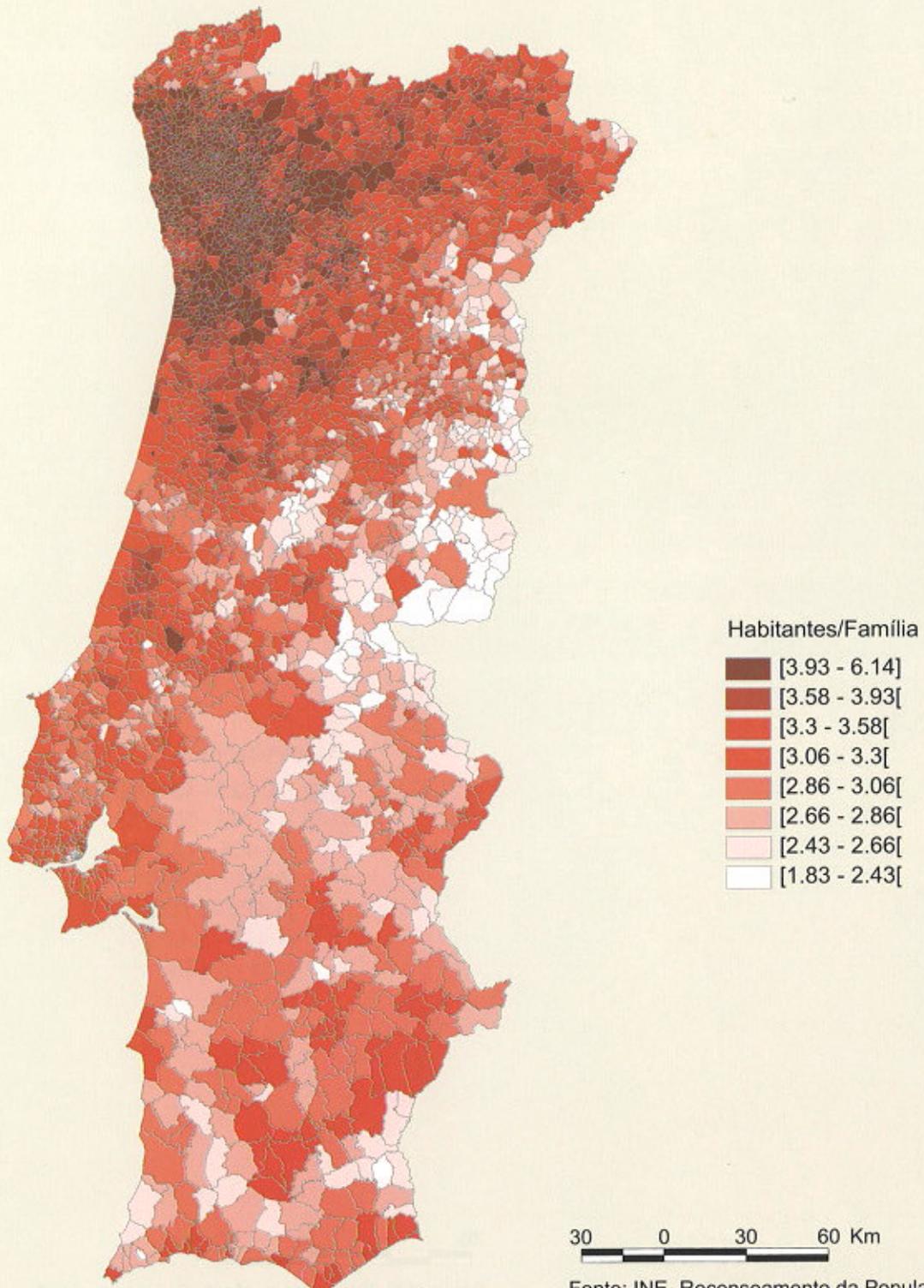


Densidade Populacional, por freguesia, em 1991

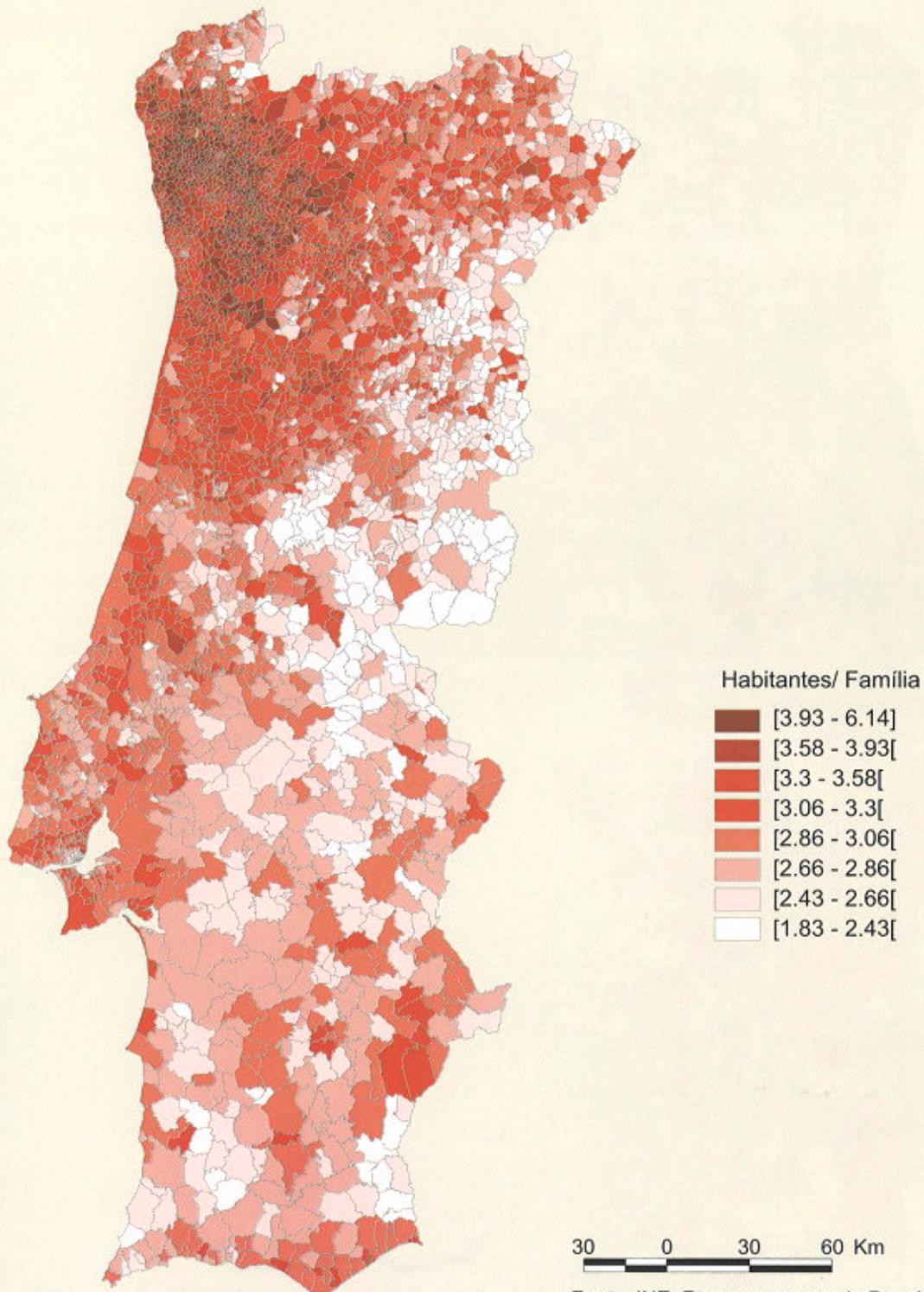


Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Dimensão média das famílias, por freguesia, em 1981

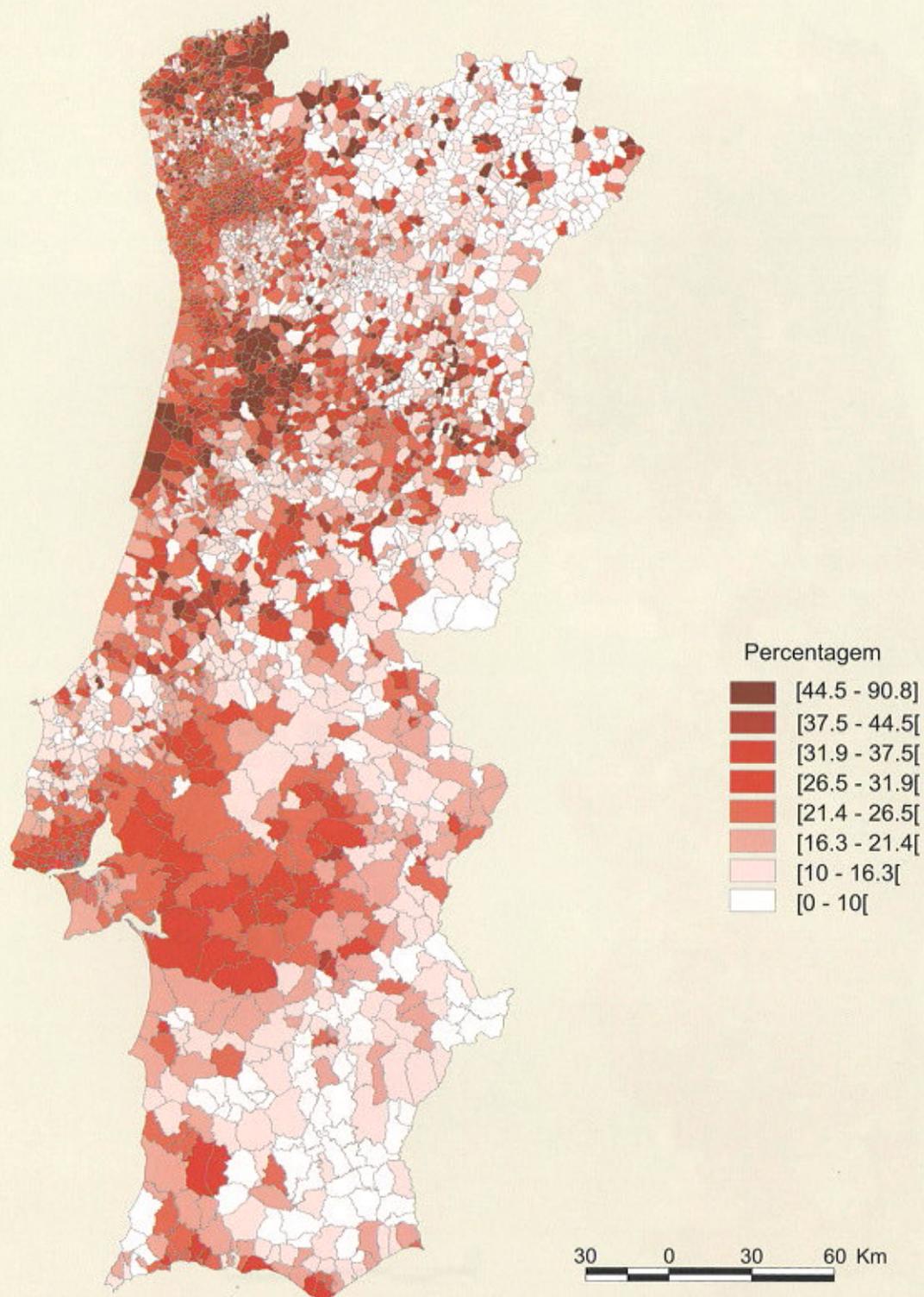


Dimensão média das famílias, por freguesia, em 1991



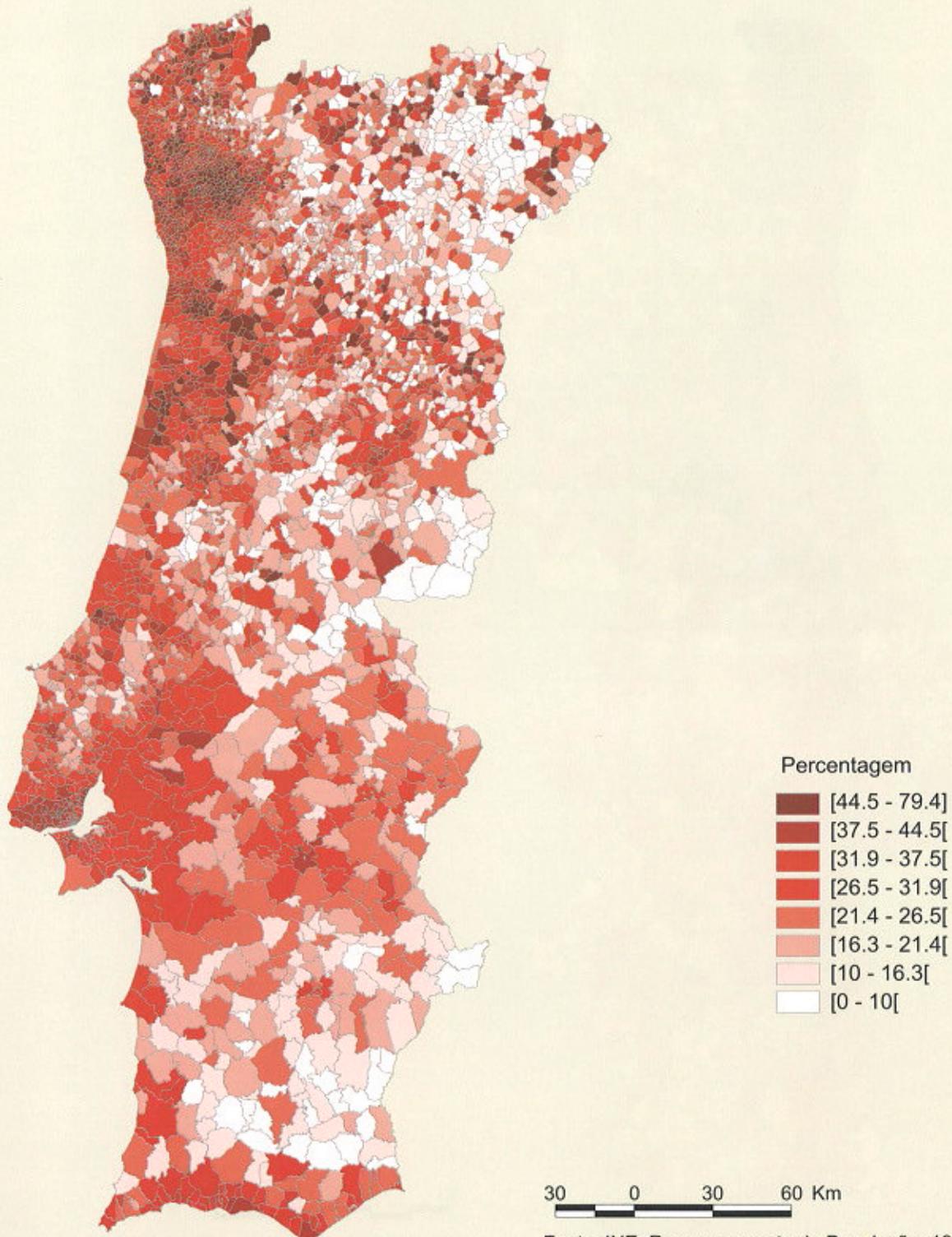
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso das mulheres residentes empregadas, relativamente ao total de mulheres residentes, por freguesia, em 1981



Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso das mulheres residentes empregadas, relativamente ao total
de mulheres residentes, por freguesia, em 1991**

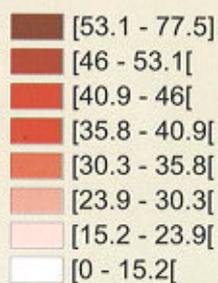


Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso das mulheres residentes empregadas, relativamente ao total de população residente empregada, por freguesia, em 1981



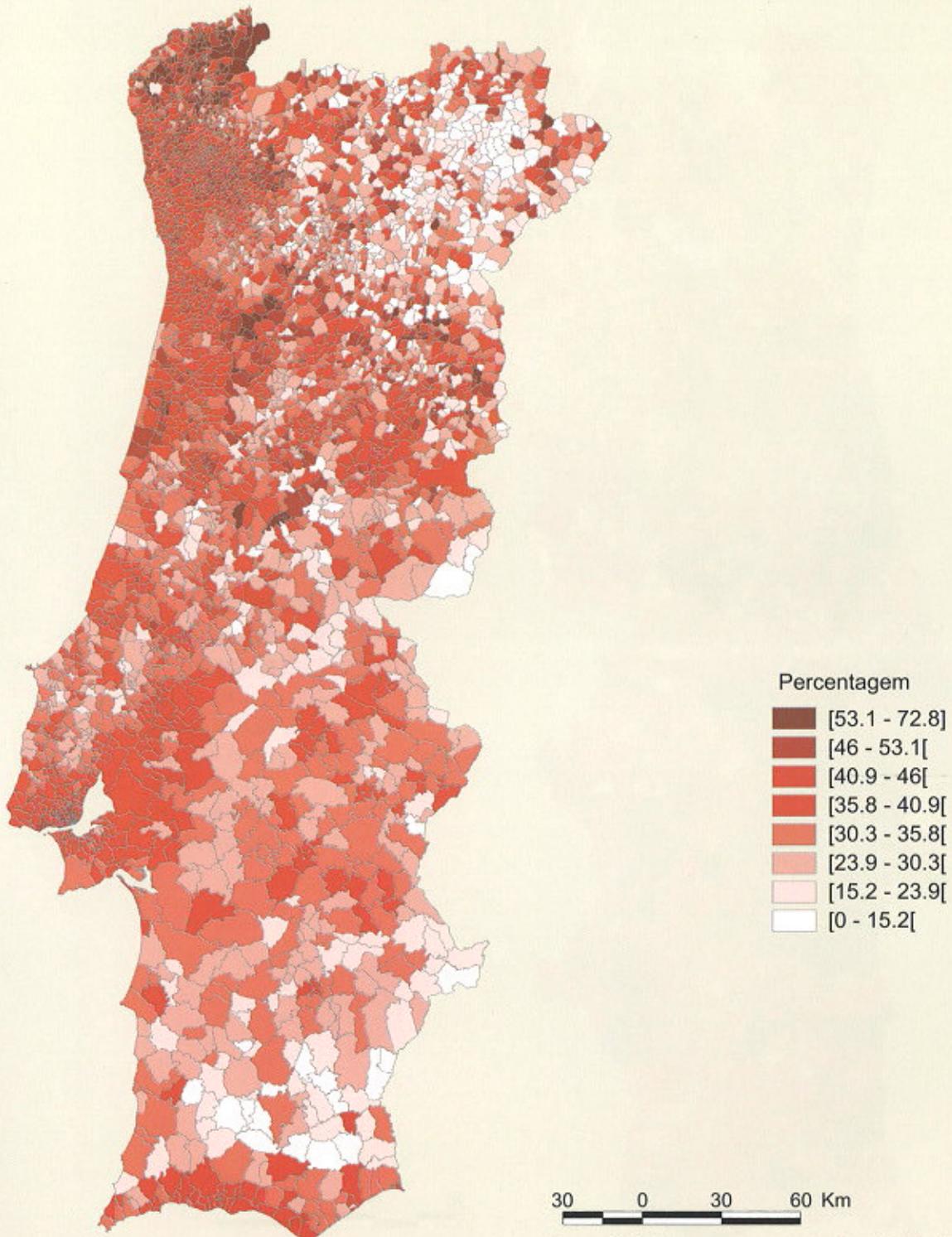
Percentagem



30 0 30 60 Km

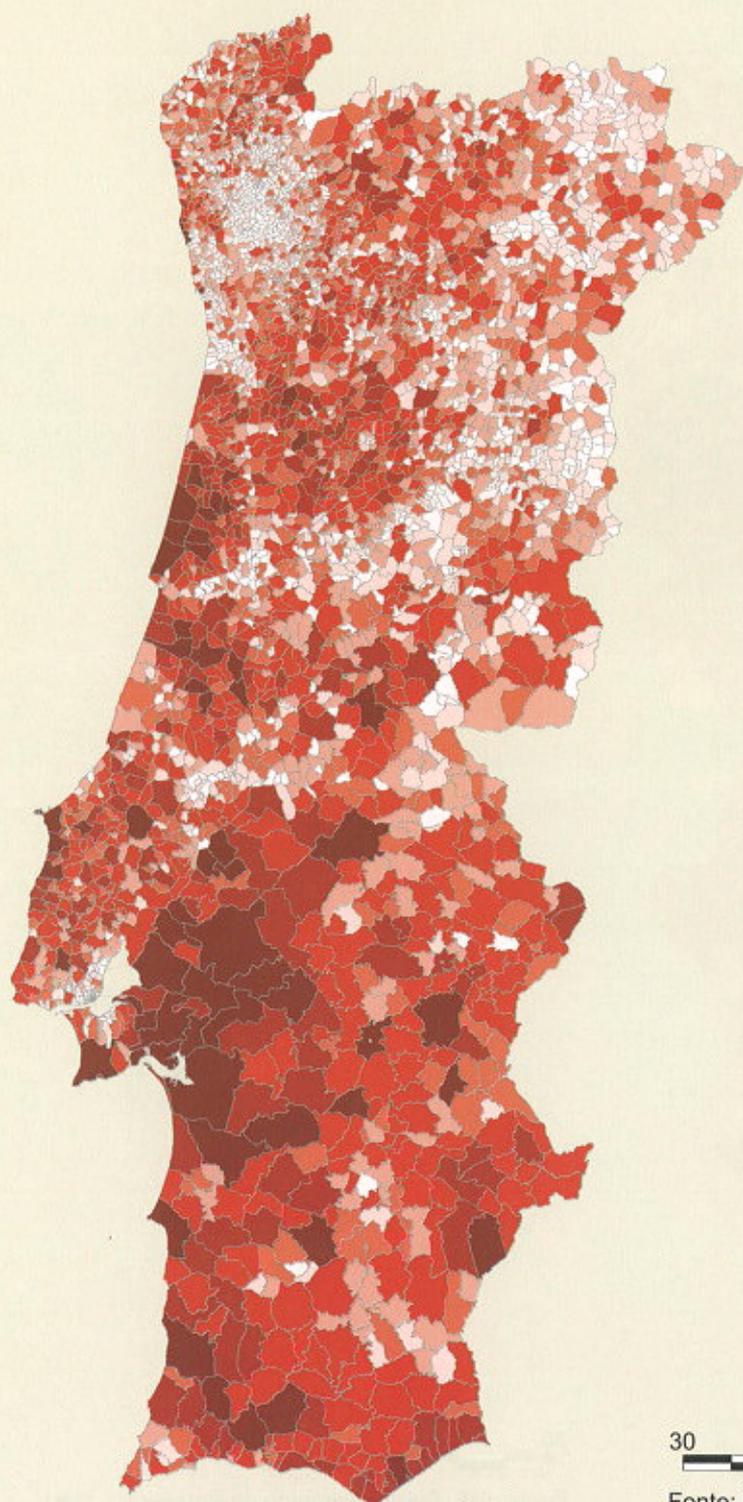
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso das mulheres residentes empregadas, relativamente ao total
de população residente empregada, por freguesia, em 1991**



Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente empregada no sector primário, no total do Continente, por freguesia, em 1981



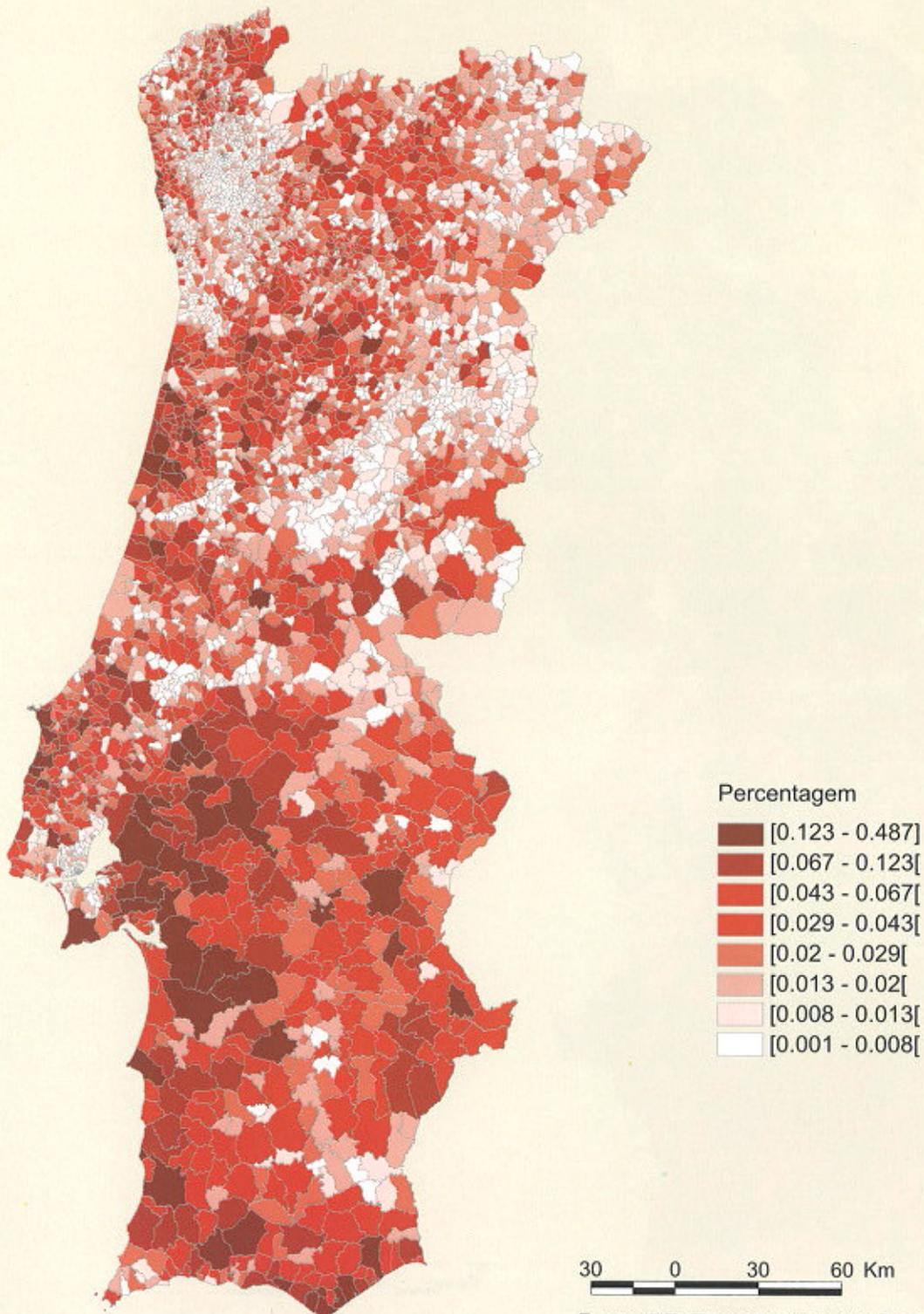
Percentagem

	[0.123 - 0.508]
	[0.067 - 0.123[
	[0.043 - 0.067[
	[0.029 - 0.043[
	[0.02 - 0.029[
	[0.013 - 0.02[
	[0.008 - 0.013[
	[0 - 0.008[

30 0 30 60 Km

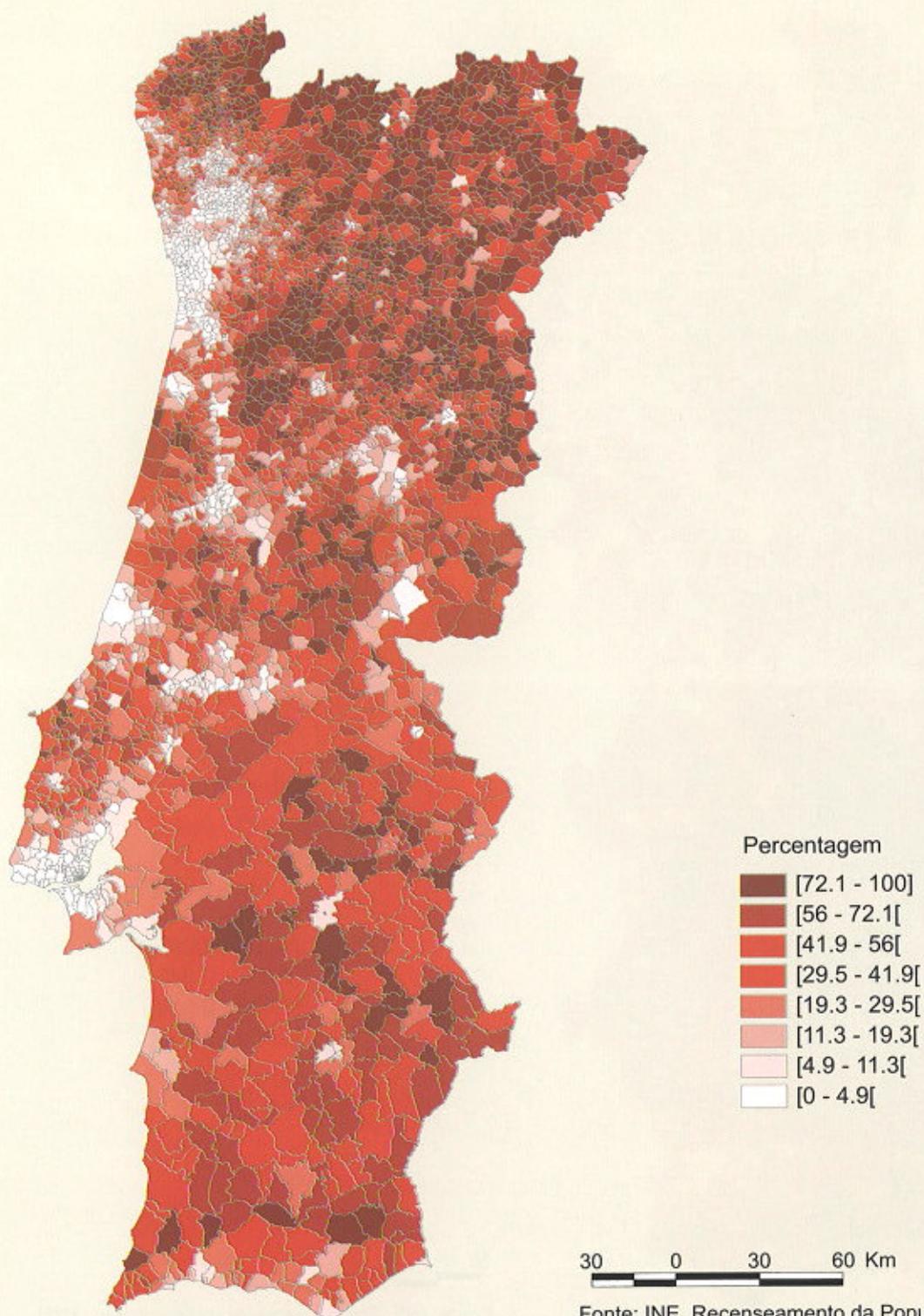
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente empregada no sector primário,
no total do Continente, por freguesia, em 1991**



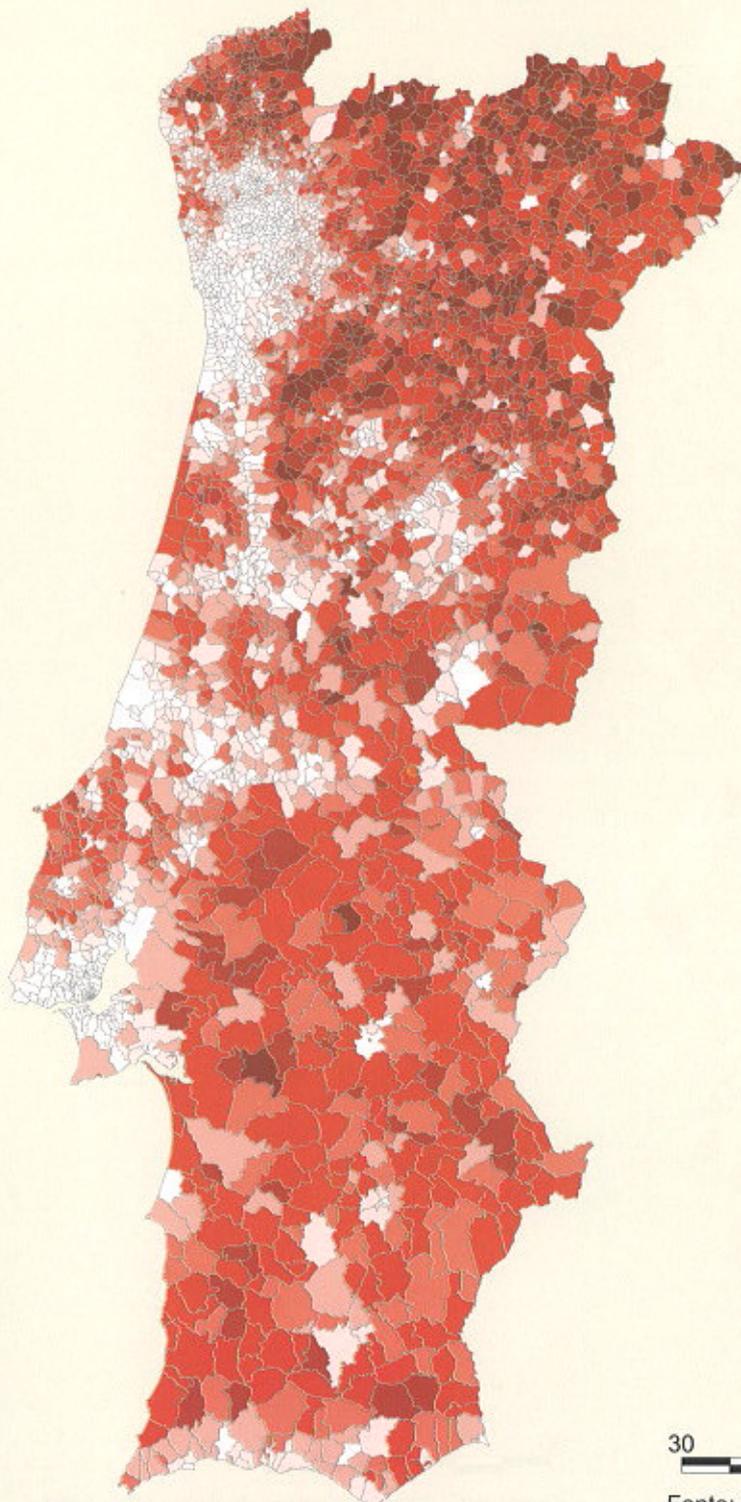
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente empregada no sector primário, por freguesia, em 1981



Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente empregada no sector primário,
por freguesia, em 1991**



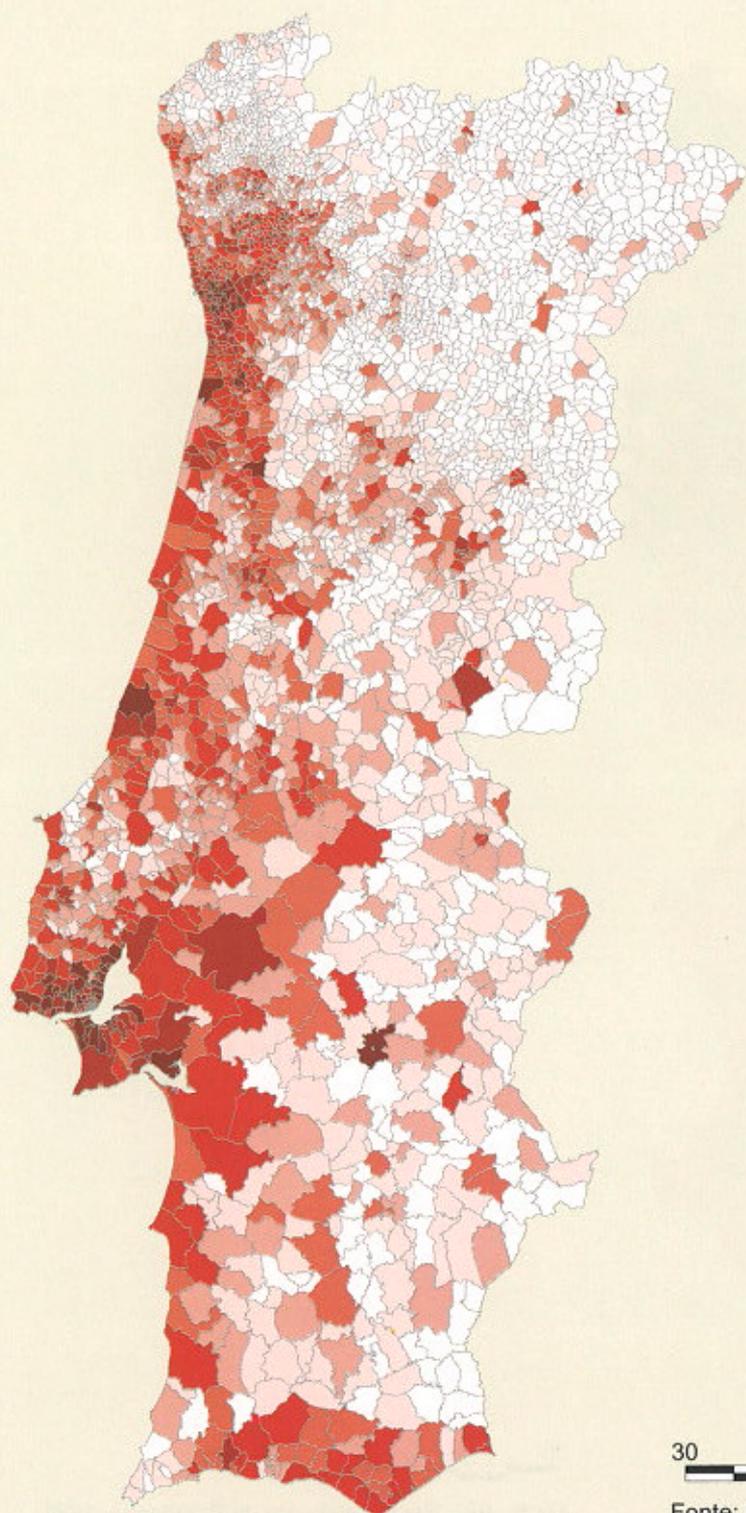
Percentagem

Dark Red	[72.1 - 100]
Red	[56 - 72.1[
Red-Orange	[41.9 - 56[
Orange	[29.5 - 41.9[
Light Orange	[19.3 - 29.5[
Light Red	[11.3 - 19.3[
Light Orange	[4.9 - 11.3[
White	[0 - 4.9[

30 0 30 60 Km

Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente empregada no sector secundário, no total do Continente, por freguesia, em 1981



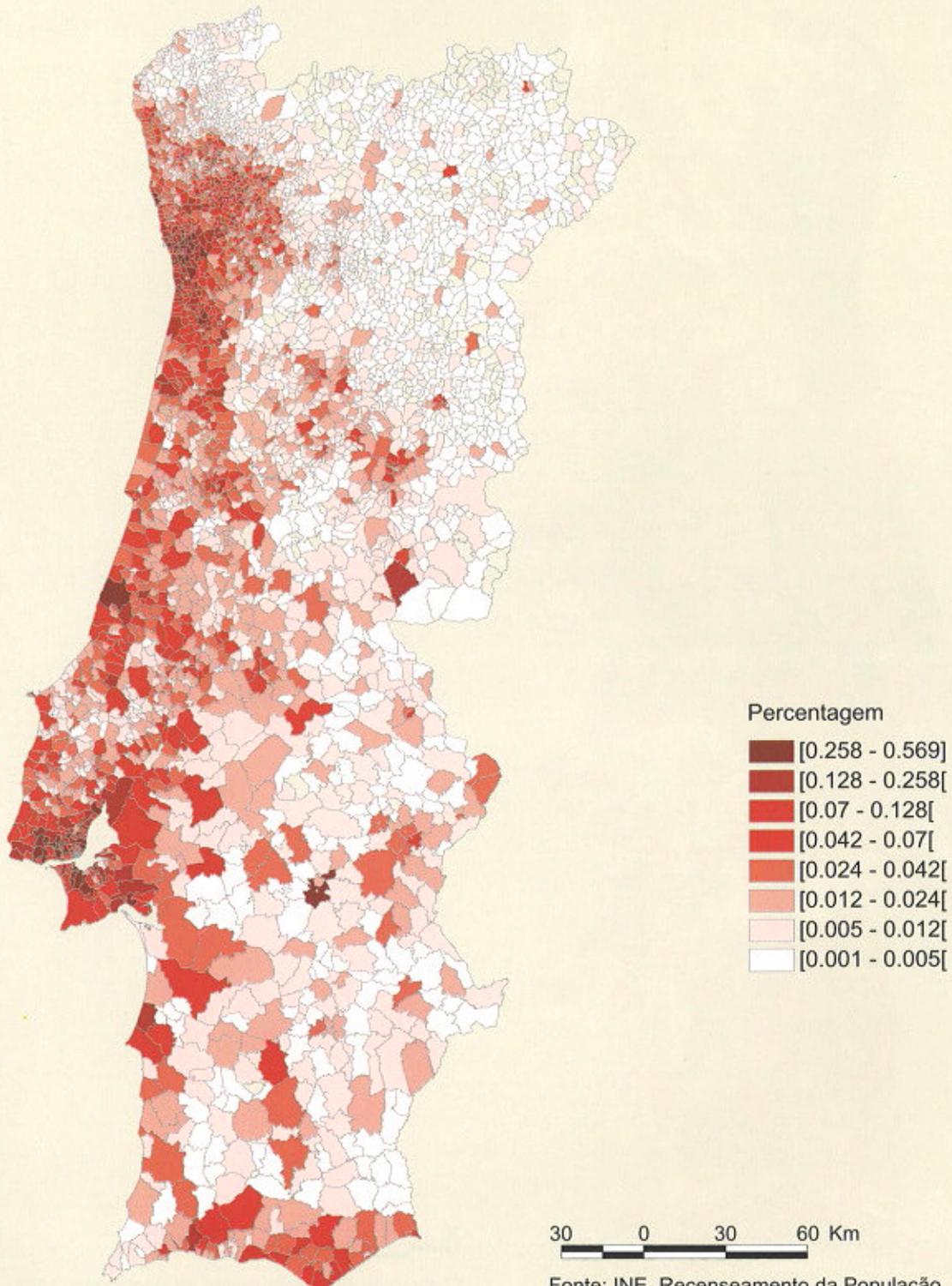
Percentagem

	[0.258 - 0.829]
	[0.128 - 0.258[
	[0.07 - 0.128[
	[0.042 - 0.07[
	[0.024 - 0.042[
	[0.012 - 0.024[
	[0.005 - 0.012[
	[0 - 0.005[

30 0 30 60 Km

Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente empregada no sector secundário,
no total do Continente, por freguesia, em 1991**



Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente empregada no sector secundário, por freguesia, em 1981



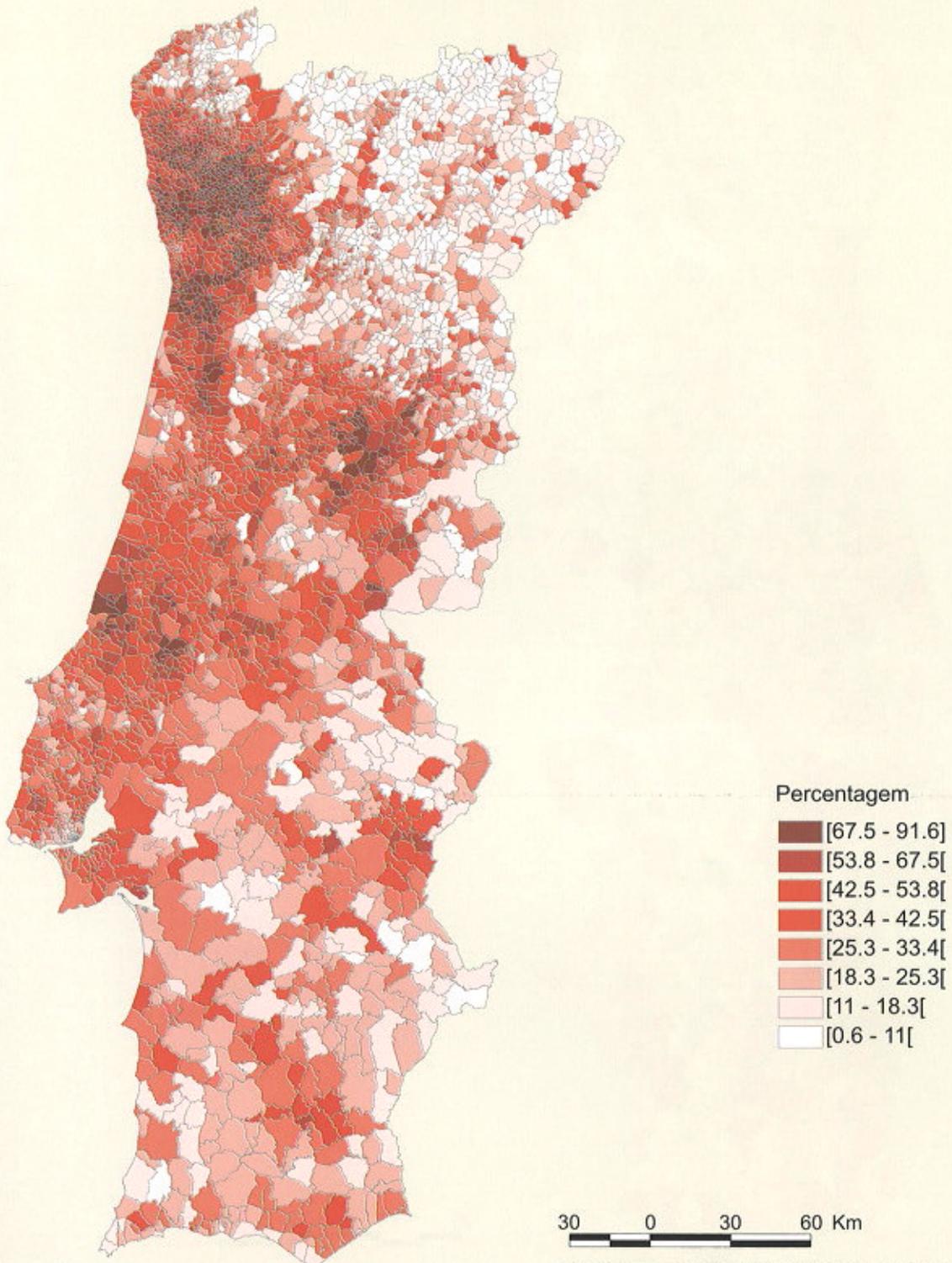
Percentagem

	[67.5 - 92.4]
	[53.8 - 67.5[
	[42.5 - 53.8[
	[33.4 - 42.5[
	[25.3 - 33.4[
	[18.3 - 25.3[
	[11 - 18.3[
	[0 - 11[

30 0 30 60 Km

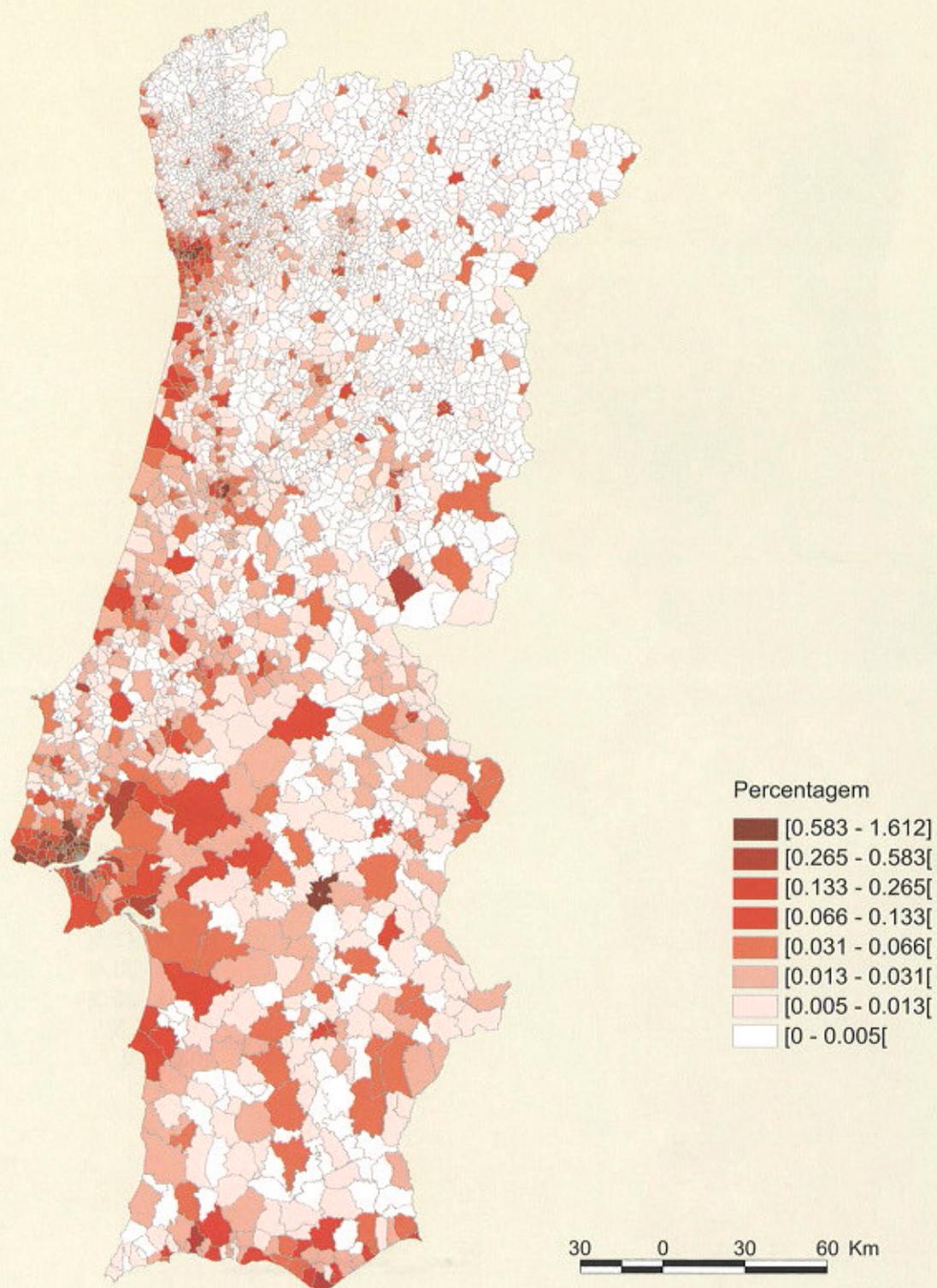
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente empregada no sector secundário,
por freguesia, em 1991**



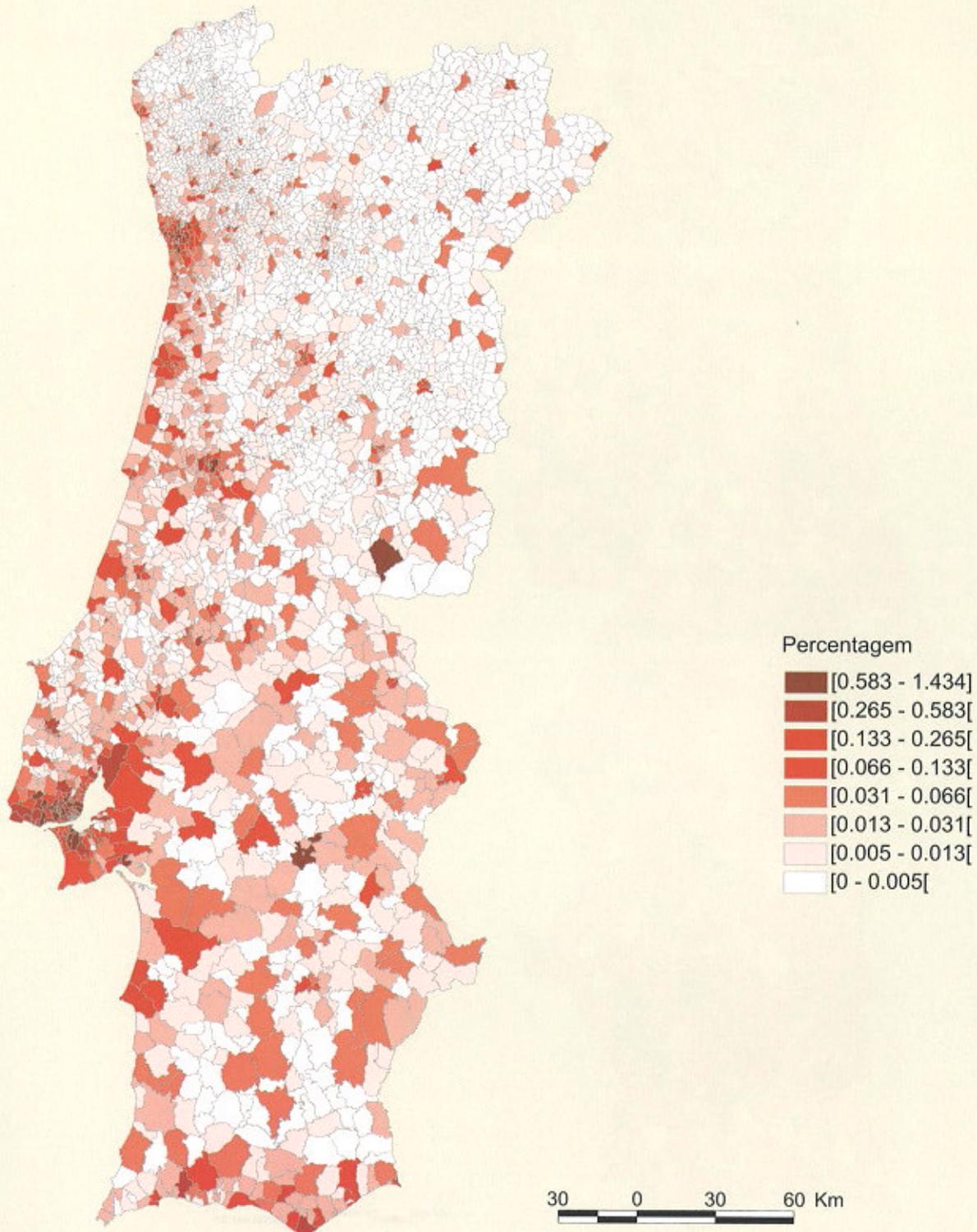
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente empregada no sector terciário - serviços de natureza social -, no total do Continente, por freguesia, em 1981



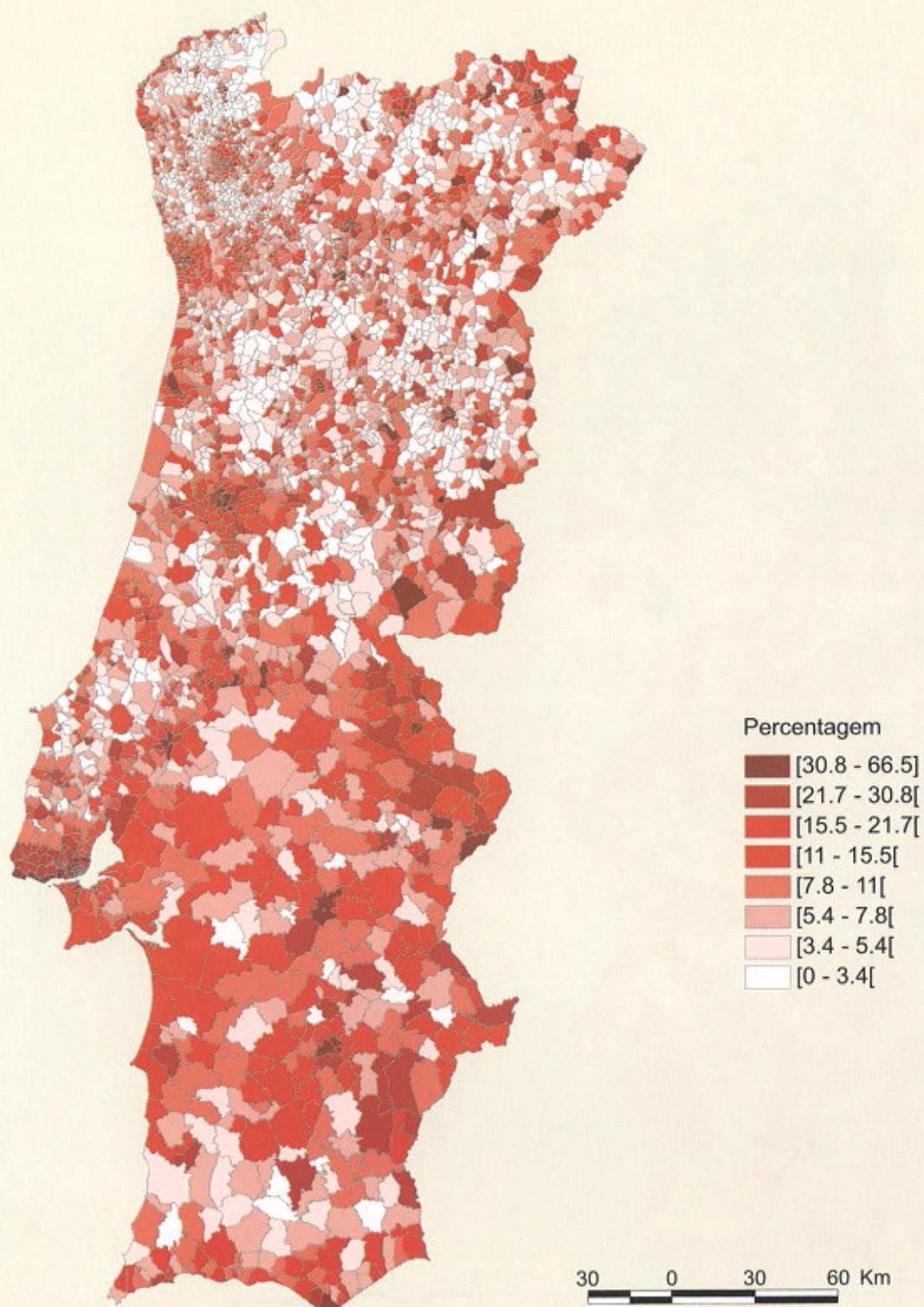
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente empregada no sector terciário -
serviços de natureza social -, no total do Continente, por
freguesia, em 1991**



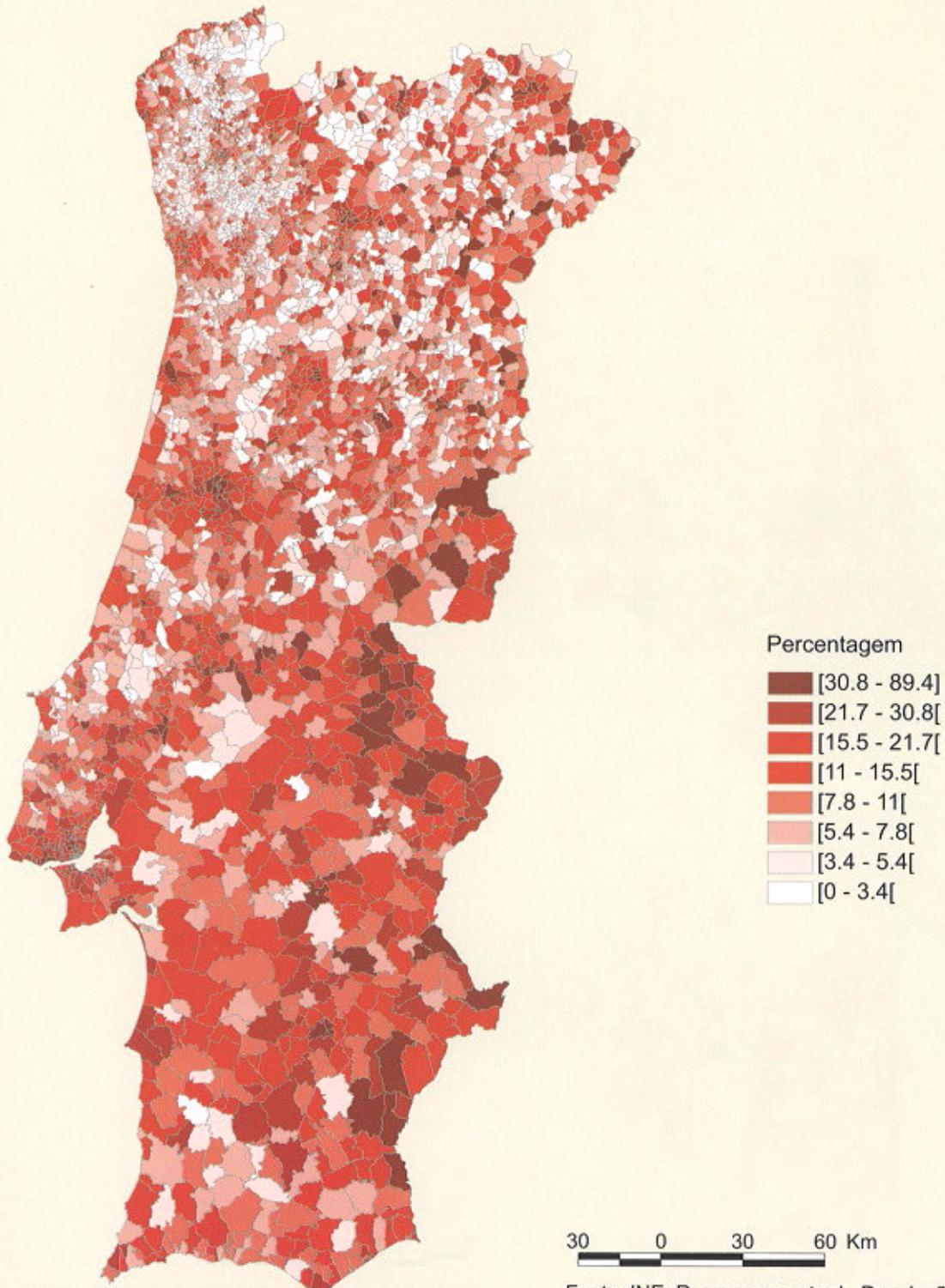
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente empregada no sector terciário - serviços de natureza social - por freguesia, em 1981



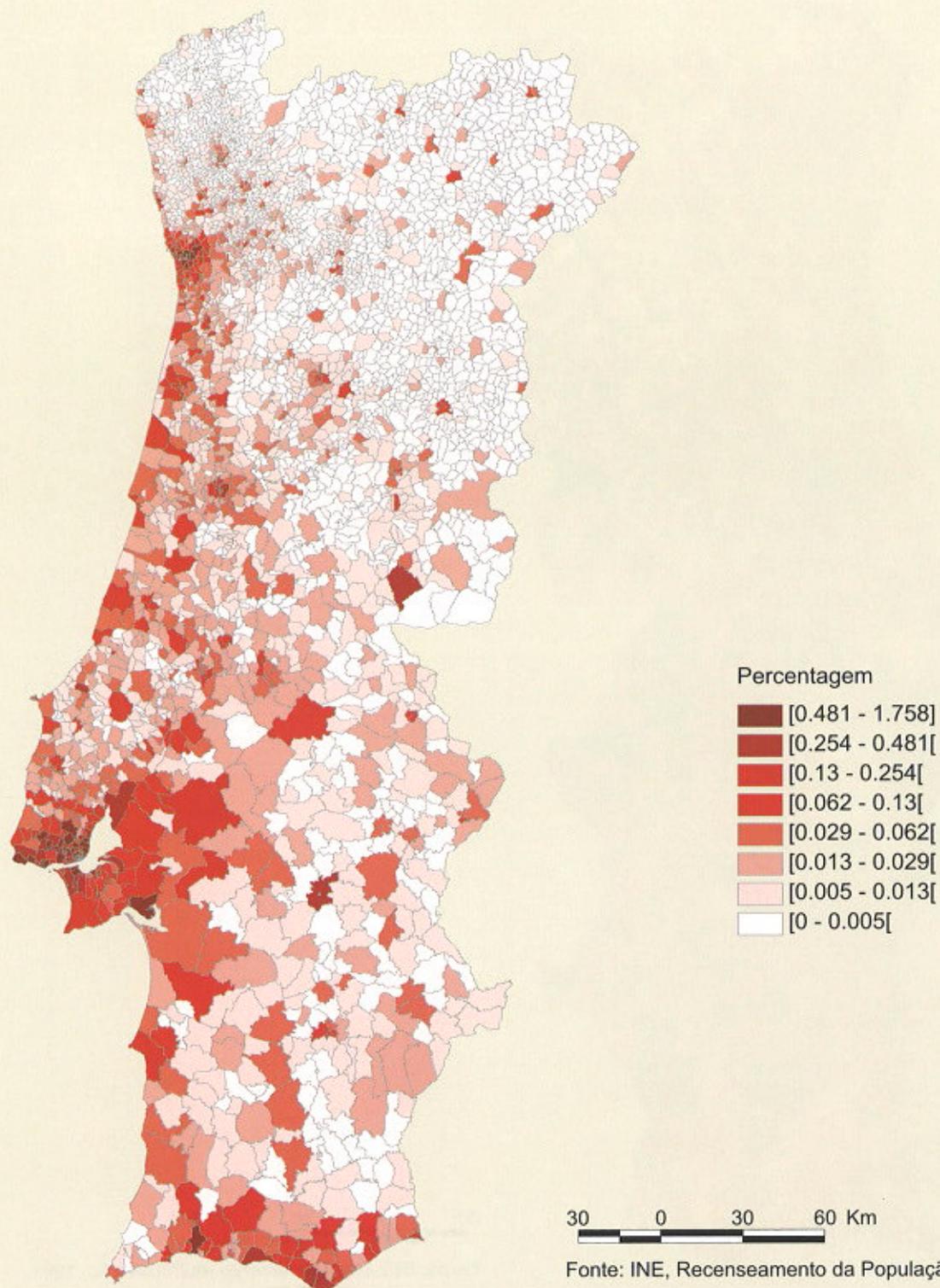
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente empregada no sector terciário -
serviços de natureza social - por freguesia, em 1991**

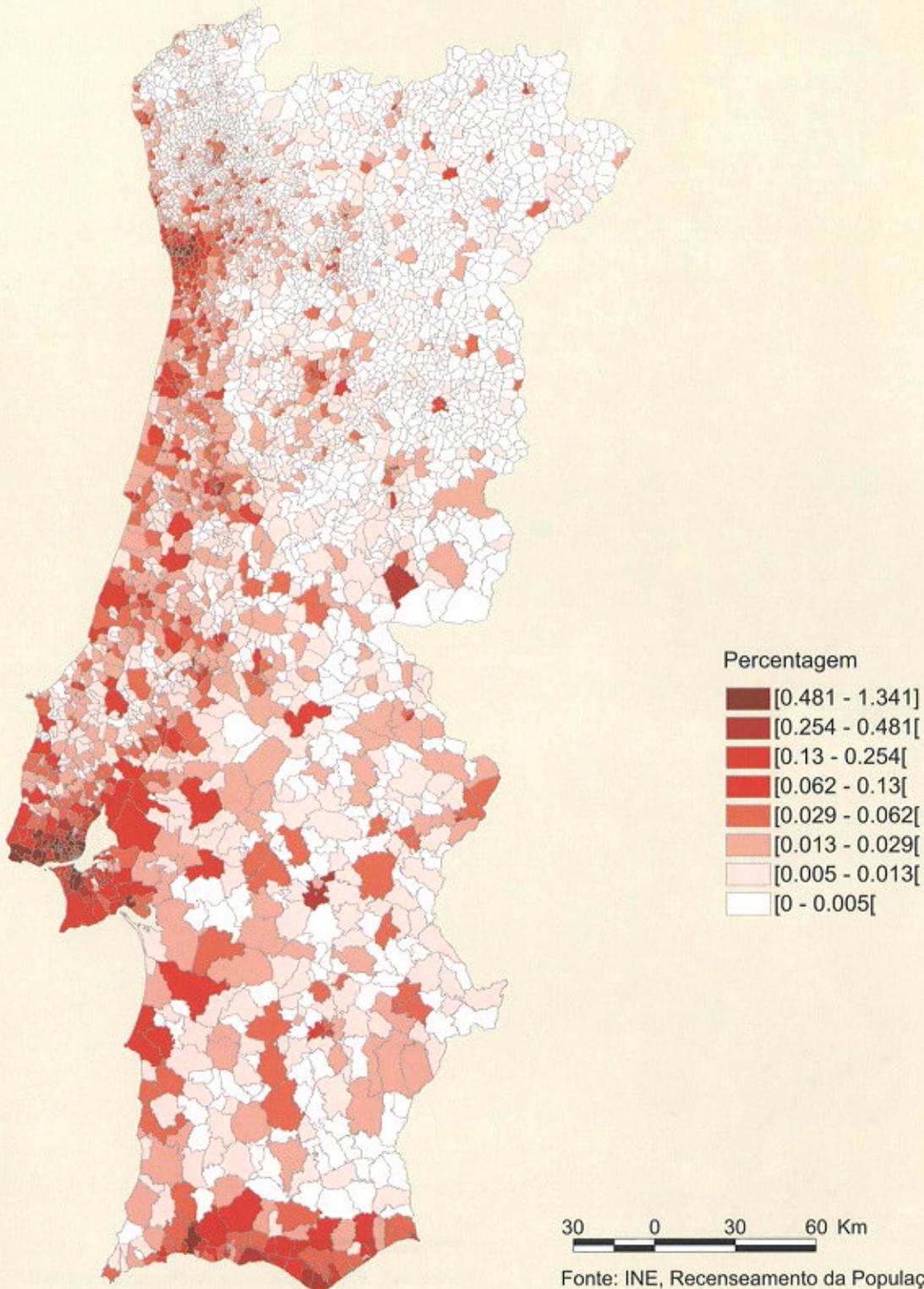


Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente empregada no sector terciário - serviços relacionados com a actividade económica - no total do Continente, por freguesia, em 1981



**Peso da população residente empregada no sector terciário -
serviços relacionados com a actividade económica - no total do
Continente, por freguesia, em 1991**



**Peso da população residente empregada no sector terciário -
serviços relacionados com a actividade económica - por
freguesia, em 1981**



Percentagem

	[43.8 - 86]
	[33.4 - 43.8[
	[26.2 - 33.4[
	[20.8 - 26.2[
	[16.4 - 20.8[
	[12.3 - 16.4[
	[8 - 12.3[
	[0 - 8[

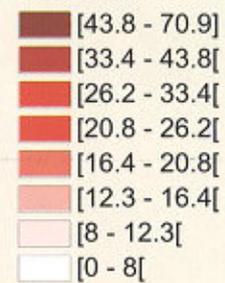
30 0 30 60 Km

Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente empregada no sector terciário -
serviços relacionados com a actividade económica - por
freguesia, em 1991**



Percentagem



30 0 30 60 Km

Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, por freguesia, em 1981



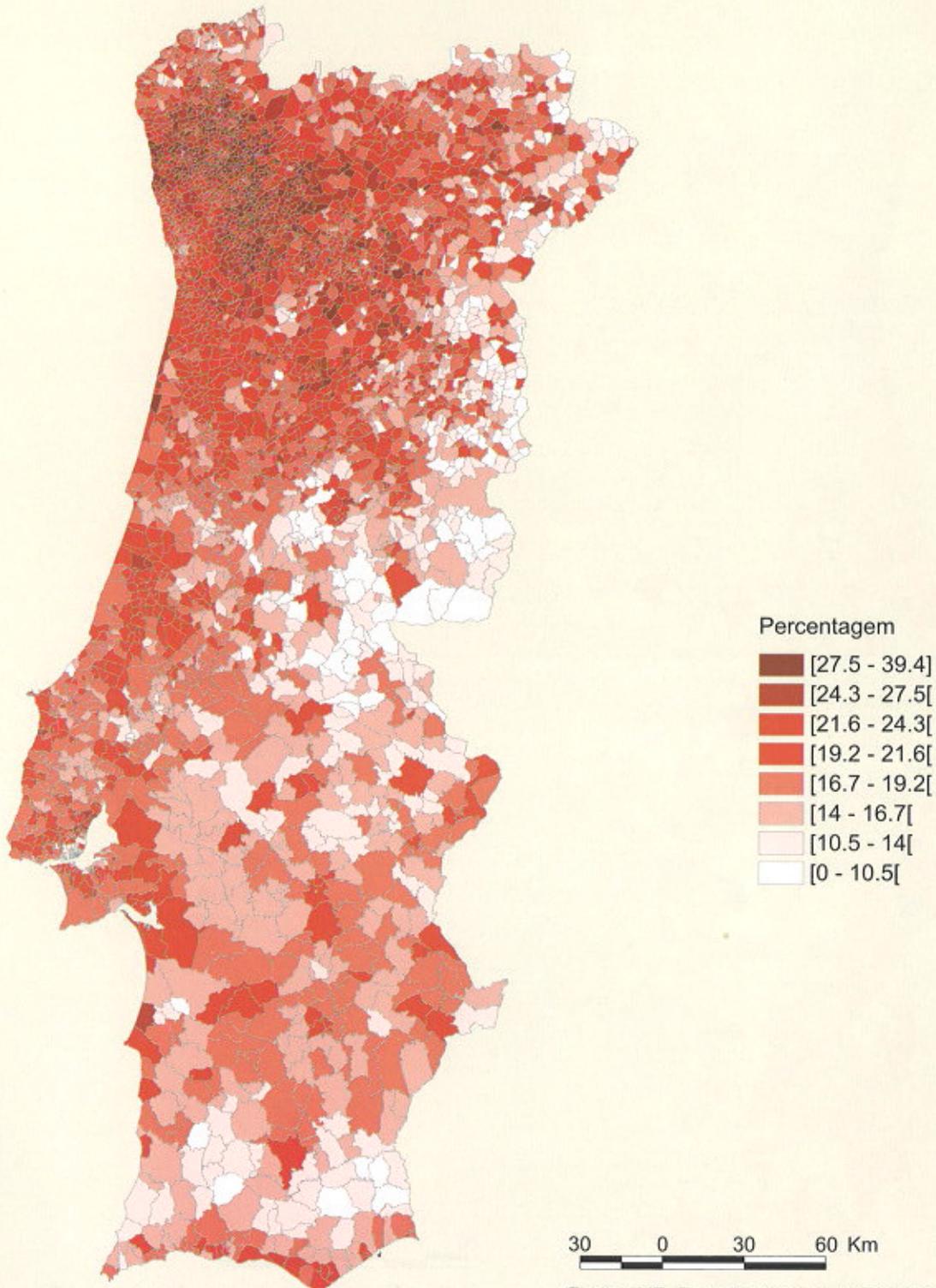
Percentagem

Dark Red	[27.5 - 48.3]
Red	[24.3 - 27.5[
Red	[21.6 - 24.3[
Red	[19.2 - 21.6[
Light Red	[16.7 - 19.2[
Light Red	[14 - 16.7[
Light Red	[10.5 - 14[
White	[2.4 - 10.5[

30 0 30 60 Km

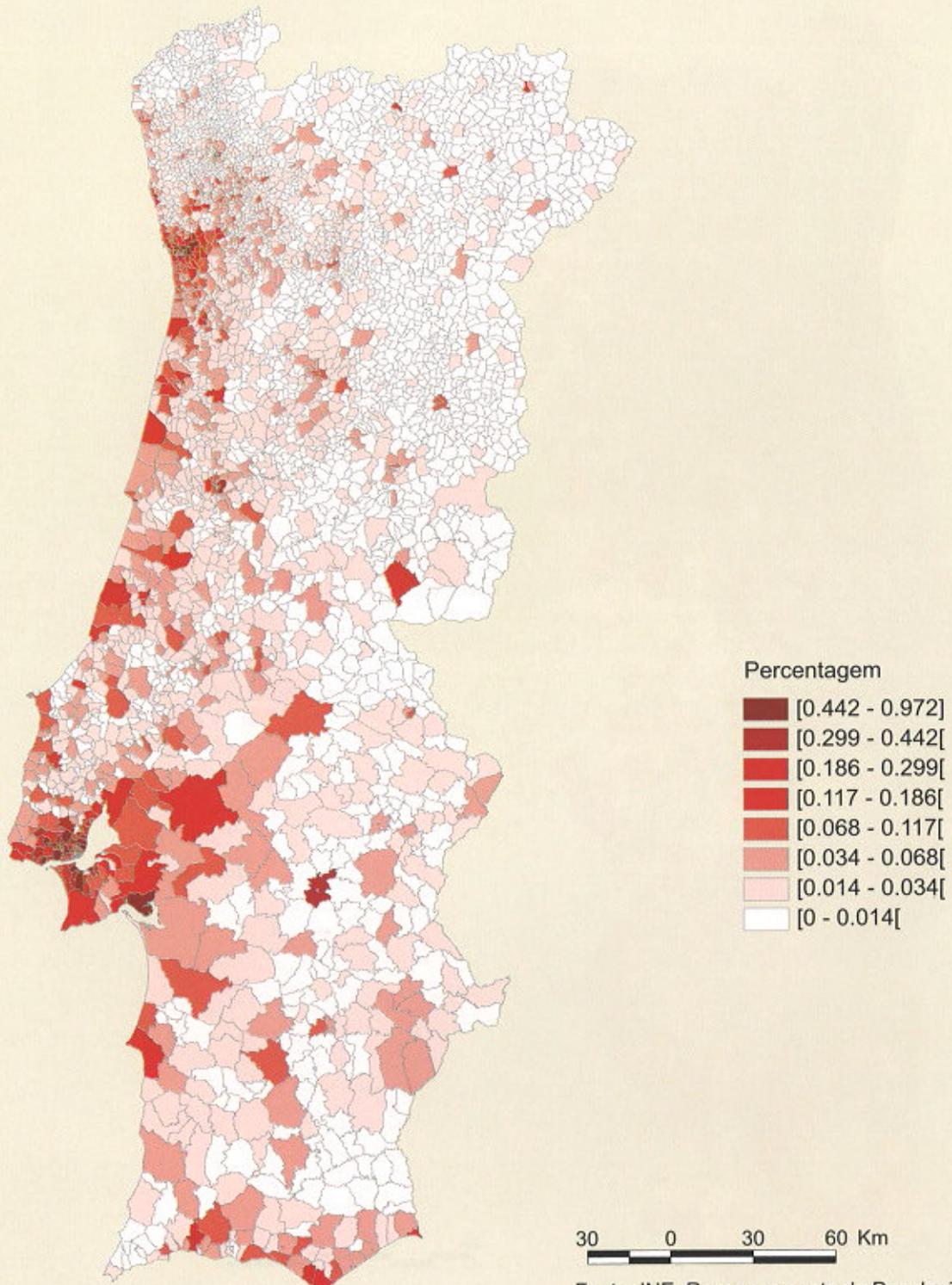
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, por freguesia,
em 1991**

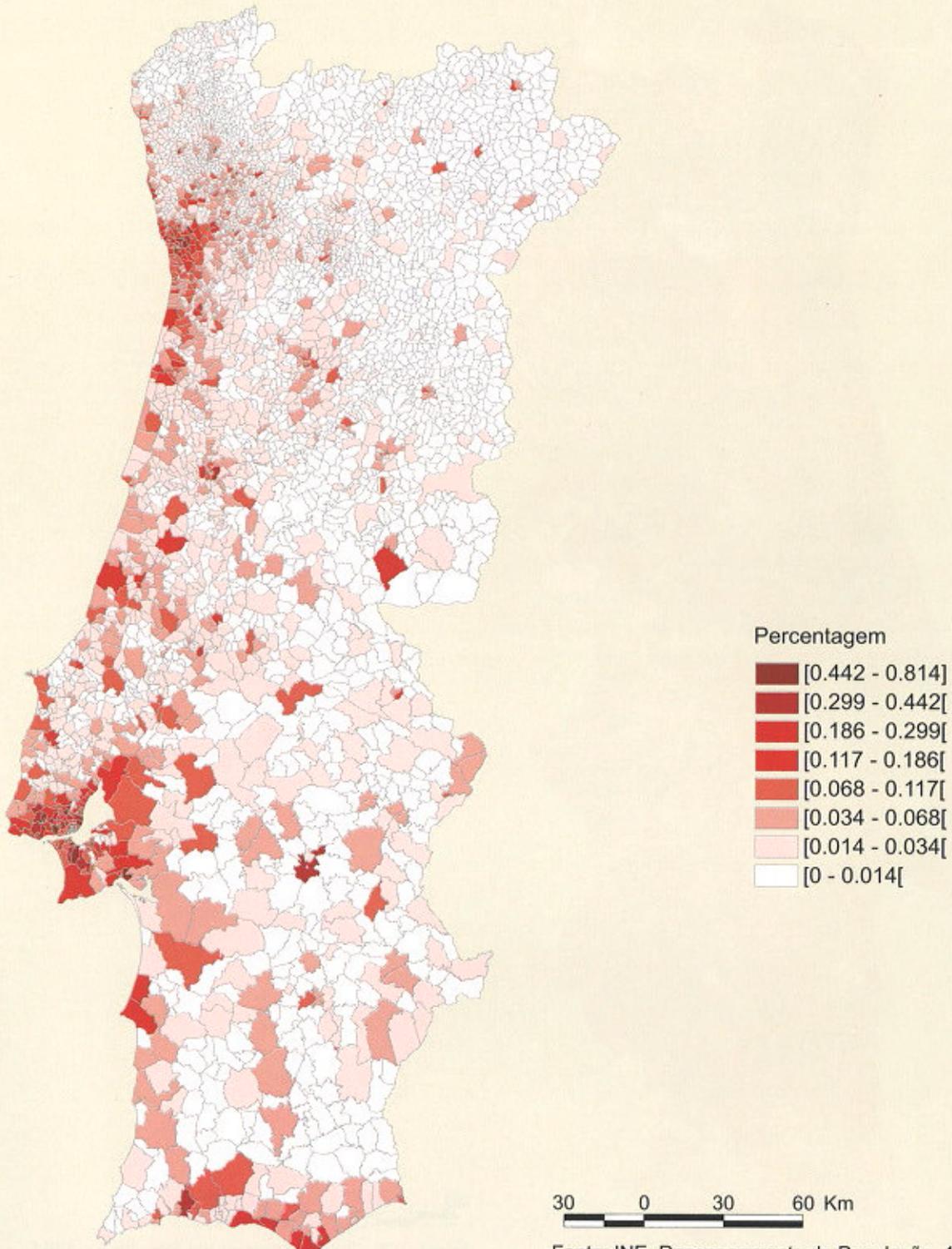


Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

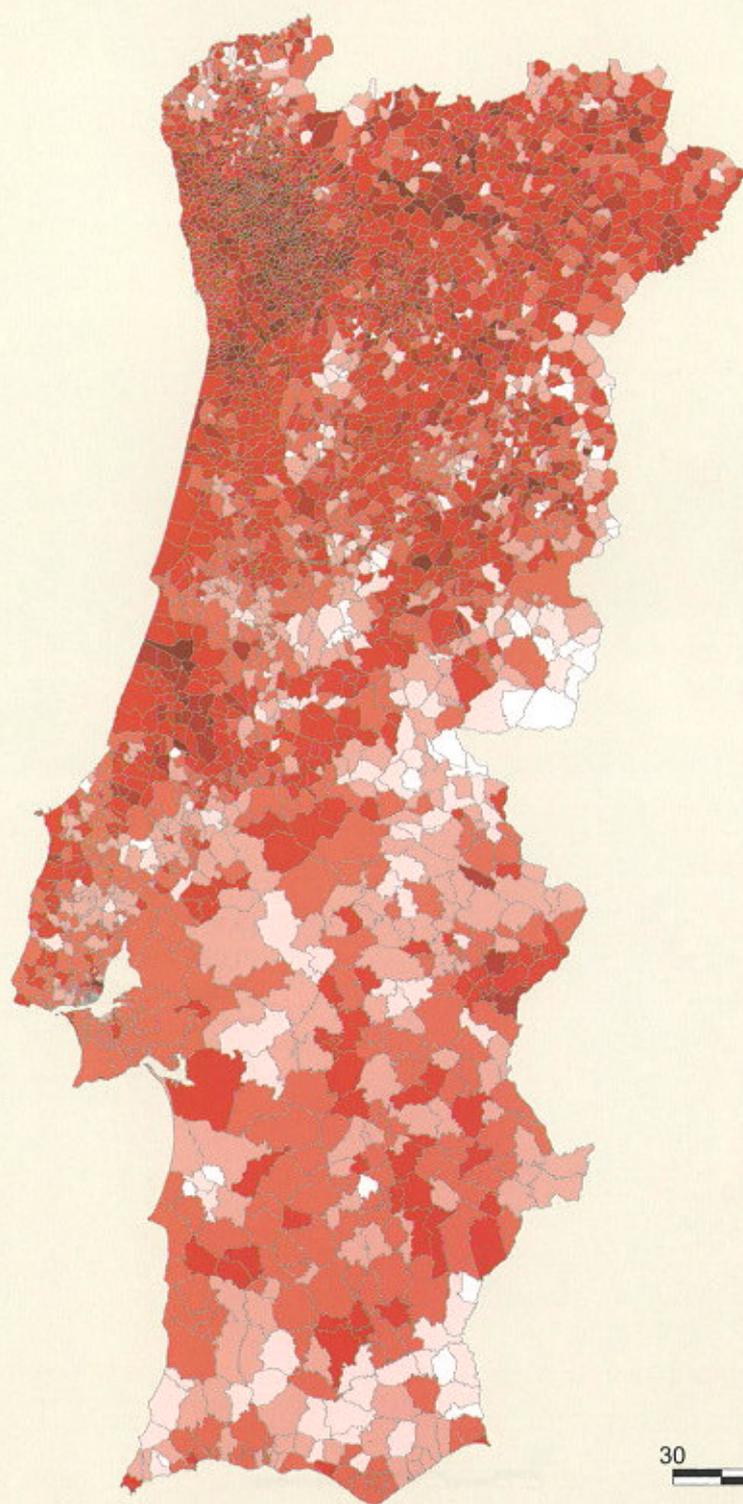
Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1981



**Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, no total do
Continente, por freguesia, em 1991**



Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, por freguesia, em 1981



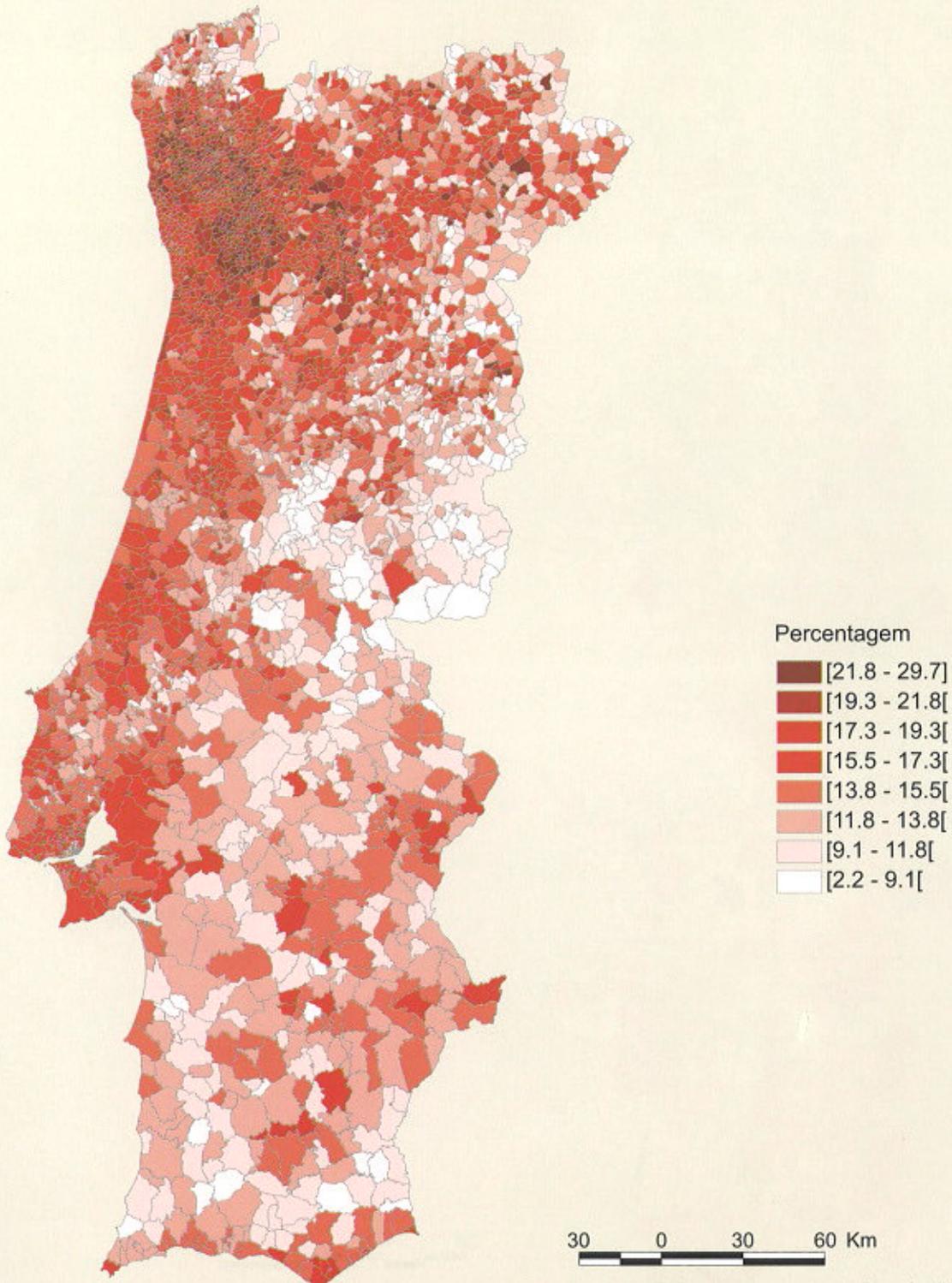
Percentagem

	[21.8 - 29.1]
	[19.3 - 21.8[
	[17.3 - 19.3[
	[15.5 - 17.3[
	[13.8 - 15.5[
	[11.8 - 13.8[
	[9.1 - 11.8[
	[3.6 - 9.1[

30 0 30 60 Km

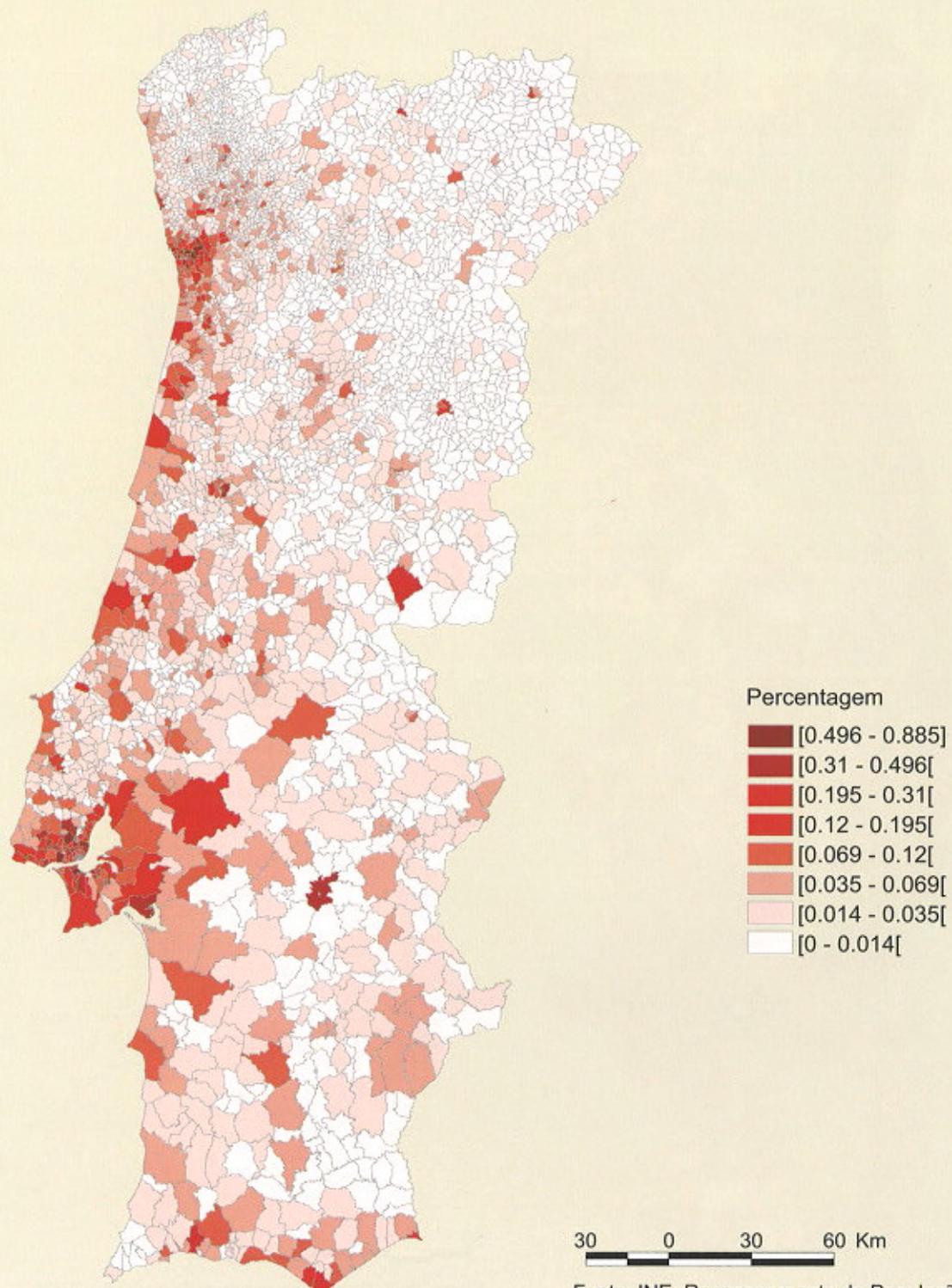
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, por freguesia,
em 1991**



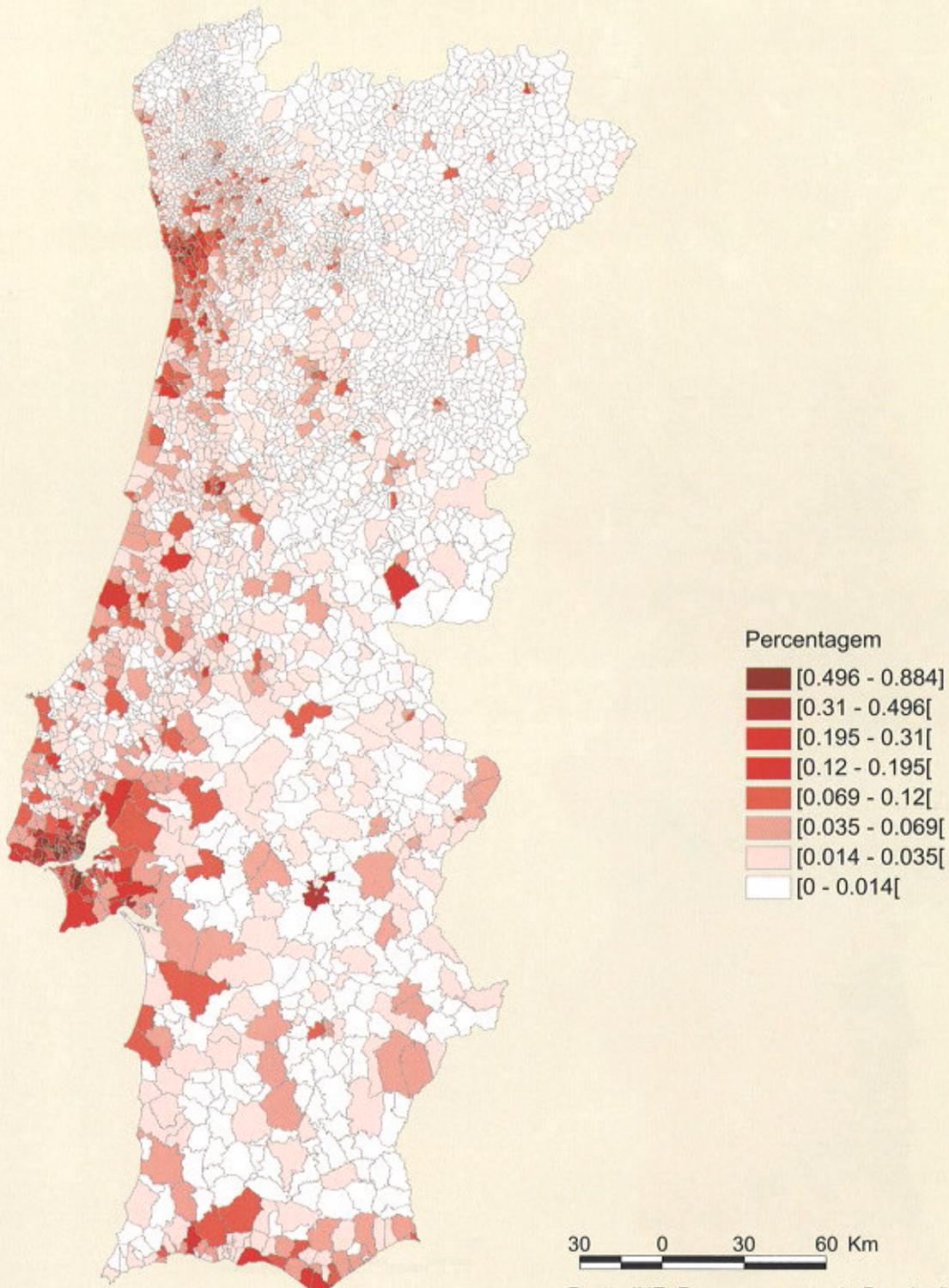
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1981



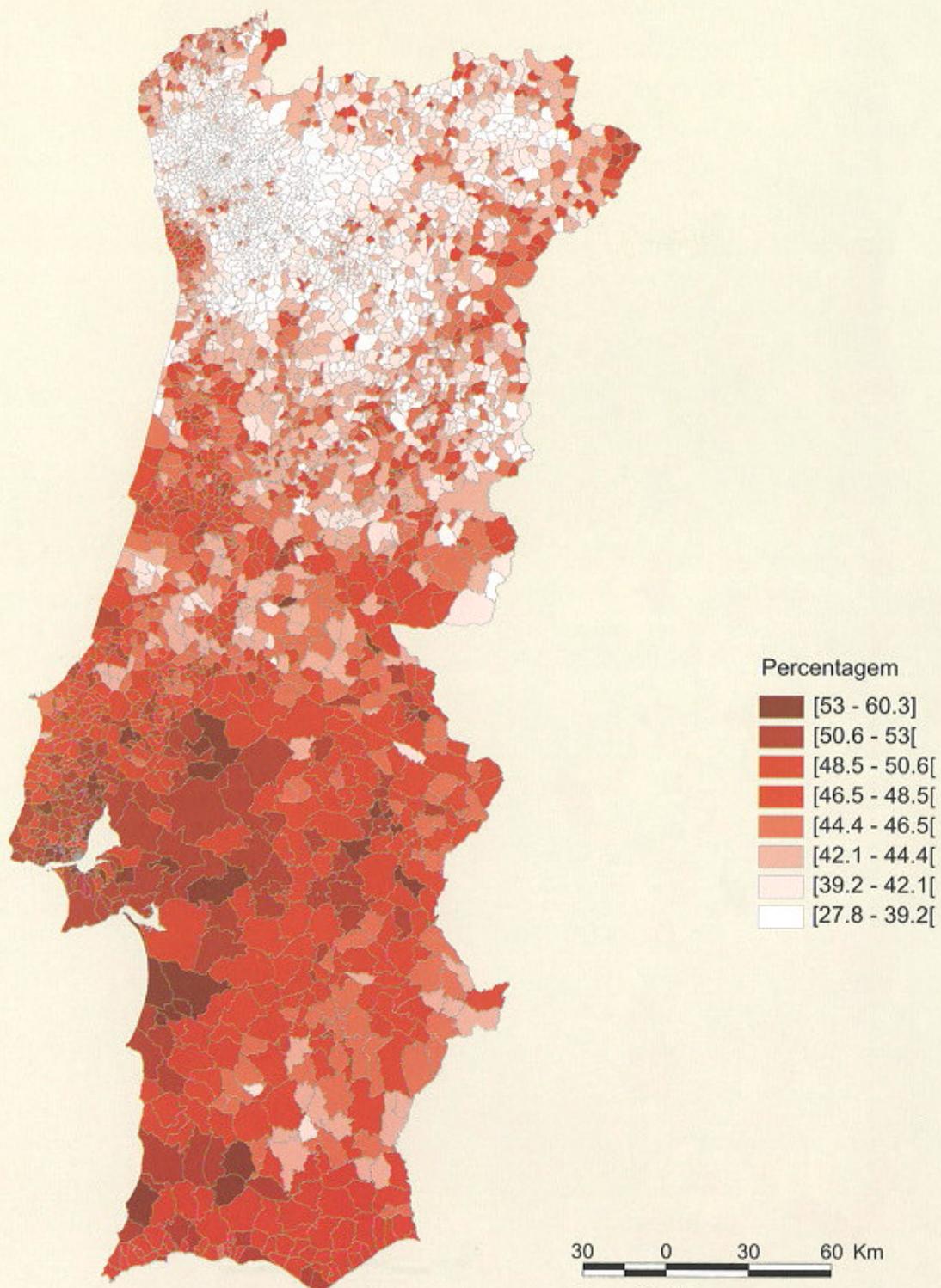
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, no total do
Continente, por freguesia, em 1991**



Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, por freguesia, em 1981

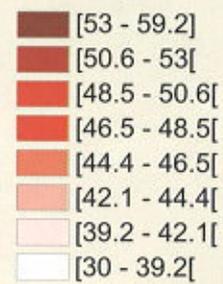


Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, por freguesia,
em 1991**



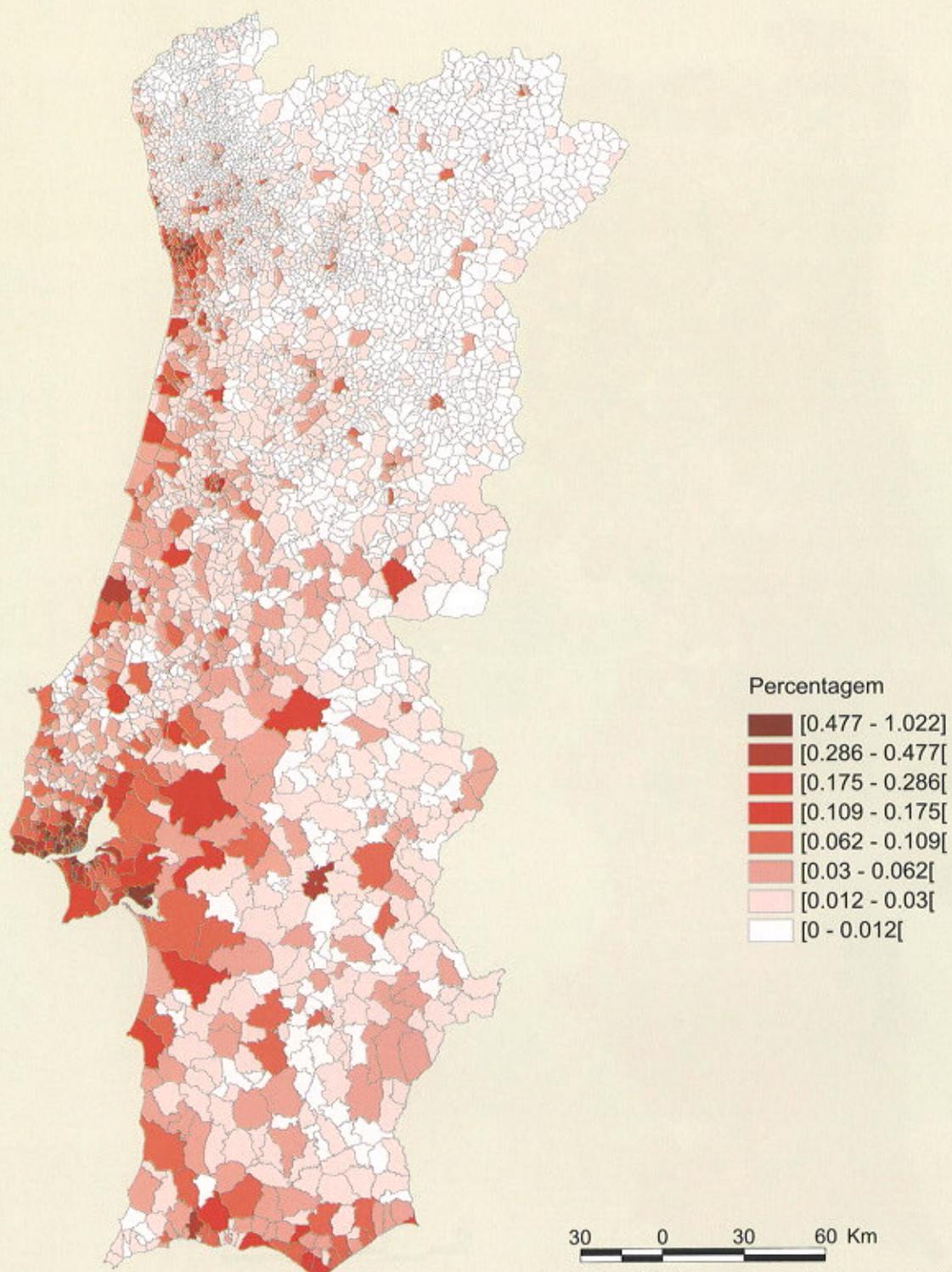
Percentagem



30 0 30 60 Km

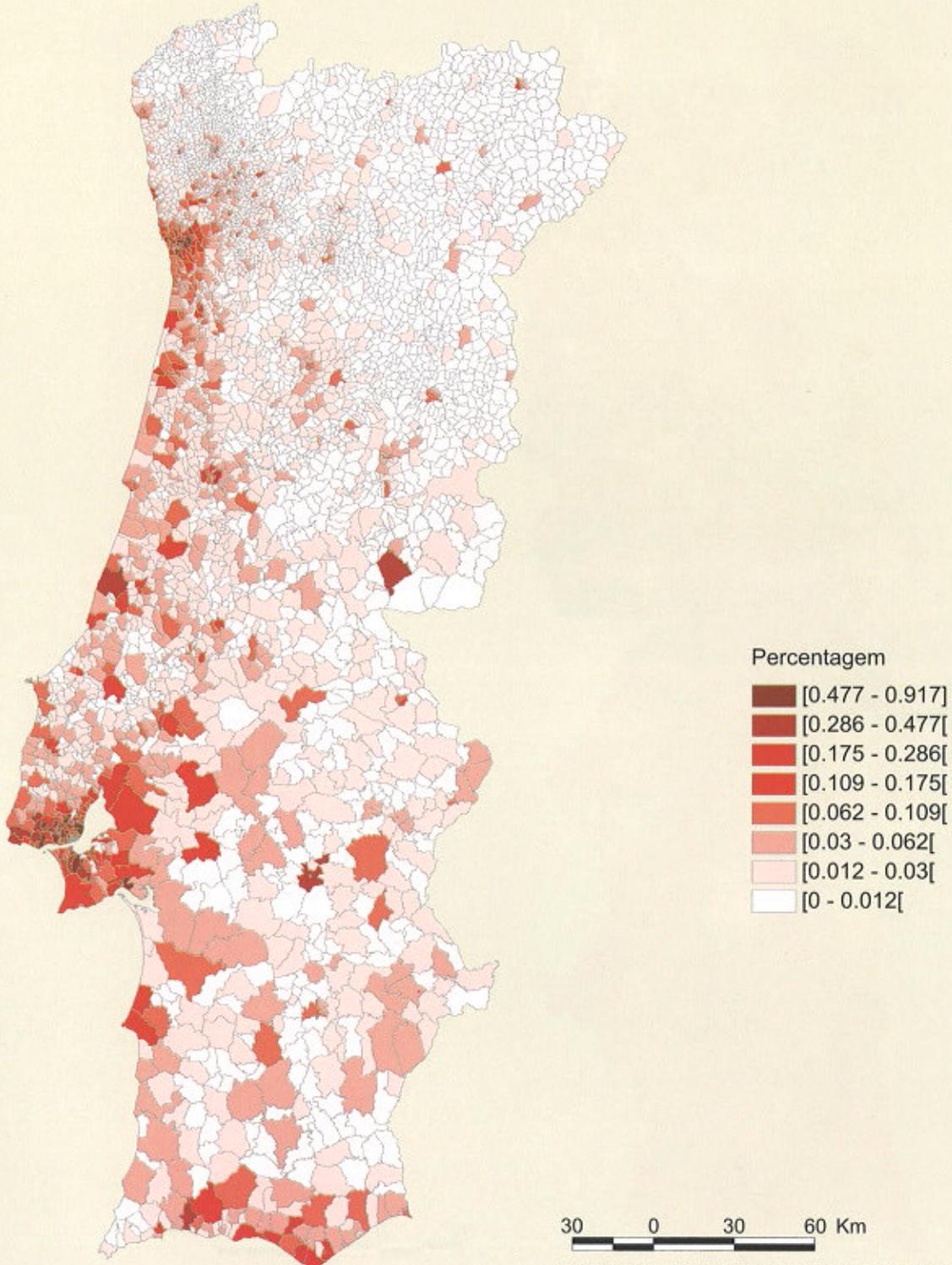
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1981



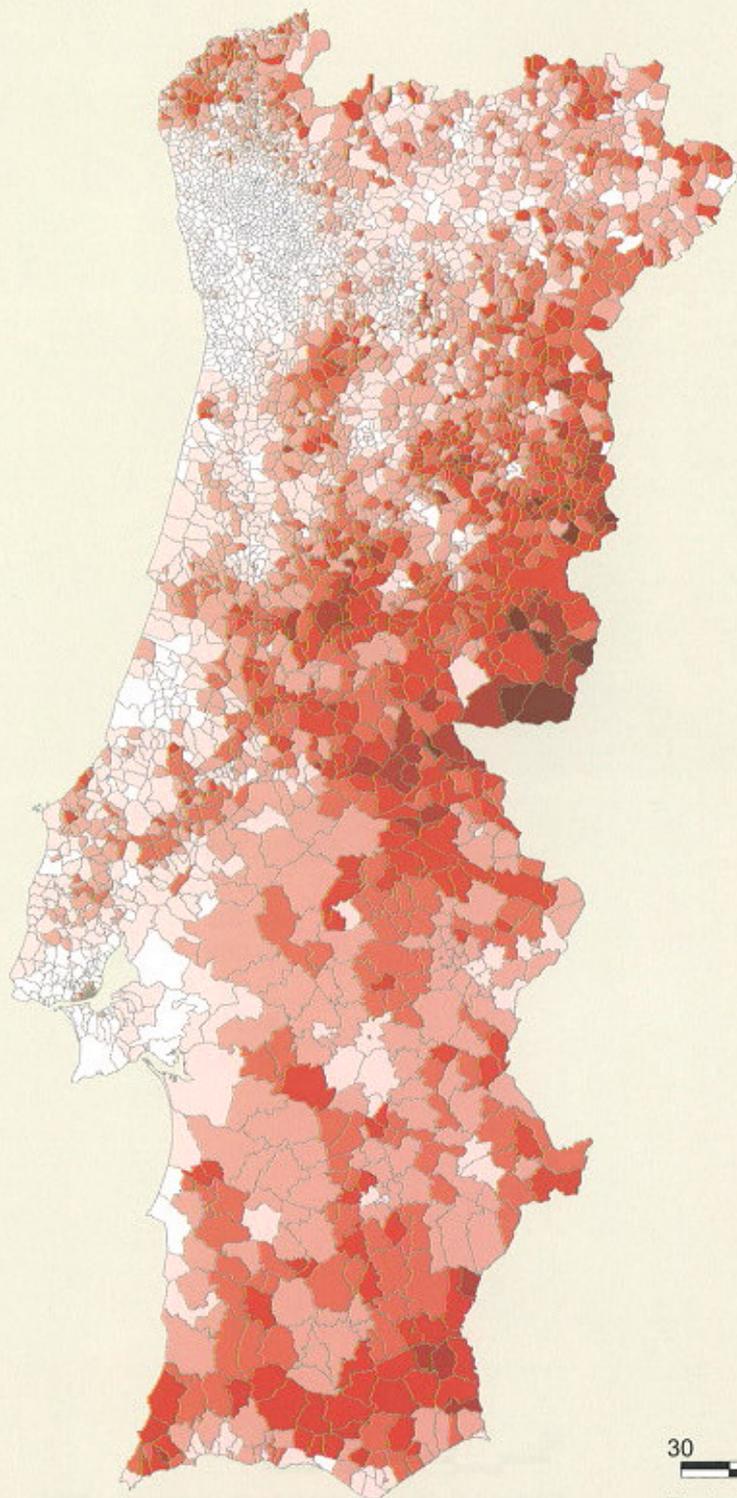
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, no total do
Continente, por freguesia, em 1991**



Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente com mais de 65 anos, por freguesia, em 1981



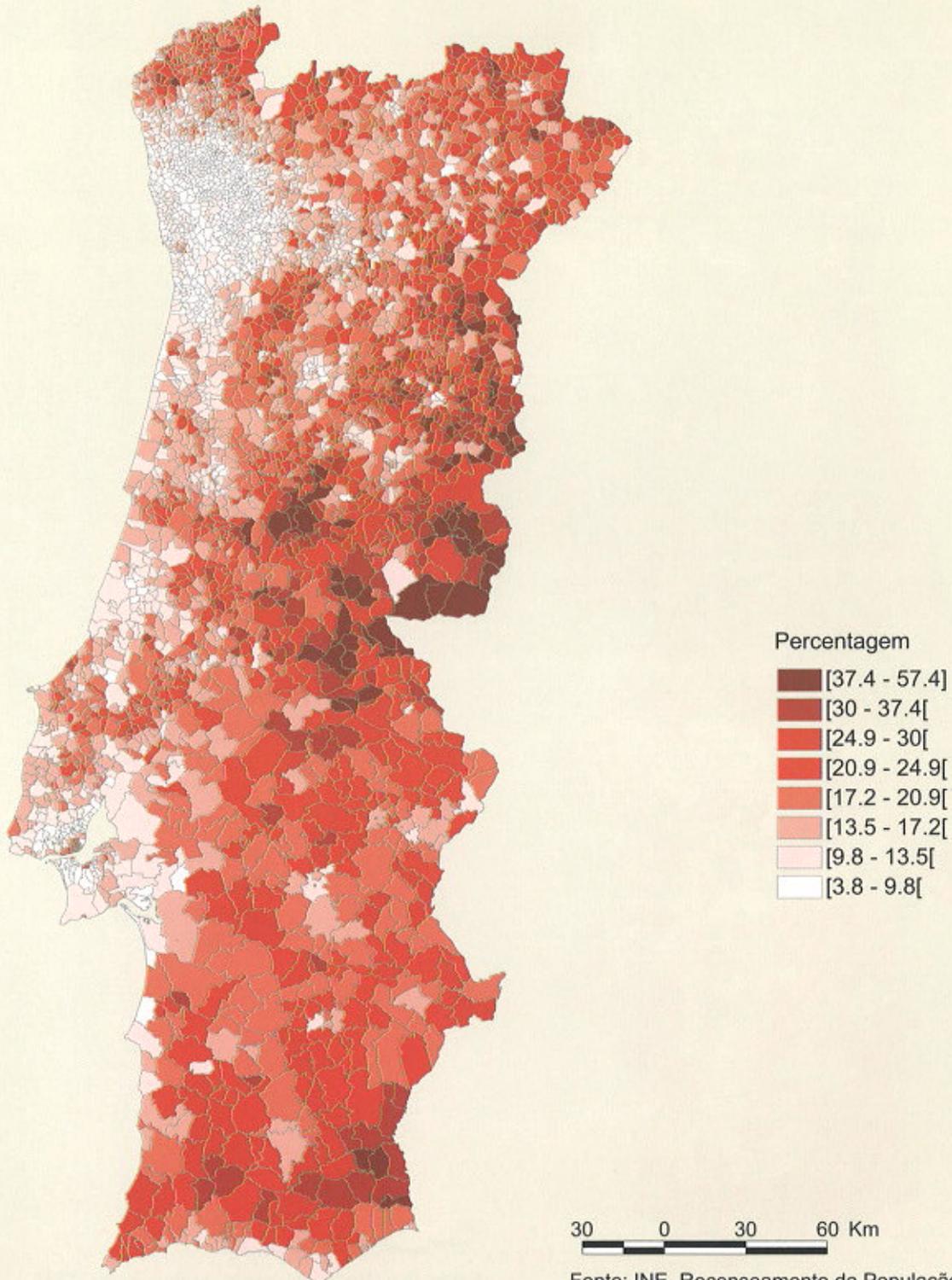
Percentagem

	[37.4 - 45]
	[30 - 37.4[
	[24.9 - 30[
	[20.9 - 24.9[
	[17.2 - 20.9[
	[13.5 - 17.2[
	[9.8 - 13.5[
	[3.6 - 9.8[

30 0 30 60 Km

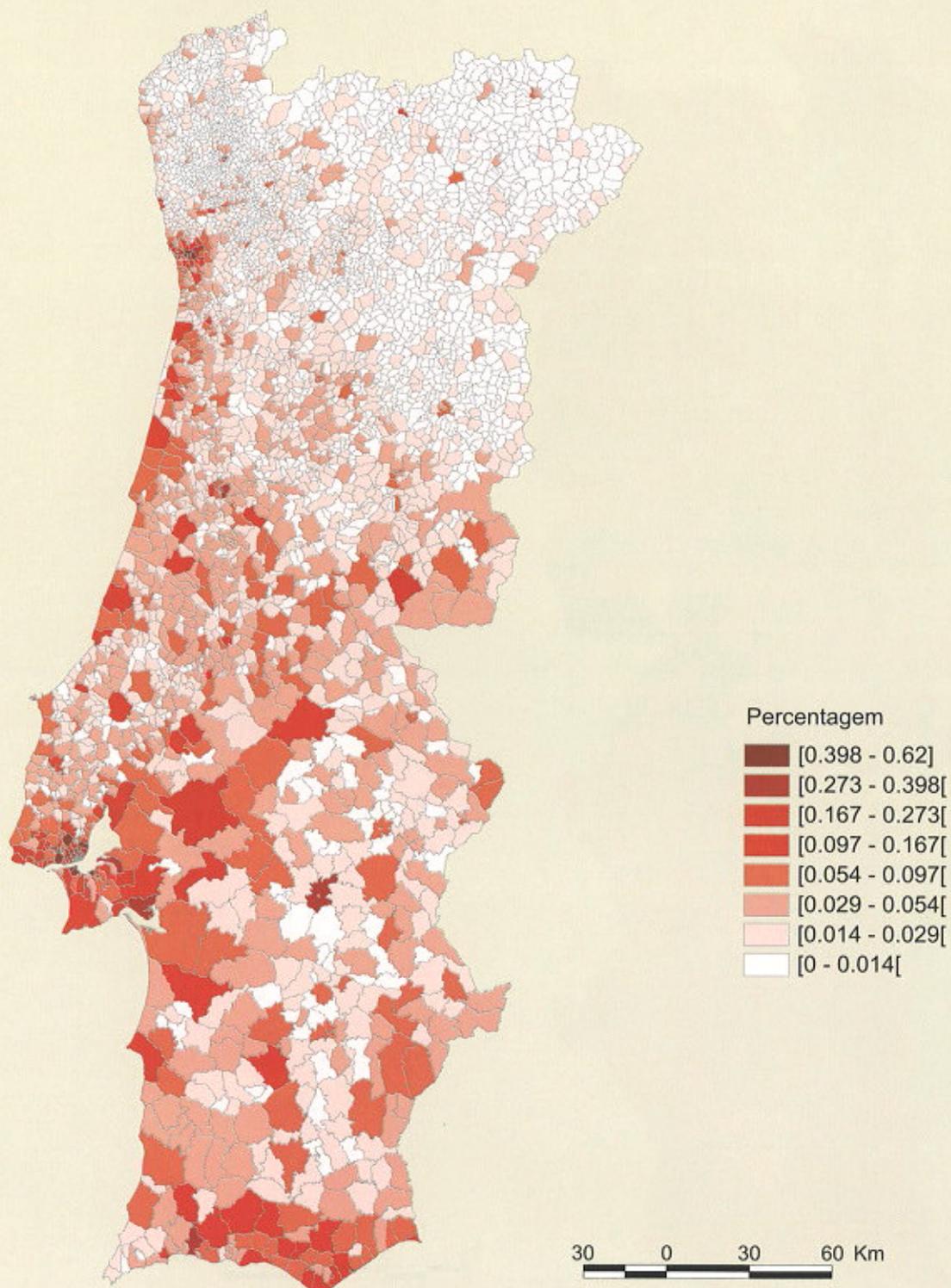
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente com mais de 65 anos, por
freguesia, em 1991**



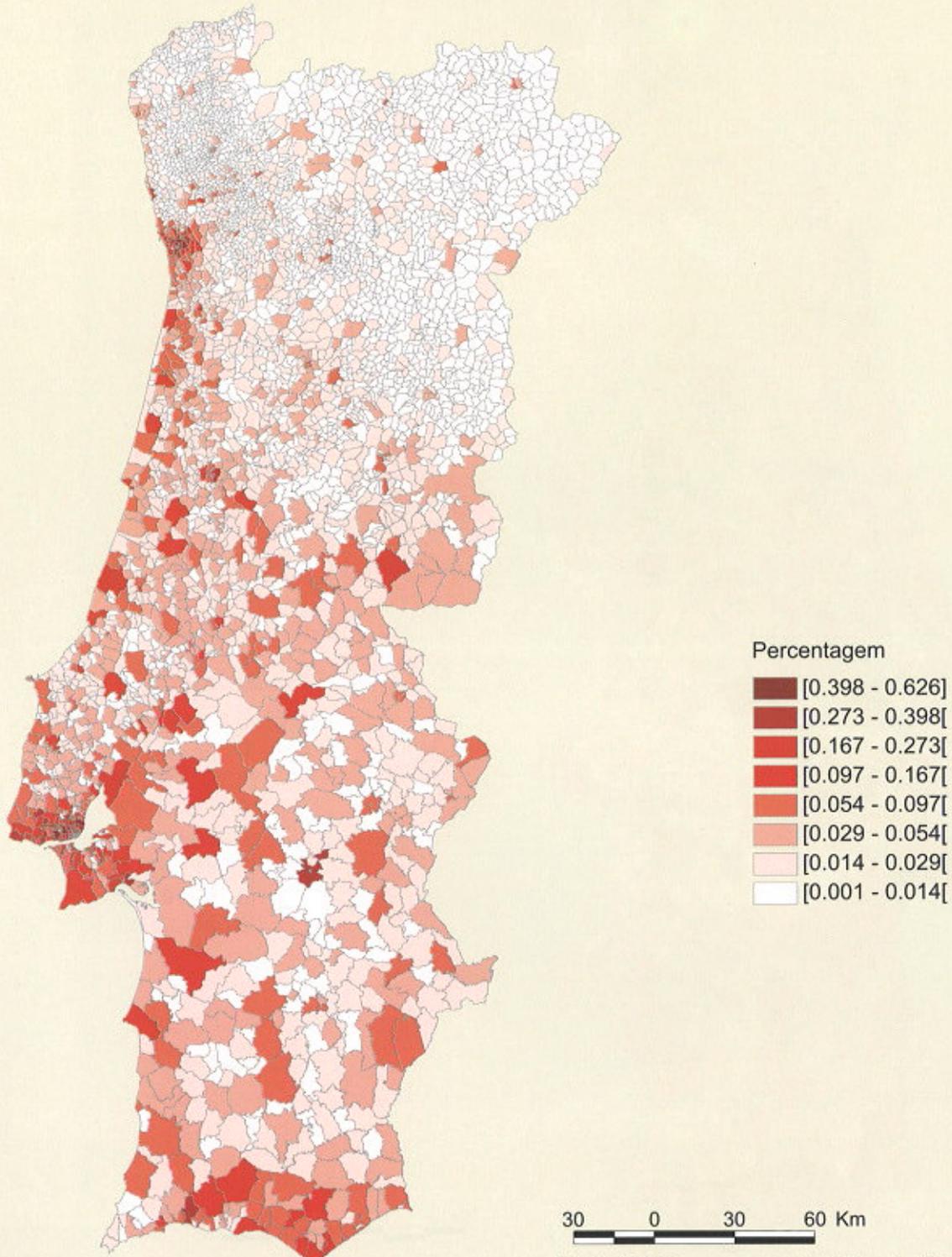
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

**Peso da população residente com mais de 65 anos,
no total do Continente, por freguesia, em 1981**



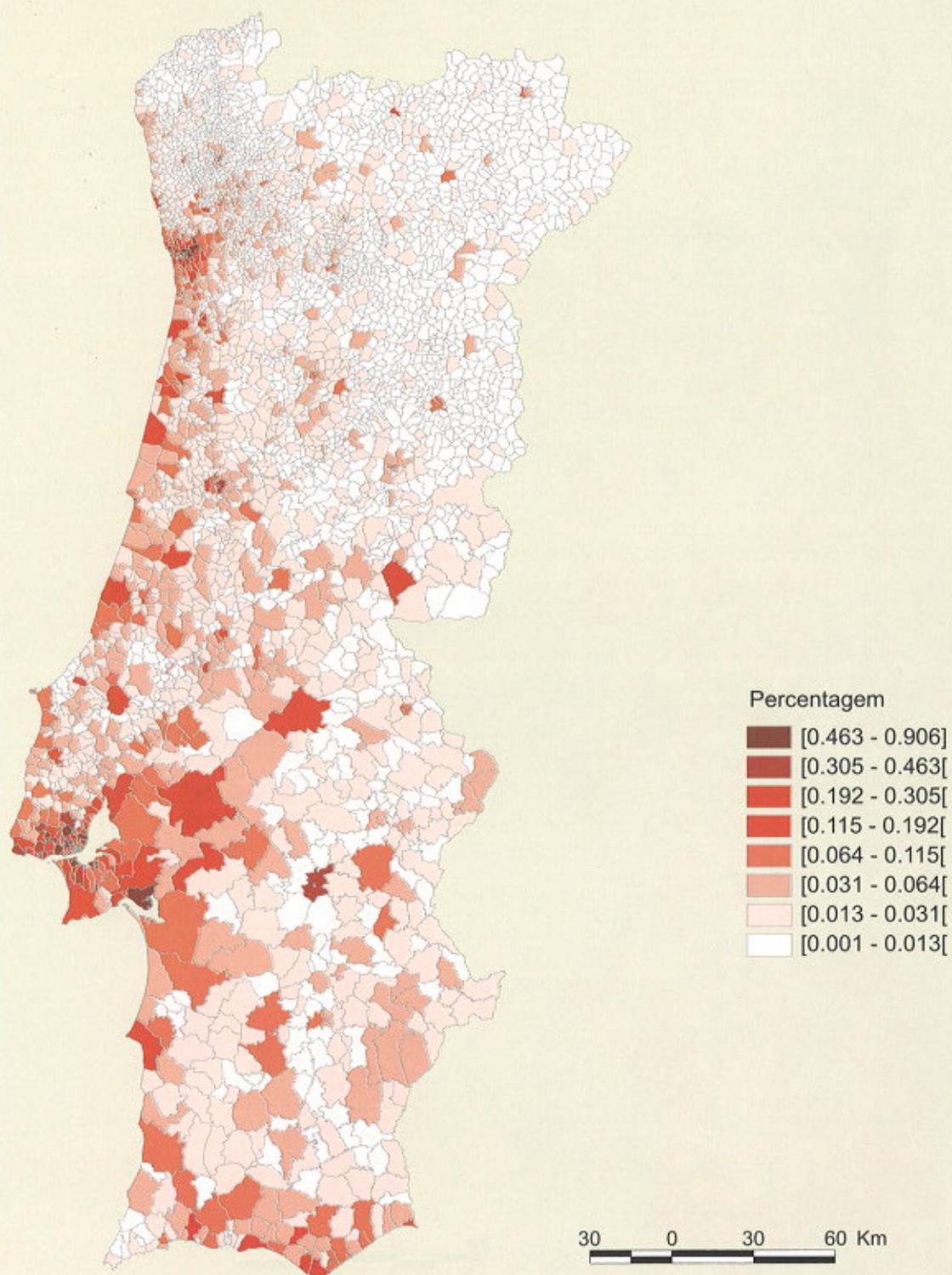
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente com mais de 65 anos,
no total do Continente, por freguesia, em 1991**



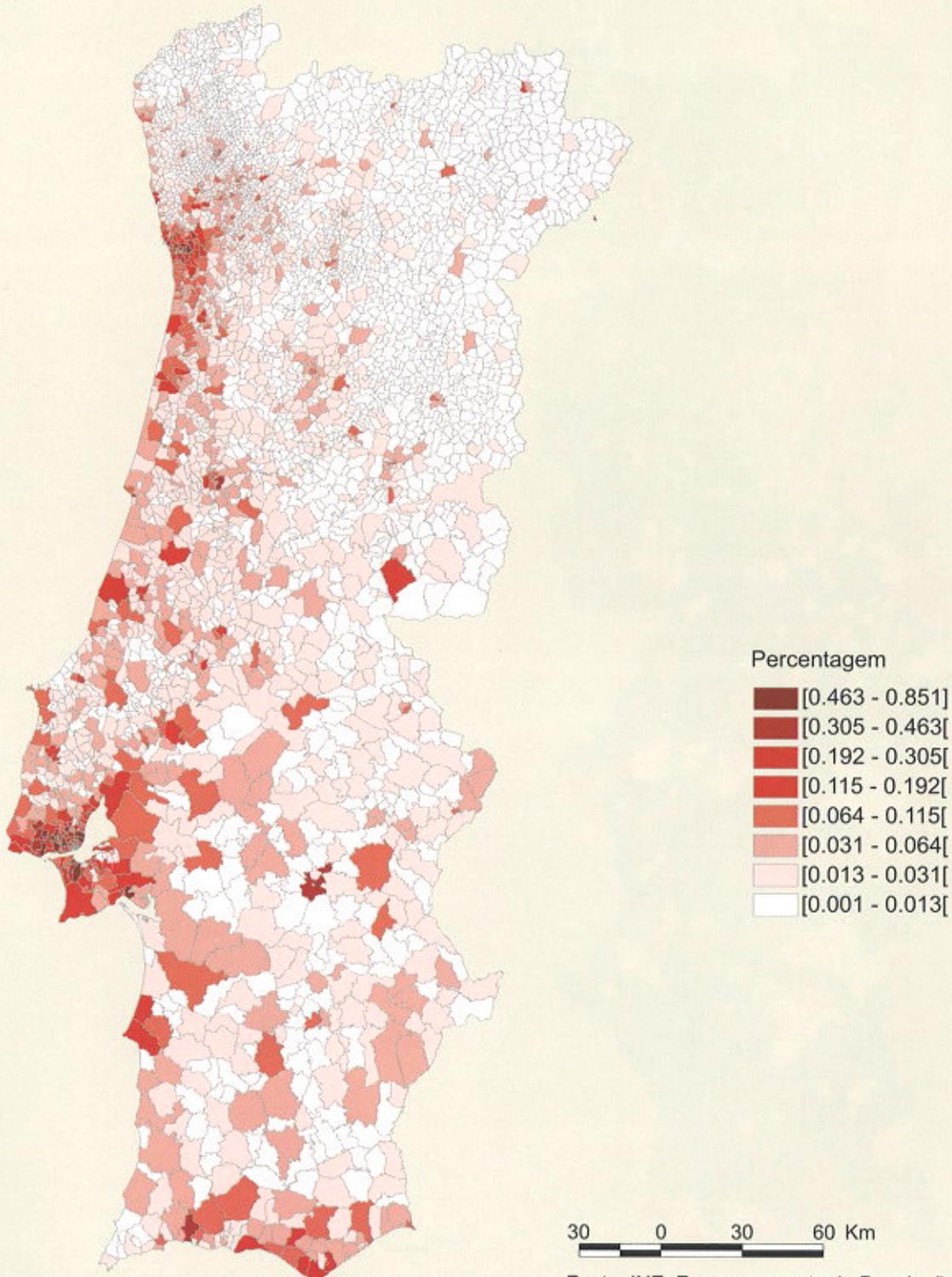
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Peso da população residente relativamente ao total do Continente, por freguesia, em 1981



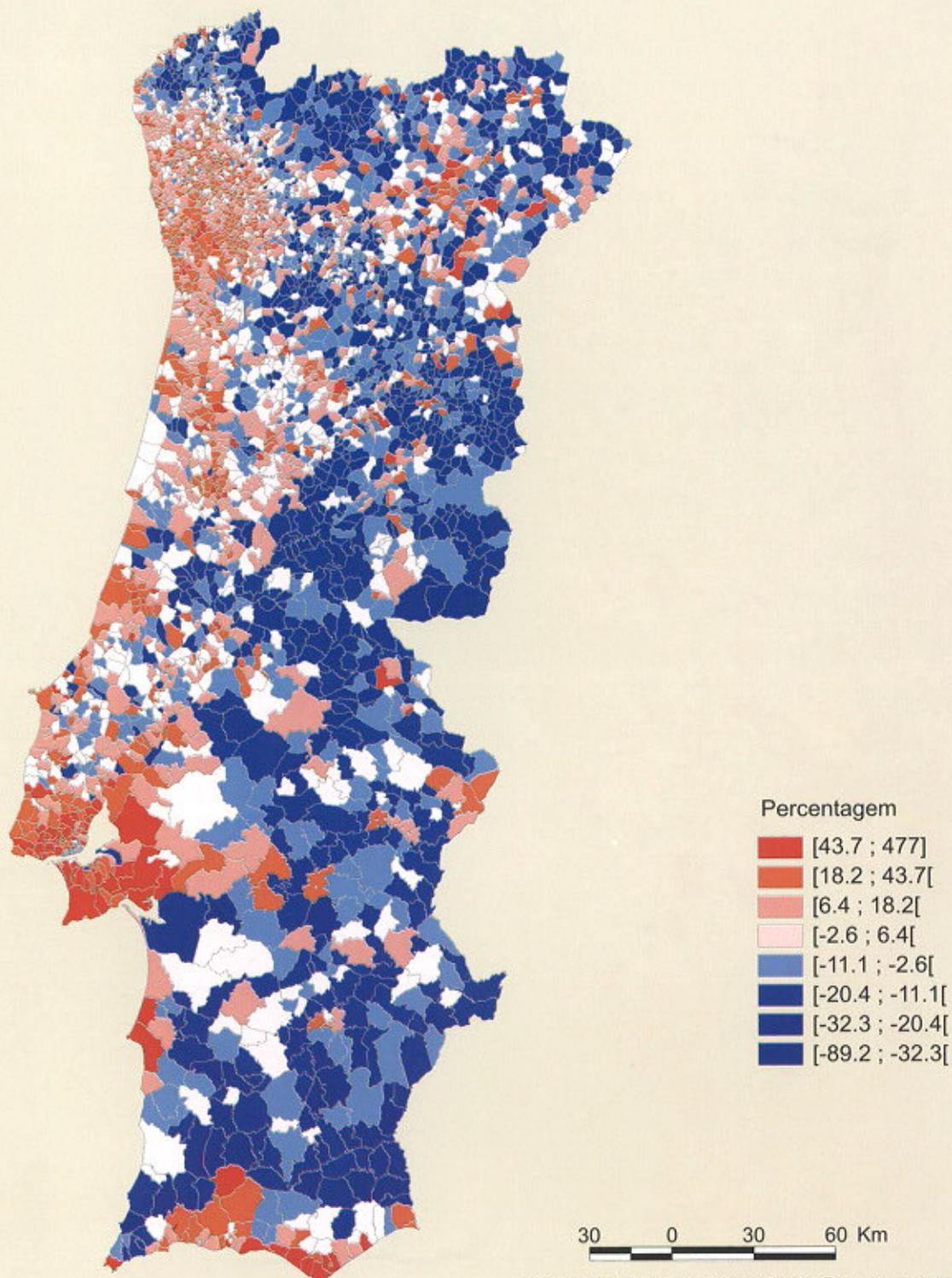
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

**Peso da população residente relativamente ao total do
Continente, por freguesia, em 1991**



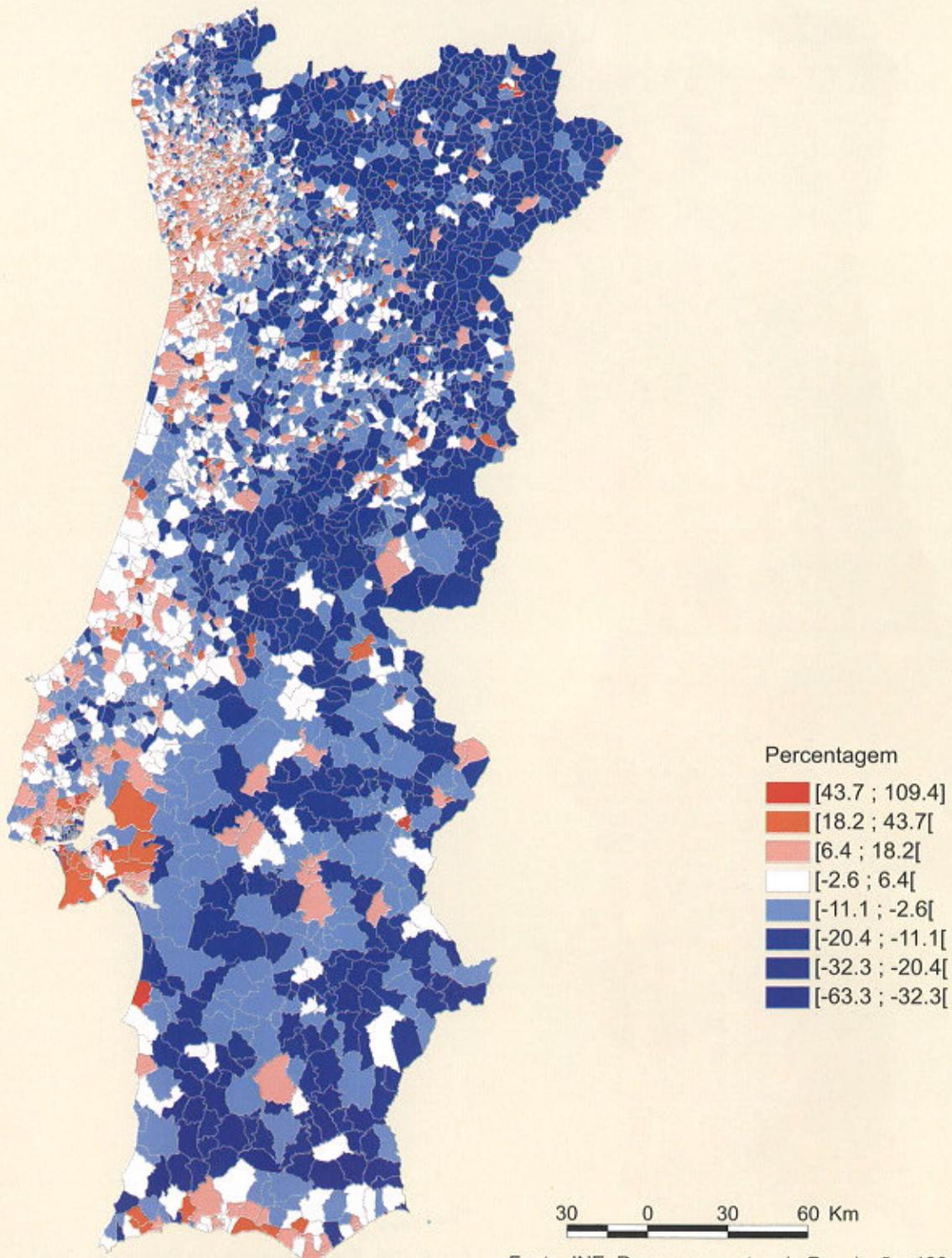
Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Varição da população residente, por freguesia, no período 1971 / 1981



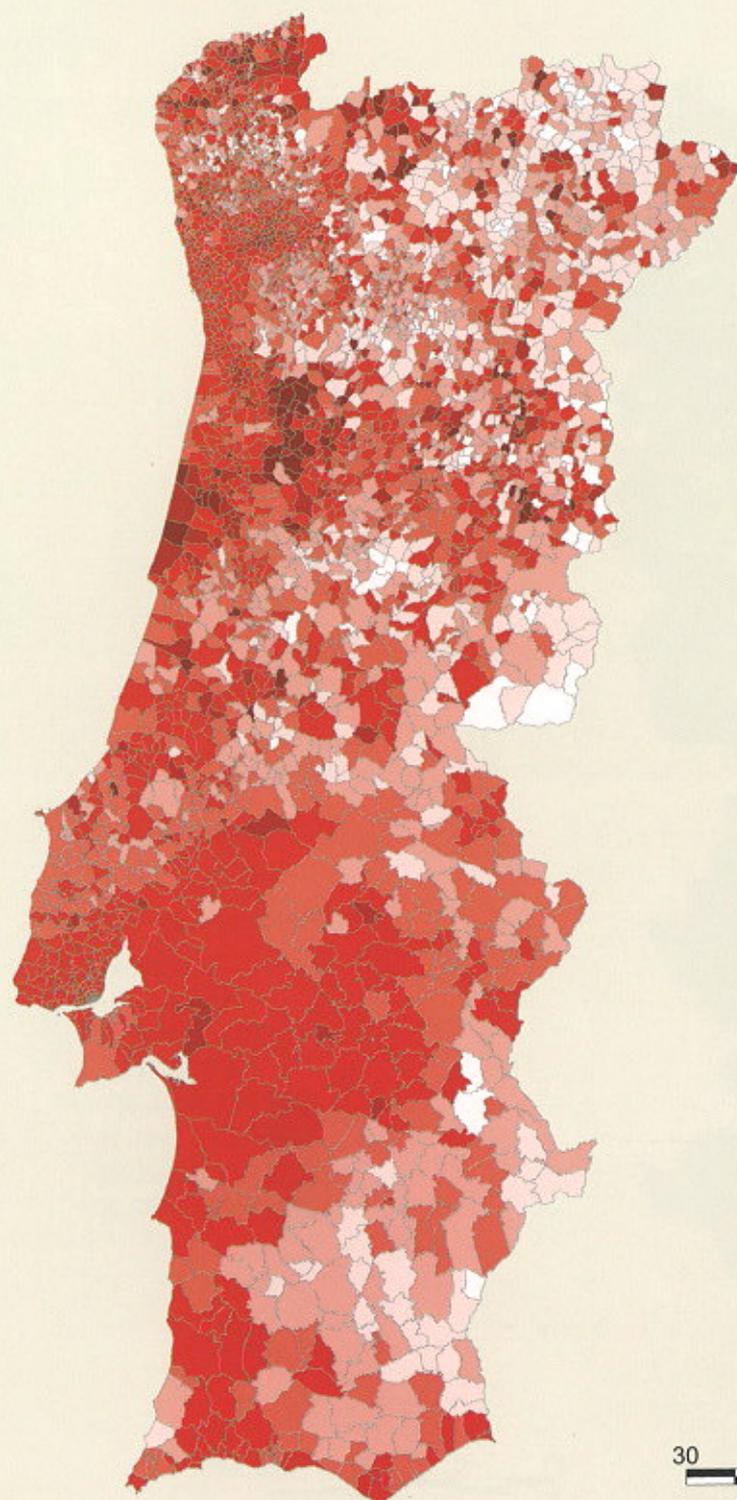
Fonte: INE, Recenseamentos da População, 1971 e 1981

**Variação da população residente, por freguesia, no período
1981 / 1991**



Fonte: INE, Recenseamentos da População, 1981 e 1991

Peso da população residente empregada no total da população residente, por freguesia, em 1981



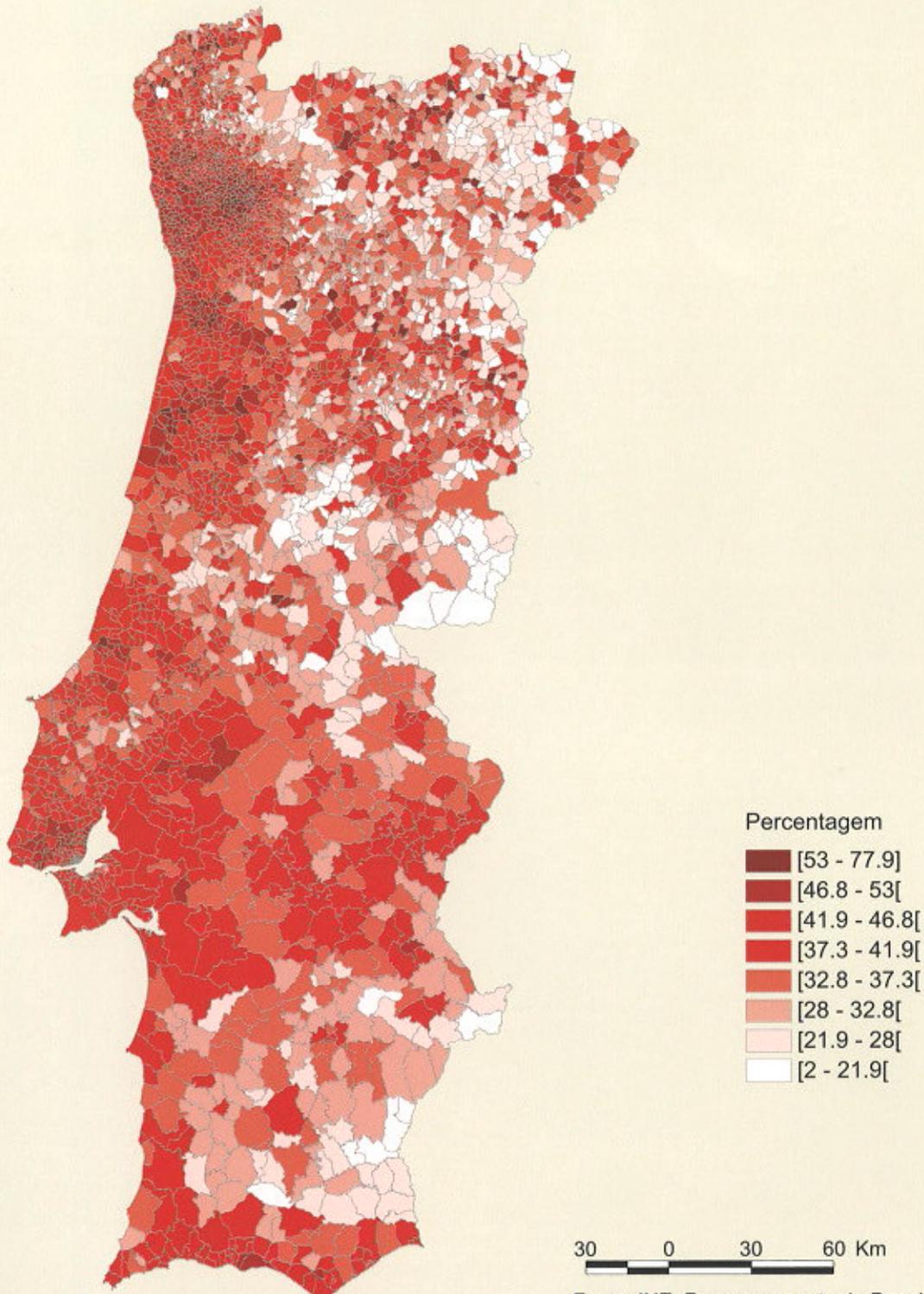
Percentagem

	[53 - 87.4]
	[46.8 - 53[
	[41.9 - 46.8[
	[37.3 - 41.9[
	[32.8 - 37.3[
	[28 - 32.8[
	[21.9 - 28[
	[4.8 - 21.9[

30 0 30 60 Km

Fonte: INE, Recenseamento da População, 1981

Peso da população residente empregada no total da população residente, por freguesia, em 1991



Fonte: INE, Recenseamento da População, 1991

Índice

Nota Introdutória	3
Dinâmicas e Padrões Territoriais	5
Anexo: Cartogramas Temáticos	29
Alojamentos por Edifício, por freguesia, em 1981	30
Alojamentos por Edifício, por freguesia, em 1991	31
Densidade Populacional, por freguesia, em 1981	32
Densidade Populacional, por freguesia, em 1991	33
Dimensão média das famílias, por freguesia, em 1981	34
Dimensão média das famílias, por freguesia, em 1991	35
Peso das mulheres residentes empregadas relativamente ao total de mulheres residentes, por freguesia, em 1981	36
Peso das mulheres residentes empregadas relativamente ao total de mulheres residentes, por freguesia, em 1991	37
Peso das mulheres residentes empregadas relativamente ao total da população residente empregada, por freguesia, em 1981	38
Peso das mulheres residentes empregadas relativamente ao total da população residente empregada, por freguesia, em 1991	39
Peso da população residente empregada no sector primário, no total do Continente, por freguesia, em 1981	40
Peso da população residente empregada no sector primário, no total do Continente, por freguesia, em 1991	41
Peso da população residente empregada no sector primário, por freguesia, em 1981	42
Peso da população residente empregada no sector primário, por freguesia, em 1991	43
Peso da população residente empregada no sector secundário, no total do Continente, por freguesia, em 1981	44
Peso da população residente empregada no sector secundário, no total do Continente, por freguesia, em 1991	45
Peso da população residente empregada no sector secundário, por freguesia, em 1981	46
Peso da população residente empregada no sector secundário, por freguesia, em 1991	47
Peso da população residente empregada no sector terciário serviços de natureza social - no total do Continente, por freguesia, em 1981	48
Peso da população residente empregada no sector terciário serviços de natureza social - no total do Continente, por freguesia, em 1991	49

Peso da população residente empregada no sector terciário serviços de natureza social - por freguesia, em 1981	50
Peso da população residente empregada no sector terciário serviços de natureza social - por freguesia, em 1991	51
Peso da população residente empregada no sector terciário serviços relacionados com a actividade económica - no total do Continente, por freguesia, em 1981	52
Peso da população residente empregada no sector terciário serviços relacionados com a actividade económica - no total do Continente, por freguesia, em 1991	53
Peso da população residente empregada no sector terciário serviços relacionados com a actividade económica - por freguesia, em 1981	54
Peso da população residente empregada no sector terciário serviços relacionados com a actividade económica - por freguesia, em 1991	55
Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, por freguesia, em 1981	56
Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, por freguesia, em 1991	57
Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1981	58
Peso da população residente dos 0 aos 14 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1991	59
Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, por freguesia, em 1981	60
Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, por freguesia, em 1991	61
Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1981	62
Peso da população residente dos 15 aos 24 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1991	63
Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, por freguesia, em 1981	64
Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, por freguesia, em 1991	65
Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1981	66
Peso da população residente dos 25 aos 64 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1991	67
Peso da população residente com mais de 65 anos, por freguesia, em 1981	68
Peso da população residente com mais de 65 anos, por freguesia, em 1991	69
Peso da população residente com mais de 65, no total do Continente, por freguesia, em 1981	70
Peso da população residente com mais de 65 anos, no total do Continente, por freguesia, em 1991	71
Peso da população residente relativamente ao total do Continente, por freguesia, em 1981	72
Peso da população residente relativamente ao total do Continente, por freguesia, em 1991	73
Varição da população residente, por freguesia, no período de 1971 / 1981	74
Varição da população residente, por freguesia, no período de 1981 / 1991	75
Peso da população residente empregada no total da população residente, por freguesia, em 1981	76
Peso da população residente empregada no total da população residente, por freguesia, em 1991	77